

**Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro**

Instituto de Educação

Pró-reitoria de Pesquisa e Pós-graduação

Programa de Pós-graduação em Psicologia

Conrado Padula de Araujo Trindade Corrêa

**C. G. Jung e o Caçador das Sombras: um diálogo entre ciência e espiritualidade**

Seropédica

2018

Conrado Padula de Araujo Trindade Corrêa

**C. G. Jung e o Caçador das Sombras: um diálogo entre ciência e espiritualidade**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Psicologia, da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre. Área de concentração: Psicologia.

Orientador: Prof. Dr. Nilton Sousa da Silva

Seropédica

2018

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Biblioteca Central / Seção de Processamento Técnico

Ficha catalográfica elaborada  
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

C824c

Corrêa, Conrado Padula de Araujo Trindade , 1982-  
C. G. Jung e o Caçador das Sombras: um diálogo  
entre ciência e espiritualidade. / Conrado Padula de  
Araujo Trindade Corrêa. - 2018.  
130 f.: il.

Orientador: Nilton Sousa da Silva.  
Dissertação (Mestrado). -- Universidade Federal Rural  
do Rio de Janeiro, Programa de Pós-graduação em  
Psicologia, 2018.

1. Espiritualidade. 2. Ciência. 3. Psicologia  
analítica. 4. Heavy metal. I. Silva, Nilton Sousa da ,  
1958-, orient. II Universidade Federal Rural do Rio  
de Janeiro. Programa de Pós-graduação em Psicologia  
III. Título.

O presente trabalho foi realizado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001

This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Finance Code 001

Conrado Padula de Araujo Trindade Corrêa

**C. G. Jung e o Caçador das Sombras: um diálogo entre ciência e espiritualidade**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Psicologia, da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre. Área de concentração: Psicologia.

Aprovada em 17/09/2018.

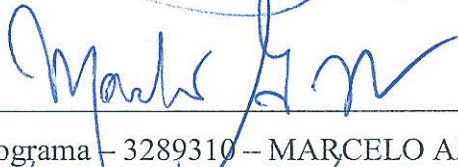
Banca Examinadora:



Presidente – 1226849 – NILTON SOUSA DA SILVA



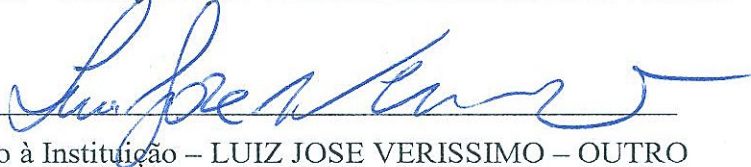
Externo ao Programa – 2486327 – FREDERICO ALAN DE OLIVEIRA CRUZ



Externo ao Programa – 3289310 – MARCELO AZEVEDO NEVES



Externo à Instituição – NELSON JOB VASCONCELOS DE CARVALHO – UFRJ



Externo à Instituição – LUIZ JOSE VERISSIMO – OUTRO

## AGRADECIMENTOS

Ao professor e orientador Nilton Sousa da Silva pelo acolhimento e pela humildade demonstrados desde o primeiro e inesquecível encontro que tivemos.

Aos professores que compõem a banca examinadora por terem gentilmente aceitado o convite para avaliar minha dissertação.

Aos professores do Programa de Pós-graduação em Psicologia da UFRRJ pelos ensinamentos.

Às colegas Clara Diniz e Renata Reis por todo o apoio e pela amizade que perdurará.

Aos colegas orientandos do Prof. Nilton da turma 2015 e da turma 2017 por terem compartilhado comigo uma boa parte dessa caminhada.

Aos colegas da turma 2016 do Mestrado em Psicologia da UFRRJ pelos bons momentos vividos em conjunto.

Aos funcionários do Instituto de Educação pelo apoio fundamental aos estudantes e aos professores que frequentam o local.

Aos alunos da graduação em Psicologia da UFRRJ por apoiarem meu trabalho no estágio docente.

À minha família, especialmente minha mãe, que investiu de forma irrestrita nos meus estudos.

À minha esposa Isabela, por me apoiar na construção da dissertação, e ao nosso filho Francisco, por alimentar minha alma com ternura e inspiração.

## RESUMO

O presente trabalho propõe um diálogo entre ciência e espiritualidade, a partir da análise e compreensão do conteúdo literário do álbum *Temple of Shadows* da banda Angra à luz da psicologia analítica do psicólogo e médico psiquiatra Carl Gustav Jung (1885-1961). Para tanto, o mesmo descreve a maneira pela qual Jung investiga a psique humana; elucida a forma como ele compreende a espiritualidade a partir de um olhar científico; demonstra uma espiritualidade presente no *rock'n'roll* e no *heavy metal*; e realiza uma análise a partir de um olhar junguiano, fenomenológico e hermenêutico, do conteúdo literário do álbum *Temple of Shadows* da banda Angra. A gradual dissociação entre os saberes científico e espiritual que se inicia ao final da Idade Média favoreceu o surgimento de uma filosofia antropocêntrica que, embora tenha permitido à humanidade avanços tecnológicos, acabou por afastá-la de sua essência espiritual e da natureza. Para que haja uma reaproximação entre ciência e espiritualidade, faz-se necessário um diálogo que almeje a mútua compreensão entre os dois campos do saber. Para tanto, Jung investiga fenômenos psicológicos que aspiram à espiritualidade de forma científica e interdisciplinar, em diálogo com a mitologia, a religião, a teologia, as neurociências, a medicina, a física, a filosofia, etc. No âmbito da música *rock'n'roll* e seu subgênero *heavy metal*, a espiritualidade também se faz presente. É o caso do álbum *Temple of Shadows* da banda brasileira Angra, que narra a saga de uma personagem: o Caçador das Sombras, um cavaleiro do século XII que durante uma guerra santa, após ser ferido em batalha, acaba conhecendo e casando-se com uma mulher muçulmana antes de seguir seu destino profetizado por um velho rabino e uma prostituta cigana. A personagem sofre um impacto psicológico frente a revelações e acontecimentos que vão além de sua capacidade de compreensão racional e que modificam profundamente sua forma de agir, pensar e sentir o mundo externo e a si mesmo. Tanto a personagem Caçador das Sombras quanto Jung adotam posturas de compreensão e tolerância que viabilizam o diálogo e a compreensão entre campos do saber que estão cindidos durante os períodos de suas vidas.

**Palavras-chave:** Espiritualidade. Ciência. Psicologia analítica. *Heavy metal*.

## ABSTRACT

The present work proposes a dialogue between science and spirituality, from the analysis and understanding of the literary content of the album *Temple of Shadows* of the band Angra in light of the analytical psychology of psychologist and psychiatrist Carl Gustav Jung (1885-1961). For this, it describes the way in which Jung investigates the human psyche; elucidates the way he understands spirituality from a scientific look; demonstrates a spirituality present in rock'n'roll and heavy metal; and performs a case study from a jungian look, phenomenological and hermeneutic, of the literary content of the album *Temple of Shadows* of the band Angra. The gradual dissociation between scientific and spiritual knowledge beginning at the end of the Middle Ages favored the emergence of an anthropocentric philosophy which, although it allowed mankind technological advances, eventually removed it from its spiritual essence and nature. For a rapprochement between science and spirituality, a dialogue that seeks mutual understanding between the two fields of knowledge is needed. To this end, Jung investigates psychological phenomena that aspire to spirituality in a scientific and interdisciplinary way, in dialogue with mythology, religion, theology, neurosciences, medicine, physics, philosophy, etc. In the scope of music rock'n'roll and its subgenre heavy metal, the spirituality also makes present. This is the case of the *Temple of Shadows* album by the Brazilian band Angra, which tells the saga of a character: the Shadow Hunter, a 12th-century knight who, after being wounded in battle, ends up meeting and marrying a Muslim woman before following his fate prophesied by an old Rabbi and a Gypsy prostitute. The character has a psychological impact on revelations and events that go beyond his capacity for rational understanding and that deeply modify his way of acting, thinking and feeling the external world and himself. Both Shadow Hunter and Jung adopt attitudes of understanding and tolerance that enable dialogue and understanding between fields of knowledge that are split apart during the periods of their lives.

**Keywords:** Spirituality. Science. Analytical psychology. Heavy metal.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	7
<b>1 EPISTEMOLOGIA E MÉTODO NA PSICOLOGIA ANALÍTICA DE C. G. JUNG .....</b>	<b>12</b>
<b>2 ESPIRITUALIDADE NA PERSPECTIVA DE C. G. JUNG.....</b>	<b>30</b>
<b>3 ANJOS E DEMÔNIOS NO <i>ROCK</i> E NO <i>METAL</i> .....</b>	<b>49</b>
<b>4 UM DIÁLOGO ENTRE O CAÇADOR DAS SOMBRAS E C. G. JUNG.....</b>	<b>64</b>
4.1 A banda Angra e seu álbum Temple of Shadows .....	64
4.2 Análise do álbum Temple of Shadows à luz da psicologia analítica de Jung.....	66
4.2.1 Deus le Volt! - Deus quer Assim!.....	67
4.2.2 Spread your Fire – Espalhe seu fogo .....	71
4.2.3 The Shadow Hunter – O Caçador das Sombras.....	74
4.2.4 Morning Star – Estrela da Manhã .....	77
4.2.5 Wishing Well – Poço dos Desejos .....	80
4.2.6 Waiting Silence – Silêncio de Espera .....	83
4.2.7 The Temple of Hate – O Templo do Ódio .....	86
4.2.8 No Pain for the Dead – Nenhuma Dor para Mortos.....	89
4.2.9 Winds of Destination – Ventos do Destino .....	91
4.2.10 Sprouts of Time – Frutos do Tempo .....	94
4.2.11 Angels and Demons – Anjos e Demônios.....	97
4.2.12 Late Redemption – Redenção Tardia.....	102
4.2.13 Gate XIII – Portão XIII .....	105
CONCLUSÃO.....	108
REFERÊNCIAS.....	112
<b>ANEXO A – Conteúdo literário original do álbum Temple of Shadows</b>	
<b>(em inglês) .....</b>	<b>118</b>



## INTRODUÇÃO

A gradual passagem da Idade Média para o Renascimento é marcada por uma crise artística, religiosa, científica e filosófica que vai ditar o pensamento da civilização ocidental na Idade Moderna. Aos poucos, religião e ciência começam a se dissociar até que a segunda passa a reivindicar exclusividade na produção de conhecimento: uma filosofia antropocêntrica começa a surgir e a técnica (tecnologia) a imperar. Com isso, a humanidade experimenta o avanço tecnológico em velocidade nunca antes testemunhada. Porém, esse avanço a conduziu a um afastamento de sua própria essência e de uma integração com a natureza, sendo necessário aos indivíduos investir em uma nova forma de exercer o conhecimento: através da reaproximação entre ciência e religião, através de um paradigma mais tolerante (SHORTO, 2013).

Para tanto, pensadores como o médico psiquiatra e psicólogo suíço Carl Gustav Jung (1875-1961) propõem que a ciência deve ser praticada através de uma colaboração interdisciplinar em diálogo com outros campos do saber como, por exemplo: a religião, a mitologia, a filosofia, o folclore e a alquimia. O trabalho de Jung em sua exploração de temas espirituais a partir de um olhar científico aprofunda-se em um campo de conhecimento em que ciência e religião dialogam, em que uma espiritualidade é compreendida como parte essencial da vida psicológica dos indivíduos e, por isso, estudada e levada a sério (SHAMDASANI, 2005). Apoiado na psiquiatria dinâmica e na filosofia alemã, especialmente no Romantismo, Jung estrutura sua criação, a psicologia analítica, a partir do método que ele mesmo denominou como *método construtivo* e *método sintético*. Com essa perspectiva metodológica, ele investiga a manifestação dos fenômenos psicológicos através de uma abordagem científica e não metafísica; fenômenos que transcendem o reducionismo materialista da física clássica na ciência moderna e, ao mesmo tempo, adentram no universo da psique humana com suas aspirações à religião, à espiritualidade e a temas relacionados (PENNA, 2013).

Em seu esforço para eliminar a hierarquia entre a ciência moderna e outras formas de conhecimento, Jung é apontado como um desbravador do paradigma científico chamado *transdisciplinaridade* (LIMA, 2015). As premissas da transdisciplinaridade (NICOLESCU, 1999) serão explicadas logo no primeiro capítulo da presente dissertação. Um exemplo recente do eco de uma postura transdisciplinar que se aproxima da dimensão da

espiritualidade foi dado dentro da academia brasileira, quando uma universidade tradicional promoveu um diálogo entre ciência e espiritualidade com a implantação da disciplina “Medicina e Espiritualidade”, ministrada pelo professor José Genilson Ribeiro, na faculdade de Medicina da Universidade Federal Fluminense, conforme destacado em reportagem apresentada no dia 30 de junho de 2018, no portal eletrônico de um jornal de grande circulação<sup>1</sup>.

A espiritualidade também está presente no universo da música. Ao entrar em contato com o *heavy metal* (ou *metal*), subgênero do estilo musical *rock'n'roll* (ou *rock*), muitos indivíduos experimentam um efeito psicológico que lhes inspira reflexões, intuições, sentimentos e atitudes de ordem religiosa, espiritual (CARDOSO, 2010). Por sua vez, o álbum *Temple of Shadows*<sup>2</sup> (Templo das Sombras) do Angra, banda brasileira de *metal*, apresenta um conteúdo literário criado pelo compositor e guitarrista Rafael Bittencourt, que narra a saga de uma personagem: um cavaleiro cruzado do século XII, o Caçador das Sombras, que em meio a uma guerra santa apaixona-se e casa-se com uma mulher muçulmana, antes de seguir seu caminho já profetizado por um velho rabino e uma prostituta cigana. Ao mesmo tempo em que vive disputas mundanas, o protagonista precisa lidar com um impacto psicológico resultante de afetos, revelações e acontecimentos que escapam à sua compreensão racional e transformam sua maneira de agir, pensar e sentir o mundo externo e a si mesmo.

Considerando a existência de uma necessidade de reaproximação entre os saberes científico e religioso (espiritual); tendo em vista que Jung (OC. XI) relaciona o termo espiritualidade (a que chamou *religiosidade*)<sup>3</sup> com a atitude do indivíduo em dispor uma atenção zelosa e respeitosa a fenômenos e presenças sobrenaturais, fenômenos que não obedecem à sua vontade e que transcendem seu mundo objetivo, produzindo um efeito arrebatador capaz de modificar a consciência do indivíduo; tendo em vista que o protagonista da saga apresentada acima, o Caçador das Sombras, dispõe sua atenção a uma arrebatadora inquietação provocada por fenômenos que não podem ser explicados por sua razão objetiva, o que provoca uma significativa modificação em sua consciência; surge, então, ao autor do presente trabalho o seguinte questionamento: de que forma uma ciência que incorpora a

---

1 KALICHESKI, 2018.

2 ANGRA, 2004.

3 DORST, 2015, p.16.

espiritualidade, neste caso, a psicologia analítica de Carl Gustav Jung, pode compreender o conteúdo literário do álbum *Temple of Shadows* da banda Angra?

Dessa maneira, o objetivo geral da pesquisa é analisar e compreender o conteúdo literário do álbum *Temple of Shadows* da banda Angra à luz da psicologia de Jung. Já os objetivos específicos são: (a) descrever a forma como Jung estuda a psique humana; (b) ilustrar como Jung entende a espiritualidade através de um olhar científico; (c) exemplificar formas de experimentar a espiritualidade presente no *rock* e no *metal*; e (d) analisar a partir de um olhar junguiano, fenomenológico e hermenêutico, a saga da personagem Caçador das Sombras.

Através dos objetivos supracitados, busca-se contribuir para o saber científico atual no sentido de suscitar uma reflexão sobre a importância e a possibilidade de uma reaproximação entre ciência e espiritualidade, através de um diálogo interdisciplinar com, por exemplo, a música, a história, a teologia, a filosofia, a mitologia e a psicologia analítica.

O presente trabalho estrutura-se em quatro capítulos que dialogam entre si. A leitura e a análise de livros, artigos e teses, em conjunto com análise de matérias publicadas em portais eletrônicos relacionados com o tema da pesquisa, compõem os três primeiros capítulos e prepara o leitor para a análise propriamente dita a ser realizada no quarto e último capítulo, conforme detalhado nos próximos parágrafos.

O primeiro capítulo, “Epistemologia e método na psicologia analítica de C. G. Jung”, expõe o afastamento entre ciência e espiritualidade que começou no período do Renascimento e que continua até os nossos dias, embora, hoje, exista um movimento para reaproximar os dois saberes com perspectivas epistêmicas entre eles. Nesse contexto, entre a ciência e a espiritualidade, a psicologia analítica de Jung é apresentada junto às suas raízes filosóficas e da psiquiatria dinâmica. O capítulo também aborda a importância dos esforços de Jung para a construção da psicologia moderna ao lado de outros pensadores da área da psicologia e de outros saberes, uma vez que trabalha de forma interdisciplinar. Por fim, a metodologia utilizada na presente pesquisa e, ao mesmo tempo, relacionada com conceitos-chave da psicologia analítica, é apresentada de forma a preparar o leitor para os capítulos posteriores. Aqui, o autor desta dissertação já sinaliza o caráter fenomenológico e hermenêutico da metodologia junguiana, que permite a apreensão e a compreensão de *símbolos* oriundos do *inconsciente*, para constituir a dinâmica da base metodológica da análise que será realizada no quarto capítulo.

No segundo capítulo, “Espiritualidade na perspectiva de C. G. Jung”, o termo espiritualidade é trabalhado e delimitado. Em seguida, descreve a busca de Jung para compreender cientificamente o material inconsciente como possibilidade de revelar a dimensão espiritual da psique humana. No mesmo capítulo, um percurso interdisciplinar é demonstrado em alguns estudos nos quais a ciência e a espiritualidade atuam conjuntamente. É o caso, por exemplo, das pesquisas dos autores Carlos Castaneda (1984) no campo da antropologia, Ernst Cassirer (2005) no campo da filosofia, Facundo Manes (2015) e Vilayanur Subramanian Ramachandran (2011) no campo das neurociências, Paulo César Fructuoso (2013) no campo da medicina, Divaldo Franco (1995) e Stanislav Grof (2000) no campo da psicologia transpessoal, além de outros. Durante o curso da demonstração das pesquisas mencionadas, há um diálogo regular com a visão que a psicologia analítica adota frente ao tema espiritualidade. Dessa maneira, no final do capítulo o leitor terá em mãos um significativo material teórico que o permitirá compreender a análise que almeja responder ao questionamento da pesquisa. Entretanto, a compreensão do material somente estará completa com a leitura do capítulo seguinte, que aborda temas essenciais ligados ao *rock*, ao *metal* e à música em geral.

O terceiro capítulo, “Anjos e demônios no *rock* e no *metal*”, promove uma reflexão ao demonstrar a existência da significativa relação entre música e espiritualidade. Ele demonstra que o *rock* e o *metal* fazem parte de tal relação e que ela pode ser vivida tanto no campo do profano, do diabólico, quanto no campo do sagrado, do divino. Para tanto, são contrastadas visões distintas e possivelmente opostas sobre a natureza e os efeitos espirituais do *rock*, a partir de dois estudiosos da relação entre espiritualidade e música: David Tame (1984) e Diogo da Silva Cardoso (2010). Para o primeiro, o *rock* corresponde a uma espécie de mal demoníaco a ser erradicado, enquanto para o segundo, uma possível ponte que possibilita ao indivíduo vivenciar aspectos divinos da vida. Também são exemplificadas pesquisas que abarcam a espiritualidade vinculada ao *rock* e ao *metal*. O terceiro capítulo ainda lida com aspectos esquecidos do *rock*, uma vez que este nasce dentro da cultura negra norte-americana e, por este motivo, é combatido por elites brancas da época sob acusação de provocar atitudes e ideias profanas, destrutivas.

Jung (OC. X, § 95) identifica a cultura negra como a influência prevalecte da música e da dança norte-americanas. É o caso do *rock*, que surge do seio da cultura negra norte-americana na década de 1940, destacadamente através da cantora e compositora Rosetta

Tharpe (1915-1973), reconhecida como sua criadora pelo maior museu norte-americano dedicado à música *rock*: o *Rock & Roll Hall of Fame*. Tharpe influenciou grandes nomes do *Rock* como Elvis Presley (1935-1977), B.B.King (1925-2015), Bob Dylan (1941-), Johnny Cash (1932-2003) e Little Richard (1932-)<sup>4</sup>. Por se tratar de um movimento cultural negro inserido em um local e numa época de grandes tensões raciais, o *rock* sofre pressão por segmentos da sociedade norte-americana (ROCHEDO, 2013). Assim, o terceiro capítulo também almeja demonstrar que, tanto no surgimento do *rock* quanto na saga do Caçador das Sombras, a intolerância cultural, religiosa e a necessidade de uma conscientização acerca do assunto, se fazem presentes ao longo dos séculos. Uma vez feito isso, chega o momento da análise presente no quarto e último capítulo.

Como já anunciado, no quarto capítulo, “Um diálogo entre o Caçador das Sombras e C. G. Jung”, propõe-se a realização de uma análise fenomenológica sobre a saga do protagonista do álbum *Temple of Shadows* da banda Angra. Durante a narrativa sobre um longo período de sua vida, a personagem, Caçador das Sombras, topa com estranhas revelações e casa-se com uma mulher muçulmana, tem filhos, torna-se uma espécie de profeta e por este motivo é torturado, condenado, e morto pela Igreja Romana da época. Suas vivências produzem um efeito psicológico arrebatador capaz de modificar seu estado de consciência subjetivo. Ele precisará lidar com a sua própria *sombra* e com a potencialidade dos *símbolos* oriundos do *inconsciente coletivo* para tentar dar cabo do seu *processo de individuação*. O leitor verá que as revelações que constituirão sua história pessoal, sua ipseidade, o aprisionam e o libertam ao mesmo tempo, colocando-o em constante conflito consigo mesmo e o mundo.

---

4 ROCK & ROLL HALL OF FAME, 2018.

## 1 EPISTEMOLOGIA E MÉTODO NA PSICOLOGIA ANALÍTICA DE C. G. JUNG

A humanidade encontra-se numa grande jornada que avança com intensidade no século XXI. Se, em muitos aspectos, o desenvolvimento científico ajudou o ser humano a adaptar-se melhor ao seu meio, por outro lado, não foi capaz de aproximá-lo da paz e do respeito à natureza. O ser humano, com a sua ambição e o seu egoísmo desmedido, não hesitou em utilizar suas descobertas tecnológicas em prol de interesses individualistas. E, isto promoveu desigualdade social e destruição do meio ambiente, em função de impor uma profunda tecnologização da natureza, como, por exemplo, o acelerar do ciclo natural do plantar, colher e comer. O afastamento das sociedades contemporâneas de sua essência espiritual, alavancado por uma atual visão de mundo predominantemente materialista, é uma fonte de prejuízos para elas mesmas e ao ecossistema a sua volta (FRANCO, 1995).

O psicólogo Wagner Vaz (2014) verificou que através da religião e da espiritualidade (que não necessariamente pressupõe a religiosidade), o homem estrutura-se em convicções que lhe proporcionam uma direção para sua existência. Para o autor, o paradigma científico não conseguiu elucidar questões resultantes da necessidade do homem de se relacionar com aquilo que transcende a ele mesmo:

O homem contemporâneo se encontra diante de uma bifurcação: de um lado, a racionalidade que, de certo, através da tecnologia e do progresso científico possibilitou saltos qualitativos de grande envergadura na vida das pessoas; por outro, a religião e a espiritualidade através das quais se concebem toda uma cosmogonia e uma relação com o transcendente que historicamente assentaram o homem em crenças que lhe dão sentido para o viver. (VAZ, 2014, p. 32)

O psicólogo e professor Nilton Sousa da Silva (2002, p.22), também conclui que os avanços científicos não foram capazes de conduzir a humanidade para uma melhoria em sua saúde psicológica e social:

O avanço do ‘método experimental’ nas ciências parece ter originado um hiato na unidade do espírito humano, pois enquanto o homem por um lado se deslumbra com o aprimoramento no domínio do mundo obtido com as novas conquistas científicas, aparenta por outro lado ter deixado sua condição humana em obscurantismo. Como um dos últimos resultados desse hiato, temos por exemplo, os desastres ecológicos em função de um mau planejamento e manutenção das usinas atômicas e hidrelétricas, bem como o desemprego de uma boa parte da população em função do avanço tecnológico que substituiu a mão-de-obra. Por detrás desses acontecimentos, reaparece o confronto entre os conhecimentos científico e filosófico no final do século XX, ambos conflitantes perante o espírito do homem.

A mudança de paradigma científico decorrente da crise do Pensamento Medieval, que conduziu a humanidade à ciência moderna, está associada a uma mudança de paradigma político da época. Esse paralelismo é percebido pelo filósofo e físico Thomas Kuhn (2001) quando observa a existência de uma similaridade entre a gênese da transformação dos paradigmas político e científico relacionada às mudanças do Pensamento da humanidade ao longo da história. Em ambos os casos, existe um crescente descontentamento de um grupo específico acerca do paradigma vigente. Os períodos de revolução científica são configurados por mudanças de paradigmas nas quais novos fenômenos são descobertos, gerando uma profunda mudança nas práticas diárias e na visão de mundo dos cientistas, como observa Kuhn (2001, p. 147):

Guiados por um novo paradigma, os cientistas adotam novos instrumentos e orientam seu olhar em novas direções. E o que é ainda mais importante: durante as revoluções, os cientistas vêem coisas novas e diferentes quando, empregando instrumentos familiares, olham para os mesmos pontos examinados anteriormente. É como se a comunidade profissional tivesse sido subitamente transportada para um novo planeta, onde objetos familiares são vistos sob uma luz diferente e a eles se agregam objetos desconhecidos.

Para Mendonça (2012) o pensamento de Kuhn estimulou uma discussão sobre as relações entre ciência e sociedade, além de ter proporcionado uma visão sobre a perspectiva histórica acerca do desenvolvimento da filosofia da ciência. O autor observa que existe uma interrupção dos debates de ordem metodológica, epistemológica e ontológica na medida em que os paradigmas científicos alcançam um consenso. Mendonça conclui que, apesar das contribuições do trabalho de Kuhn, ainda não houve uma reflexão significativa acerca da relação entre a sociedade e a ciência, especialmente sobre a responsabilidade social e democrática que também cabe aos cientistas:

Afinal, não se pode servir a dois senhores: ou a ciência resgata a tradição moderna que leva em consideração, primordialmente, seu compromisso epistemológico e ontológico com a *verdade* (ainda que esta não possa mais ser concebida com "V" maiúsculo) sobre os fatos e sua responsabilidade ética com os valores sociais mais amplos, ou sucumbirá no atendimento às demandas mercadológicas de interesses meramente econômicos.

Existe a hipótese de que a próxima fase da evolução do pensar da sociedade ocidental promoverá uma transformação reflexiva das mentalidades religiosa e secular. Para o estudioso da espiritualidade na música David Tame (1984), desde a década de 1960 vem manifestando-

se uma nova mentalidade, que rejeita a visão exclusivamente materialista de mundo, onde religião e ciência aproximar-se-iam para dar fôlego a uma evolução comprometida com valores como altruísmo e fraternidade. Um semelhante desenvolvimento na mentalidade é previsto pelo filósofo e sociólogo Jüergen Habermas (2010 apud SHORTO, 2013, p. 231):

Tal transformação, presumivelmente, exigiria o convencimento, ou o ensino, ou a sedução, ou a queda de braço com os partidários do radicalismo — teólogos e secularistas —, afim de ampliar seu quadro da realidade, levando ambos os lados a reconhecer que não podem trancafiar a verdade, que o mundo é por demais selvagem para que nossas estratégias dêem conta dele.

Jung (OC. XI, § 763) acredita que a discórdia entre o pensamento científico e o pensamento religioso corresponde a um equívoco:

O conflito surgido entre ciência e religião no fundo não passa de um mal-entendido entre as duas. O materialismo científico introduziu apenas uma nova hipótese, e isso constitui um pecado intelectual. Ele deu um nome novo ao princípio supremo da realidade, pensando, com isso, haver criado algo de novo e destruído algo de antigo. Designar o princípio do ser como Deus, matéria, energia, ou o que quer que seja, nada cria de novo. Troca-se apenas o símbolo.

Para pensadores como o físico teórico Basarab Nicolescu (1999) e o filósofo, sociólogo e antropólogo Edgar Morin (2005), aquilo que entendemos ainda hoje como ciência está para ser superado e reorganizado em uma necessária e inevitável mudança paradigmática que caminha em direção à complexidade: uma visão de mundo chamada *transdisciplinar*. Na perspectiva transdisciplinar, para ser superada, a visão científica atual deve ser integrada à nova visão, e não ser eliminada. Todavia, isso significa que um traço fundamental da visão transdisciplinar de mundo é a tolerância às verdades contrárias a ela. Outro traço fundamental refere-se ao rigor na linguagem da argumentação, que deve considerar além do objeto, a relação do sujeito consigo, com o objeto e com outros sujeitos. O rigor consiste num permanente esforço para, no ato da comunicação, sempre respeitar o que seja profundo e autêntico no outro sujeito, e no objeto estudado. Portanto, a abertura para o desconhecido e o inesperado, a recusa de qualquer espécie de dogmatismo, ideologia e pensamento fechado também é uma condição essencial na prática da perspectiva transdisciplinar.

Para Edgar Morin (2015) é no século XX que são revelados os efeitos negativos do paradigma cartesiano, apesar de sua grande contribuição para a ciência e a filosofia. O autor é crítico do pensamento simplificador da ciência atual, que, segundo ele, conduziu os indivíduos a uma inteligência cega. A inteligência cega é assim chamada por ser incapaz de



explicar a existência do elo entre o observador e a coisa observada. Assim, torna-se eminente a necessidade de mudança que substitui um pensamento simplificador por um pensamento mais complexo, capaz de conceber o elo supracitado.

O analista e psicólogo clínico Jorge Antônio Monteiro de Lima (2015, p.15) afirma que Jung desbrava o campo da transdisciplinaridade em seu esforço para extinguir a hierarquia entre a ciência moderna e outras áreas do saber: “A obra de C. G. Jung [...] foi cunhada dentro de um sistema transdisciplinar. O diálogo constante e frequente com várias áreas era a marca registrada do pensamento de Jung.”. Por este motivo, o autor do presente trabalho buscou edificá-lo inspirado nos traços fundamentais da transdisciplinaridade, tais como apresentados no penúltimo parágrafo acima.

A alma do homem, de acordo com Jung, não pode ser encerrada em um sistema e, por isso, ele levava a sério uma colaboração interdisciplinar da psicologia com a medicina, a teologia, a filosofia, a mitologia, o estudo do folclore, dentre outros. Jung distinguia a psicologia das outras ciências, pois seu objeto de estudo, a psique, é o próprio sujeito observador ou, pelo menos, dele faz parte. No entanto, a partir do reconhecimento dos conteúdos inconscientes da psique humana, apoiou uma visão mais relativista e menos absoluta do homem sobre si mesmo e seu mundo. A visão de mundo exclusivamente materialista, reducionista e racionalista, incomodava Jung. Ele observa que a psique não pode ser compreendida como um fenômeno puramente orgânico, e que a vida material é fruto de dedução, pois só a conhecemos através das imagens psíquicas advindas da experiência sensível (SHAMDASANI, 2005).

Sobre a necessidade da ciência em dar mais crédito ao estudo da psique, Jung (OC. XVIII, § 605) discorre:

Numa época em que toda energia disponível é empregada na pesquisa na natureza., pouca atenção se dá ao essencial do ser humano, isto é, à sua psique, ainda que haja muitas pesquisas sobre suas funções conscientes. Mas sua parte realmente desconhecida, que produz os símbolos, continua sendo terra desconhecida. E mesmo assim ela nos envia toda noite seus sinais. A decifração dessas mensagens parece ser um trabalho odioso, e poucas pessoas do mundo civilizado dela se ocupam. Pouco tempo é dedicado ao principal instrumento da pessoa humana, isto é, sua psique, quando não é desprezada e considerada suspeita. ‘É apenas psicológico’ significa: não é nada.

E torna a comentar o quanto a compreensão da psique é uma necessária para o entendimento de nosso próprio mundo:

As potências cósmicas que regem os destinos de toda a humanidade, tanto para o bem como para o mal, são fatores psíquicos inconscientes, e são elas também que produzem a consciência, criando, assim, a *conditio sine qua non* para a existência de um mundo geral. Nós fomos subjugados por um mundo que foi criado por nossa psique. (JUNG, OC. VIII, § 747)

Ao comparar a psicologia com outros campos do saber como a história e a etnologia, Jung (OC. XI, § 11) comenta o desafio do psicólogo em sua tarefa de compreender a relação das pessoas com assuntos como religião e espiritualidade, e reafirma sua preocupação em sustentar todo seu trabalho sobre bases empíricas:

Como sou médico e especialista em doenças nervosas e mentais, não tomo como ponto de partida qualquer credo religioso, mas sim a psicologia do *homo religiosus*, do homem que observa e considera cuidadosamente certos fatores que agem sobre ele e sobre seu estado geral. É fácil a tarefa de dominar e definir tais fatores segundo a tradição histórica ou o saber etnológico, mas é extremamente difícil fazê-lo do ponto de vista da psicologia. Minha contribuição relativa ao problema religioso provém exclusivamente da experiência prática com meus pacientes, em com as pessoas ditas normais.

O problema da perspectiva materialista e reducionista também será abordado no terceiro capítulo quando a relação entre música e espiritualidade ganha destaque. No momento, continua-se abordando a forma como Jung soube lidar com essa questão.

As raízes da psicologia analítica remontam à filosofia alemã de Immanuel Kant (1724-1804), Arthur Schopenhauer (1788-1860), Karl R. E. von Hartman (1842-1906) e de filósofos românticos como Johann Wolfgang von Goethe (1749-1832), dentre outros. Para fundamentar sua epistemologia, Jung se apoia em Kant, fazendo referências ao filósofo em suas obras. A filosofia de Kant exerce uma ruptura com o pensamento cartesiano para caminhar em direção a uma perspectiva transcendental, e assim também faz Goethe, ao enfatizar a existência de um mundo transcendente carregado de intuições. A psicologia analítica também se encontra enraizada na psiquiatria dinâmica, onde as doenças mentais são compreendidas e tratadas de acordo com o modelo epistemológico da filosofia romântica, diferentemente da ciência moderna que baseia seu modelo no empirismo cartesiano e no iluminismo. Apoiados nas teorias da psiquiatria dinâmica, especialmente dos estudos de Jean Martin Charcot (1825-1893) e Pierre Janet (1859-1947), a psicologia profunda de estudiosos como Jung e Sigmund Freud (1886-1939) se desenvolve em constante diálogo com a noção psicológica de inconsciente (PENNA, 2013).

Jung (OC. VIII, § 805) critica a mentalidade advinda do iluminismo que, segundo ele, desencadeou uma valorização exagerada do uso da razão, o que acabou por afastar a humanidade de uma dimensão religiosa, espiritual:

Desde a época do iluminismo desenvolveu-se uma opinião a respeito da natureza da religião que, embora seja uma concepção errada, tipicamente racionalista, merece ser mencionada por causa de sua grande difusão. De acordo com esse ponto de vista, todas as religiões constituem uma espécie de sistemas filosóficos, forjados pela cabeça dos homens. Um dia alguém inventou um Deus e outros dogmas e passou a zombar da humanidade com esta fantasia [...]

No mesmo parágrafo, ele defende a ideia de que as religiões não são criadas pela mente consciente, mas sim produto da natureza inconsciente da psique:

[...] as religiões não são elaborações conscientes, mas provêm da vida natural da psique inconsciente, dando-lhe adequada expressão. Isso explica a sua disseminação universal e sua imensa influência sobre a humanidade através da história. Esta influência seria incompreensível se os símbolos religiosos não fossem ao menos verdades psicológicas naturais.

Jung enriquece a sua obra em colaboração com personagens como o teólogo Richard Wilhelm (1873-1930) e o psicólogo William James (1842-1910), fundadores da psicologia moderna. Jung também se apoia em ideias como a mentalidade pré-lógica, de Lucien Lévy-Bruhl (1857-1939), para edificar o conceito de inconsciente coletivo. Com grande preocupação e interesse relativos aos temas de ordem religiosa, ele passa a ter significativa participação na construção da psicologia moderna em meio ao pensamento materialista de sua época, praticamente absoluto e espalhado por toda Europa, influenciado em grande parte pelos paradigmas organicistas de Burrhus F. Skinner (1904-1990) e Wilhelm Wundt (1832-1920). Como já observado, Jung elabora os seus conceitos com base em múltiplas áreas do conhecimento, além da ciência moderna, como a alquimia, o ocultismo, a astrologia e a física, por exemplo, ao desenvolver com Wolfgang Pauli (1900-1958) as bases do conceito de *sincronicidade*. (SHAMDASANI, 2005)

Sobre realizar pesquisas no campo de uma espiritualidade, ao mesmo tempo em que se mantinha no campo da ciência, Jung (OC. XII, § 2) declara: “O que tenho a dizer acerca da natureza da alma está baseado em primeiro lugar em observações feitas sobre o homem”. Assim, o trabalho de Jung é integralmente empírico e fenomenológico, especialmente quando adentra nas fronteiras das religiões e da espiritualidade. Para ele, o psicólogo deve manter-se em uma postura totalmente científica e desconsiderar a aspiração dos sistemas religiosos de

deter a exclusividade da verdade, colocando seu foco na experiência religiosa original, que induz as pessoas a considerar de forma zelosa e responsável os mistérios de sua existência (JUNG, OC. XI). Jung (OC. XI, § 533) expõe o que, para ele, representa as fronteiras da ciência: “De onde provém a consciência? O que é propriamente a alma? E aqui a ciência toca o seu limite.”.

Ele clarifica que não está apoiado em bases filosóficas ou metafísicas, mas sempre científicas, como no trecho a seguir:

Embora me tenham chamado frequentemente de filósofo, sou apenas um empírico e, como tal, me mantenho fiel ao ponto de vista fenomenológico. Mas não acho que infringimos os princípios do empirismo científico se, de vez em quando, fazemos reflexões que ultrapassam o simples acúmulo e classificação do material proporcionado pela experiência. Creio, de fato, que não há experiência possível sem uma consideração reflexiva, por que a ‘experiência’ constitui um processo de assimilação, sem o qual não há compreensão alguma. Daqui se deduz que abordo os fatos psicológicos, não sob um ângulo filosófico, mas de um ponto de vista científico-natural. Na medida em que o fenômeno religioso apresenta um aspecto psicológico muito importante, trato o tema dentro de uma perspectiva exclusivamente empírica: limito-me, portanto, a observar os fenômenos e me abstenho de qualquer abordagem metafísica ou filosófica. (JUNG, OC. XI, § 2)

E também no seguinte trecho:

[...] a psicologia trata todas as pretensões e afirmações metafísicas como fenômenos espirituais, considerando-as como enunciados acerca do espírito e sua estrutura que, em última análise, decorre de certas disposições inconscientes. A psicologia não os considera como possuidores de valor absoluto, nem também lhes reconhece a capacidade de expressar uma verdade metafísica. Não temos meios intelectuais que nos permitam verificar se uma tal colocação é correta ou errônea. O que sabemos unicamente é que não há nem a certeza nem a possibilidade de demonstrar a validade de um postulado metafísico como, por exemplo, o de um espírito universal. (JUNG, OC. XI, § 760)

Jung delinea o que para ele é real e irreal, criticando como a ciência atual entende o que é real, isto é, somente o que nos passa pelos sentidos, ao mesmo tempo em que reafirma seu campo empírico:

Essa limitação da imagem do mundo é reflexo da unilateralidade do homem ocidental [...]. A limitação do conhecimento à *realidade material* arranca um pedaço excessivamente grande, ainda que fragmentário, da realidade total, substituindo-o por uma zona de penumbra [...]. (JUNG, OC VIII, § 743).

O caráter empírico das investigações de Jung acerca de assuntos de ordem espiritual, religiosa, dá-se pela observação e o respectivo conhecimento das imagens arquetípicas que se apresentam no interior da psique do indivíduo. As imagens arquetípicas correspondem aos

dogmas religiosos da psique. Dessa maneira, mesmo de forma estritamente científica, sua psicologia não almeja destruir os dogmas religiosos, pelo contrário, ela lança uma nova luz nestes. Ao abster-se da defesa de quaisquer credos religiosos, ao mesmo tempo que observa seus dogmas agindo na psique do indivíduo, Jung (OC. XVIII, §§ 17-20) avança no campo de uma espiritualidade e da religiosidade de forma empírica e objetiva. O caráter fenomenológico das investigações de Jung pode ser encontrado, por exemplo, no entendimento que ele tinha em relação à função do *arquétipo*. De acordo com Jung, o arquétipo é mais do que meramente uma palavra ou um conceito, mas sim um extrato da vida em si, já que se trata de uma imagem conectada a um ser vivo através do sentimento, sendo, ao mesmo tempo, uma imagem e uma emoção. As imagens arquetípicas, destituídas da emoção do indivíduo não passam de palavras, mas quando o indivíduo experimenta sua força, ele encontra um sentido, um propósito para a sua vida. Dessa maneira, ele só pode ser explicado a partir do depoimento da experiência própria do indivíduo que o vivencia, na maneira como ele relaciona-se com o fenômeno (JUNG, OC. XVIII, §§ 589-590).

Jung (OC. XIII, § 476) comenta o fato da psique encontrar um sentido para a vida a partir do contato com imagens arquetípicas, ao mesmo tempo em que demonstra que as representações arquetípicas dependem do ponto de vista de cada indivíduo.

Assim como o corpo precisa ser nutrido, não com um alimento qualquer mas só com aquele que lhe convém, assim a psique tem necessidade de um sentido da sua vida; e, além disso, não de um sentido qualquer, mas de imagens e de ideias que lhe correspondam naturalmente, a saber, aquelas que lhe são suscitadas pelo inconsciente. O inconsciente libera de certo modo a forma arquetípica que é em si mesma vazia e irrepresentável. É a partir do inconsciente que ela é preenchida e tornada perceptível, por meio de um material de representações aparentado ou análogo. É por este motivo que as representações arquetípicas são sempre condicionadas individualmente, segundo lugar e tempo.

Ao remeter-se ao início de sua carreira, Jung (OC. XI, § 533) faz alusão às profundezas da alma, ou seja, o domínio do inconsciente coletivo:

No começo da minha carreira, quando decidi trilhar este caminho, não sabe aonde ele me conduziria. Ignorava o que as profundezas da alma encerravam e dissimulavam, aquelas profundezas que desde então tenho definido como sendo o inconsciente coletivo e cujos conteúdos denomino de arquétipos.

Deparamo-nos com duas frentes diferenciadas permeando o trabalho de Jung. Na primeira, a essência de suas teorias é apresentada, demonstrada e, finalmente, validada.

Assim, foram difundidas as teorias dos complexos, dos tipos psicológicos e dos arquétipos do inconsciente coletivo. A outra frente do trabalho de Jung fundamentou-se no questionamento contínuo das possibilidades da psicologia enquanto ciência. Jung possui papel determinante na formação da psicologia como ciência. Além disso, seu trabalho não evoluiu de uma forma cronológica linear e direta, mas sob a forma de pensamento circular. A partir desse método, por todo seu trabalho, Jung reconsiderava constantemente suas ideias sob novas perspectivas (SHAMDASANI, 2005).

Sob a ótica da interdisciplinaridade e de sua época, Jung depõe sobre a psicologia experimental (JUNG, OC. XI, § 488):

A ciência médica evitou muito tempo – quase em oposição às necessidades dos doentes – de tocar nos problemas propriamente psíquicos, partindo da hipótese, aliás não de todo desprovida de fundamento, de que esse domínio é mais da alçada de outras Faculdades. Mas, da mesma forma que a unidade biológica do ser humano sempre obrigou a Medicina a tomar emprestado informações aos ramos mais variados do saber, tais como a Química, a Física, a Biologia, etc., Assim também viu-se forçada a aceitar que a Psicologia experimental entrasse para sua órbita.

O problema da psicologia enquanto ciência e sua relação com a espiritualidade é de grande relevância na compreensão de Jung. Ele sabia que a medicina apoiava-se no causalismo e no materialismo e percebia que nem ela e nem a psicologia experimental estavam dispostas a dar conta dos assuntos da alma (JUNG, OC. XI, § 491):

A medicina, no decorrer do século XIX, tornara-se, em seus métodos e teoria, uma disciplina tributária das ciências naturais e se apoiava nos mesmos pressupostos filosóficos que estas duas – o causalismo e o materialismo. A alma enquanto substância espiritual não existia por si, da mesma maneira que a psicologia experimental se esforçava ao máximo para elaborar uma Psicologia sem alma.

Jung interessava-se pela física moderna que, de acordo com ele, caminha para o universo do desconhecido, do impalpável. Em suas discussões com Pauli, Jung faz comparações entre as terminologias da matemática e da psicologia ao constatar que o conceito *função transcendente* está presente tanto em sua psicologia, no que diz respeito à psique, quanto na matemática, no que diz respeito às expressões numéricas. Em ambos os casos, o termo é utilizado para designar funções que contemplam o irracional e o imaginário. (MCGUIRE, 1982)

O conceito de função transcendente, na psicologia analítica, descreve a transformação (*sublimação alquímica*) de conteúdos conscientes e inconscientes da psique. A transcendência

da psique refere-se a experiências como conexão com o divino, o absoluto, e como a adoção de uma visão de mundo como algo mais abrangente que a experiência trivial cotidiana. O envolvimento de Jung com o tema da transcendência da psique o levou a utilizar o termo *unus mundus* para nomear a compreensão de que os mundos físico e psíquico fazem parte de uma mesma realidade indivisível. A função transcendente indica a transição de uma mentalidade para outra, e não representa quaisquer tentativas de Jung de dar conta da realidade metafísica. Essa transposição de limite aplica-se às fronteiras do Eu. Quando isso ocorre, o Eu torna-se apto a renunciar-se em prol de uma receptividade a uma totalidade maior, ao mundo externo, aos outros seres humanos e ao inconsciente (DORST, 2015).

Jung (OC. VII, § 111) critica a exclusividade do uso da razão em nossa era. Para ele, a humanidade não deve aniquilar os tesouros que existem fora da dimensão racional ao identificar-nos com a sua razão, já que não são apenas racionais: “O irracional não deve e não pode ser extirpado. Os deuses não podem e não devem morrer” A cultura da racionalidade exagerada conduz os seres humanos para seu oposto, onde ocorre uma destruição irracional da própria cultura. Existe, então, uma função reguladora dos opostos, uma espécie de lei cuja criação, Jung atribui ao filósofo pré-socrático Heráclito, que chamou esse fenômeno de *enantiodromia*. Nos parágrafos seguintes (JUNG, OC. VII, § 112-113), ele afirma que a única forma de lidar enantiodromia é diferenciando-se do inconsciente, algo que é somente possível depois que o indivíduo tornar-se membro ativo de sua sociedade, cumprindo seus deveres consigo mesmo e com seus semelhantes em todos os aspectos da vida. Jung (OC. XI, § 526), remete à enantiodromia como uma lei que possibilita atenuar os conflitos que ocorrem na psique dos indivíduos:

Quando observamos, em várias ocasiões, evoluções desta natureza, só pudemos reconhecer que aquilo que era mau tornou-se um degrau para o bem, e que aquilo que parecia bom não fazia senão manter o mal em ação. O demônio do egoísmo torna-se assim a via régia para aquele silêncio que uma experiência religiosa exige. Encontramos aqui a grande lei da vida que é a enantiodromia, ou seja, a conversão no contrário, que pouco a pouco torna possível a unificação das duas componentes opostas da personalidade, pondo um fim à guerra civil que nela se trava.

Ao criticar os métodos racionalistas que, de acordo com Jung (OC. XI, § 507), sufocam o desabrochar da alma humana, ele lembra do psicólogo Alfred Adler (1870-1937) e do psicanalista Sigmund Freud (1856-1939):

O fato de muitos teólogos procurarem apoio psicológico ou uma ajuda prática na teoria sexual de Freud ou na teoria da vontade de poder de Adler representa ao que parece uma curiosa contradição, pois estas duas concepções são, no fundo, inimigas de tudo o que há de espiritual no homem, uma vez que se trata de psicologias sem alma. São métodos racionalistas, que precisamente impedem o pleno desabrochar da experiência espiritual. [...] Isso não pode deixar indiferente quem se interesse pelo destino da alma humana.

Mais adiante, na mesma linha de pensamento, Jung (OC. XI, § 531) volta à teoria de Freud:

Freud infelizmente ignorou por completo de que o homem em momento algum da história esteve em condições de enfrentar sozinho as potências do mundo subterrâneo, isto é, de seu inconsciente. Para isto, ele sempre necessitou da ajuda espiritual que lhe proporcionava a religião do momento.

Jung (OC. XVIII, § 585) critica a mentalidade científica que sufocou o viver espiritual da humanidade ao superestimar a percepção de mundo puramente racional: a humanidade perdeu muito de sua capacidade imaginativa e sua criatividade em sua relação com a natureza. Dessa maneira todo esse material acaba sendo relegado para camadas profundas do inconsciente. Sem utilizar precisamente este termo, ele faz clara alusão ao enfraquecimento do animismo, percepção de mundo em que os indivíduos enxergam uma alma, capaz de realizar um agir intencional, em todos os aspectos da natureza.

Por causa da mentalidade científica nosso mundo se desumanizou. O homem está isolado no cosmos. Já não está envolvido na natureza e perdeu sua participação emocional nos acontecimentos naturais que até então tinham um sentido simbólico para ele. O trovão já não é a voz de Deus nem o raio seu projétil vingador. Nenhum rio contém qualquer espírito, nenhuma árvore significa uma vida humana, nenhuma cobra incorpora a sabedoria e nenhuma montanha é ainda habitada por um grande demônio. Também as coisas já não falam conosco, nem nós com elas, como as pedras, fontes, plantas e animais. Já não temos uma alma da selva que nos identifica com algum animal selvagem. Nossa comunicação direta com a natureza desapareceu no inconsciente, junto com a fantástica energia emocional a ela ligada.

Um pouco adiante, no mesmo parágrafo, ele retoma a mesma linha de raciocínio:

Falar de espíritos e de outras figuras numinosas já não significa invocá-los. Já não acreditamos em fórmulas mágicas. Já não restaram muitos tabus e restrições semelhantes. Nosso mundo parece ter sido desinfetado de todos esses numens “supersticiosos” como “bruxas, feiticeiros e duendes”, para não falar de lobisomens, vampiros, almas da floresta e de todas as outras entidades estranhas e bizarras que povoam as matas virgens.

A proposta epistemológica e metodológica de Jung criou a oportunidade do sujeito do conhecimento vislumbrar uma perspectiva simbólico-arquetípica para compreender a



realidade. O método junguiano é, portanto, fundamentalmente simbólico no seu campo epistemológico. O indício que sugere a presença de um conteúdo de valor simbólico na consciência é o relato de um sentimento instigante de estranheza, curiosidade e inquietação, que acompanha o símbolo. Além disso, o surgimento de eventos repetitivos na vida do sujeito indica a necessidade de compreender e integrar um símbolo à consciência. Na apreensão e na compreensão de manifestações simbólicas oriundas do inconsciente à consciência, existe uma participação pessoal e coletiva, e, assim, Jung estabelece sua perspectiva metodológica de investigação da psique. Pelo processo dinâmico da observação do sujeito e da auto-observação do próprio observador, Jung propõe a apreensão do fenômeno psíquico. Compreender o material simbólico de modo objetivo possibilita que ele possa ser integrado à consciência e, ao mesmo tempo, provoca na mesma o que Jung chamou de *ampliação da consciência*. Essa compreensão dá sentido e significado à experiência subjetiva na esfera pessoal entrelaçada à intersubjetividade coletiva. Neste movimento de elaborar e integrar o fenômeno numa linguagem consciente, o conteúdo simbólico que até então era desconhecido, permite, o método junguiano adquirir um caráter hermenêutico no ato de compreender e descrever o fenômeno. O autoconhecimento, que favorece o processo de *individuação*, é resultado da elaboração do símbolo pela consciência, ou seja, de sua integração à consciência (PENNA, 2013). O processo de individuação será aprofundado no decorrer deste trabalho.

Embora se fale em propostas metodológicas de Jung, o termo *método* não o encorajava. Ao falar sobre as quatro experiências, quatro conquistas fundamentais das quais as pessoas necessitam e que o psicólogo pode auxiliá-las a conseguir; crença, esperança, amor e conhecimento, ele alerta que tais experiências não podem ser aprendidas ou adquiridas por um esforço racional, pois as mesmas escapam do livre arbítrio:

Ora, é completamente impossível fabricar tais experiências. Elas ocorrem, não de modo absoluto, mas infelizmente de modo relativo. Tudo que podemos, dentro de nossas limitações humanas, é tentar um caminho de aproximação rumo a elas. Há caminhos que nos conduzem à proximidade das experiências, mas deveríamos evitar de dar a essas vias o nome de “métodos”, pois isto age de maneira esterilizante sobre a vida e, além disto, a trilha que leva a uma experiência vivida não consiste em um artifício, mas em uma empresa arriscada que exige o esforço incondicional de toda a personalidade. (JUNG, OC. XI, § 500)

Segundo Eloisa Penna (2013, p.191), esse processo dinâmico é compreendido dentro das *relações de indeterminação* da física quântica, que apontam para a existência de uma relação recíproca entre observador e observado. Para que essa relação seja possível, é

necessário transcender o domínio intelectual, já que a apreensão de fenômenos inconscientes exige do observador e do observado um vínculo empático, de caráter dialético, utilizando funções transcendentais da consciência: sentimento, pensamento, sensação e intuição. Assim, além de dialético, o método junguiano também pode ser construtivo, na medida em que o conhecimento é elaborado a partir do fenômeno que aparece para o sujeito do conhecimento. Nas próprias palavras de Jung, a investigação da natureza do inconsciente é comparada a um problema da física quântica, chamada por ele de *física atômica* (JUNG, OC. XIV, § 85):

A tentativa de perceber um estado inconsciente esbarra em uma dificuldade semelhante à que existe na física atômica: o ato da observação modifica o objeto observado. Por isso já de antemão não se espera nenhum caminho pelo qual seja possível averiguar objetivamente a natureza específica do inconsciente.

O processo analítico dá-se no confronto dialético entre consciente e inconsciente. Nele, pode-se constatar uma espécie de evolução em direção a um objetivo, uma meta. Sem necessariamente corresponder a um fim definitivo, algumas experiências indicam ocorrência de um desenvolvimento desse processo: quando o indivíduo absorve alguma sabedoria; realiza uma declaração sobre si mais ou menos profunda; conscientiza-se de um conteúdo simbólico e ganha um novo ânimo em sua vida; supera sua psique infantil; adapta-se, de forma consciente, a contingências desfavoráveis; supera sintomas dolorosos; efetua um passo importante em sua vida, como um casamento, mudança de profissão etc; realiza uma aproximação a alguma religião; adquire uma nova filosofia de vida (JUNG, OC. XII, §§ 3-4).

Jung constatou e apresentou evidências de que a psique humana possui uma função religiosa na qual existe uma relação da alma e imagens sagradas. Assim, a psicologia deve esforçar-se para observar e compreender o que se experimenta interiormente em relação ao fenômeno religioso. Quando Jung declara que Deus é um arquétipo, ele o faz a partir da impressão que o arquétipo deixa na psique do indivíduo, e não da fonte, Deus em si, o que escaparia de sua competência enquanto psicólogo, cientista. Do ponto de vista religioso, a ênfase é colocada no agente, na fonte que imprime, ao passo que o ponto de vista da psicologia científica se limita a enfatizar a impressão que o arquétipo provoca. Assim, à psicologia, cabe interpretar os símbolos do inconsciente como algo desconhecido e inacessível (JUNG, OC. XII, §§ 15-20).

A psicologia enquanto ciência da alma, deve restringir-se ao seu objetivo e precaver-se no sentido de não ultrapassar seus limites, fazendo afirmações metafísicas [...]. Se

a psicologia pretende pressupor um Deus como causa hipotética, estaria reclamando implicitamente a possibilidade de uma prova de Deus. Como isso, extrapolaria seu campo de competência de um modo absolutamente inadmissível. [...] Ignoramos em última instância de onde se origina o arquétipo, da mesma forma que ignoramos a origem da alma. A competência da psicologia enquanto ciência empírica não vai além da possibilidade de constatar, à base de uma pesquisa comparativa, se o tipo encontrado na alma pode ou não ser designado como uma ‘imagem de Deus’. Dessa forma, nada se afirma de positivo ou de negativo acerca de uma possível existência de Deus, do mesmo modo que o arquétipo ‘herói’ não pressupõe sua existência. (JUNG, OC. XII, § 15)

A conscientização das imagens arquetípicas, que correspondem às imagens dogmáticas é, para Jung, a única tarefa que o psicólogo pode ajudar seu paciente a realizar. Este processo deve ocorrer, necessariamente, a partir dos pressupostos, cultura e maturidade espiritual do próprio paciente, desde que o mesmo o suporte. Ao ampliar sua consciência, espera-se que o paciente esteja cada vez mais apto para lidar com a vida, através da vivência soberana de encontrar-se com o si mesmo com toda a força de sua alma. Somente a experiência de estar a sós para descortinar o que lhe sustenta quando ele não consegue mais sustentar-se por si só pode lhe dar acesso àquilo que é sua fundação inabalável. Sobre essa tarefa, que deve ser cumprida em um mergulho interior, Jung (OC. XII, § 34) depõe à luz de sua própria experiência:

Eu confiaria ao teólogo de bom grado essa tarefa, que realmente não é fácil, se muitos de meus pacientes não viessem justamente do teólogo. Eles poderiam ter permanecido na comunidade eclesial, mas o fato é que tomaram da grande árvore como folhas secas e se vincularam então ao tratamento. [...] Procuram um chão firme em que se apoiar. Como nenhum apoio externo é adequado devem encontrá-lo em si mesmos.

A fantasia e a intuição desempenham um papel central na concepção de ciência que Jung advoga. Ele recorre ao exemplo da física para ilustrar como uma rigorosa ciência aplicada necessita da intuição que ocorre através de processos inconscientes e deduções ilógicas, mesmo que a mesma dedução possa ser encontrada por um caminho lógico. Entretanto, Jung adverte que somente temos a possibilidade de dar sentido e obter algum conhecimento seguro sobre o material oriundo do inconsciente quando colocamos nossa intuição apoiada em alicerces sólidos baseados em conexões lógicas. Quando isso não ocorre, o indivíduo corre um sério risco de adquirir um sentimento ilusório de certeza, afastando a si mesmo de um real conhecimento (JUNG, OC. XVIII, §§ 576-577).

Ao lidar com a compreensão dos símbolos, Jung integra uma perspectiva causal não-trivial de investigação com a perspectiva final, ou teleológica. Seu método causal não-trivial busca informações de ordem etiológicas, para na perspectiva final compreender o prognóstico do fenômeno. A hipótese da sincronicidade, também completa a estrutura que Jung adota para compreender o material simbólico, já que um evento sincrônico rompe com a percepção tradicional de tempo cronológico e espaço cartesiano, e deixa o sujeito do conhecimento à mercê de um devir para dar sentido à vida, a partir do método associativo:

O procedimento da amplificação tem suas raízes no método associativo usado por Jung no teste de associação de palavras e, ainda, no conceito de pensamento não dirigido que flui por imagens, analogias ou metáforas. A amplificação apoia-se também na hipótese do significado preexistente do símbolo, ou seja, seu caráter arquetípico, e na possibilidade de conexões sincrônicas nos eventos psicológicos. (PENNA, 2013, p. 213)

Sobre a sincronicidade, Jung (OC. VIII, § 959) discorre:

Como nos mostra sua etimologia, esse termo tem alguma coisa a ver com o tempo ou, para sermos mais exatos, com uma espécie de *simultaneidade*. Em vez de simultaneidade, poderíamos usar também o conceito de *coincidência significativa* de dois ou mais acontecimentos em que se trata de algo mais do que uma probabilidade de acasos.

Jung (OC. VIII, § 965-970) apoia-se nas bases do trabalho do botânico e parapsicólogo Joseph Banks Rhine (1895/1980), que realizou uma série de experimentos acerca de percepções extrassensoriais, para desenvolver suas ideias sobre a sincronicidade. Em um desses experimentos, os indivíduos eram instruídos a tentar adivinhar o conteúdo oculto em cartas a serem retiradas. Em outro, os indivíduos deveriam tentar adivinhar qual número sairia em dados a serem lançados. Em ambos os casos, o número de acerto dessas adivinhações superou a probabilidade de um para quatrocentos mil. Esses fatos levaram Jung a concluir que o vetor espaço e o vetor tempo podem ser relativizados pela psique, reforçando sua conclusão acerca de uma coincidência significativa de ordem teleológica, tal como exposta na citação do parágrafo anterior. Nos experimentos de Rhine, os acontecimentos foram antecipados no tempo e só puderam ser verificados posteriormente e, por isso, foram chamados por Jung de acontecimentos *sincronísticos*. Além disso, Jung constatou a existência da influência do afeto nos resultados dos experimentos. Á partir de seu contato com os experimentos de Rhine, Jung passou a observar que a carga afetiva é capaz de favorecer ou desfavorecer a vivência de eventos de ordem sincrônica: “As disposições iniciais de um

sujeito crente e otimista ocasionam bons resultados. O ceticismo e a resistência produzem o contrário, isto é, criam disposições desfavoráveis no sujeito” (JUNG, OC. VIII, § 970).

Outro conceito importante que auxilia na compreensão do pensamento junguiano é a *participação mística*. A participação mística é um fenômeno relacionado às camadas mais arcaicas da psique. Em suas pesquisas de campo com povos primitivos, Jung percebe nesses povos, uma identificação com forças místicas onde a numinosidade dos arquétipos é experimentada em sonhos e também em rituais. Na participação mística, o sujeito não diferencia-se com clareza do objeto, criando assim uma espécie de identidade parcial. Apesar de ser um acontecimento particularmente arcaico, a participação mística continua ocorrendo na atualidade. (JUNG, 1993)

Silva (2002) explica o que Jung entende como participação mística:

[...] Jung assinala a dificuldade, senão a impossibilidade, de manter, a nível da estrutura inconsciente coletivo, a distinção entre ‘objeto em si’ e ‘sujeito’. Inicialmente, distingue, claramente, a instância psíquica propriamente dita – a das imagens e a dos enunciados – da instância transcendental – a dos ‘enunciados da alma’ que se referem a realidades que estruturam a consciência, ou seja, aos arquétipos do inconsciente coletivo, bases dos temas mitológicos. Em seguida, observa que tais arquétipos se dão, ao mesmo tempo, como ‘objetos em si’ (na medida em que são, se assim podemos nos expressar, ‘instrumentos’ através dos quais ordenamos o mundo) e como ‘sujeitos’ dotados de leis próprias, por tais representações arquetípicas são de uma eficácia extraordinária, a tal ponto que se tem a impressão de que elas não só indicam o que é real mas, ainda, o expressam e o produzem.

Para Jung (OC. VII), a incumbência primordial de nossa existência é enxergar quem verdadeiramente somos para descortinar o que emana do centro de nossa personalidade: *o Si mesmo*. Este é o organizador e o orientador íntimo, encontrado na intuição da espécie humana desde os tempos ancestrais até os dias de hoje. A psicoterapeuta e colaboradora de Jung, Marie von Franz (2008), observa que os gregos antigos chamavam *o Si mesmo* de *daimon* e os índios naskapi de *Mista’peo*, ou o “Grande Homem”. Para que o Si mesmo possa ganhar relevância, o ego do sujeito deve permanecer atento às mensagens do inconsciente, deixando-se conduzir por um impulso interior de expansão de sua personalidade. A resignação do ego ao Si mesmo favorece o que a psicologia analítica denomina individuação: um lento processo de amadurecimento natural e involuntário. Dessa forma, a ampliação da consciência é condição essencial para o desenvolvimento da psique.

Na individuação, verifica-se a identificação do sujeito com as orientações provenientes da totalidade de sua personalidade individual, o Si mesmo, na medida em que se

reduz a identificação com os valores de seu meio social e da própria vida interior do sujeito. No desenvolvimento psicológico da personalidade em que ocorre uma representação ou apresentação do sujeito através do seu *status* social é chamado de *persona*. Quando torna consciente de sua *persona*, o sujeito está mais apto a reconhecer e integrar aspectos singulares da sua própria personalidade, como a *anima* (no caso do homem, e a projeção da psique do menino na mãe), e o *animus* (a projeção da psique da menina no pai, no caso da mulher), e sua sombra também com conteúdos que, por diversas razões, o sujeito preferiu ocultar de si mesmo (FRANZ, 2008). No contexto da psicologia analítica, a sombra do sujeito deve ser sempre integrada à personalidade e não destruída, tampouco ignorada (JUNG, OC. XI, § 131):

Todo indivíduo é acompanhado por uma sombra, e quanto menos ela estiver incorporada à sua vida consciente, tanto mais escura e espessa ela se tornará. Uma pessoa que toma consciência de sua inferioridade, sempre tem mais possibilidade de corrigi-la.

Jung (OC. IX, § 221) ao conceituar a *persona*, também alerta para o fato do indivíduo correr perigo caso identifique-se com a mesma:

Um caso frequente é a identificação com a *persona*, que é o sistema de adaptação ou estilo de nossa relação com o mundo. [...] O mundo exige um certo tipo de comportamento e os profissionais se esforçam para corresponder a tal expectativa. O único perigo é identificar-se com a *persona*, como, por exemplo, o professor com seu manual, o tenor com sua voz; daí a desgraça. [...] Exagerando um pouco, poderíamos até dizer que a *persona* é que não se é realmente, mas sim aquilo que os outros e a própria pessoa acha que se é. Em todo caso a tentação de ser o que se aparenta é grande, porque a *persona* frequentemente recebe seu pagamento à vista.

Pode-se notar que o fenômeno de integração daquilo que se opõe à vontade do ego do sujeito, o conteúdo da sombra, se assemelha com a proposta de um paradigma transdisciplinar no meio acadêmico: a conquista de maior tolerância com verdades que contrariam um saber obsoleto. Com este movimento em mente, apoiado nas premissas da transdisciplinaridade (MORIN, 2015; NICOLESCU, 1999) e na perspectiva epistemológica e metodológica da psicologia analítica, ambas apresentadas no presente capítulo, o próximo apresenta, em diálogo com o pensamento junguiano, investigações em diversos campos do saber (como a medicina, as neurociências, a física, a biologia e a antropologia) que buscam reaproximar saber científico e espiritualidade. Além da introdução de novos conceitos junguianos, os que foram apresentados no presente capítulo são aprofundados a fim de dar uma explicação ao

leitor de como Jung possibilitou sua psicologia alcançar, de forma científica, territórios mitológicos, religiosos e espirituais.

## 2 ESPIRITUALIDADE NA PERSPECTIVA DE C. G. JUNG

O termo *espiritualidade* utilizado em todo o presente trabalho, equivale aos termos *religião* e *religiosidade* que aparecem no trabalho de Jung. A psicóloga Brigitte Dorst (2015, p. 16) esclarece:

[...] quem procura pela palavra-chave ‘espiritualidade’ em passagens das *Obras* de C.G. Jung não encontra muita coisa. A palavra ‘espiritualidade’ como é usada hoje em dia, não era usual na época de Jung, ‘Religião’ e ‘religiosidade’ eram as designações estabelecidas.

O problema da possibilidade de uma vida após a morte e da existência de um *algo além* impactou Jung durante sua vida, ao ponto de tornar-se uma influência crucial de todo o seu trabalho, como ele mesmo revela ao introduzir seu relato sobre o assunto:

O que aqui está relatado são lembranças que estão na origem das reflexões que se seguem sobre o além e a vida após a morte. Trata-se de imagens e pensamentos nos quais vivi, que me trabalharam e me preocuparam. De um certo modo constituem um dos fundamentos de minhas obras que, no fundo, são apenas tentativas renovadas de dar uma resposta à questão das interferências entre o ‘aquém’ e o ‘além’. (JUNG, 1993, p. 260)

A psicologia analítica compreende a espiritualidade como uma observação consciente e cuidadosa do que o teólogo Rudolf Otto (1869-1937) chamou de *numinoso*. Jung indica que o numinoso refere-se a fenômenos e presenças sobrenaturais, que independem da vontade do sujeito que os observa, e que vão além do mundo objetivo. O numinoso é uma condição do sujeito abduzido, ligada a uma causa externa ao mesmo, contemplativa de forma incomum ao dia a dia. Isto é, a fé e a confiança em uma particular experiência numinosa ocasionam no sujeito do conhecimento uma transformação da consciência. A experiência numinosa coloca o sujeito em contato com contextos localizados além da consciência cotidiana. Jung aborda o caráter numinoso da vida por uma ótica essencialmente empírica e científica. (JUNG, OC. XI, § 6)

Ele cita a confissão de Paulo, personagem da história cristã, para exemplificar que a mudança de consciência deriva da experiência de caráter numinoso (JUNG, OC. XI, § 890):

É [...] como se o caráter subjetivo do eu fosse transferido ou assumido por outro sujeito, que tomasse o lugar do eu. Temos aqui a conhecida experiência religiosa já formulada por Paulo. É fora de dúvidas que se trata da descrição de um novo estado de consciência, separado do primeiro por um processo de profunda transformação religiosa.



O professor e teólogo Leonardo Boff (2001, p.17), coordenador da tradução da obra completa de Jung, adota a explicação do Dalai-Lama para a espiritualidade, que é “[...] aquilo que produz dentro de nós uma mudança”. Ainda para o autor, as mudanças interiores evidenciam profundas transformações alquímicas, propícias a gerar um novo sentido à existência humana. Essas transformações conduzem à individuação e impulsionam o sujeito às dimensões de experiências e profundidade que iluminam a direção de mistérios entre o seu mundo interior e exterior. Boff (2000) fala sobre a condição existencial da humanidade, uma imanência, um inevitável enraizamento cultural, familiar, social, que limita a existência. Assim, a transcendência é o que conduz ao homem para além desse enraizamento, e deve estar em equilíbrio com a imanência, para não se tornar apenas uma pseudotranscendência.

Jung percebe que nos tempos atuais, é grande o número de pessoas que abandonaram sua fé em uma crença religiosa. À medida que as contingências da vida permanecem favoráveis, o indivíduo parece não dar falta da ausência de sua relação com o numinoso. Mas, quando as condições de vida se transformam e a aflição, o desgosto, a ansiedade e a tristeza se fazem presentes, esse indivíduo se vê obrigado, quase sempre, a procurar um sentido para sua vida. Assim, pode-se perceber que a vida ganha um novo rumo quando uma fé em Deus e na imortalidade da alma é resgatada. Para ele, o medo da morte é, em geral, uma variável que propela as pessoas a buscar algum tipo de orientação espiritual para as suas vidas. O indivíduo torna-se capaz de tolerar desafios inimagináveis quando consegue atribuir um sentido mais amplo ao que lhe está acontecendo no momento (JUNG, OC. XVIII, §§ 565-566). Por outro lado, a atual visão de mundo exclusivamente materialista e rígida, afasta os indivíduos modernos de uma natureza espiritual:

Desde tempos imemoriais, as pessoas criaram concepções de um ou mais seres superiores e de uma vida no além. Só a época moderna acredita poder viver sem isso. Pelo fato de não se poder ver, com a ajuda do telescópio e do radar, o Céu com o trono de Deus e pelo fato de não se haver provado (com certeza) que os entes queridos ainda vagueiam por aí com um corpo mais ou menos visível, supõe-se que essas concepções não sejam ‘verdadeiras’ (JUNG, OC. XVIII, § 565).

O objetivo fundamental da psicologia analítica é realizar uma compreensão da psique inconsciente, ou seja, daquilo que se passa no espírito do sujeito, já que, para Jung, o inconsciente está primordialmente relacionado à espiritualidade, à transcendência, à religião e aos fenômenos paranormais. É importante aqui ressaltar que embora Jung adote a função transcendente para compreender a manifestação da espiritualidade, é a partir de fatos e dados

empíricos que ele busca dar sentido e compreender o fenômeno singular e universal da espiritualidade. (JUNG, OC. XI)

Jung (OC. XI, § 1), explica que a psicologia deve considerar aspectos religiosos e espirituais em sua prática, uma vez que são parte essencial da personalidade humana:

Visto que a religião constitui, sem dúvida alguma, uma das expressões mais antigas e universais da alma humana, subentende-se que todo o tipo de psicologia que se ocupa da estrutura psicológica da personalidade humana deve pelo menos constatar que a religião, além de ser um fenômeno sociológico ou histórico, é também um assunto importante para um grande número de indivíduos.

Jung (OC. XI, § 509) afirma que, sem exceção, todos os seus pacientes que possuíam mais de trinta e cinco anos de idade apresentavam como problema mais elementar sua relação com a espiritualidade. Estavam adoecidos por terem se distanciado do que as religiões vivas, ou seja, o fenômeno numinoso que ocorre dentro de cada indivíduo, ofertam aos seus seguidores: um sentido para a vida. De acordo com ele, os que foram curados, devem ao fato de terem adquirido uma atitude espiritual em relação a vida, o que não significa, em absoluto, pertencer a uma determinada religião. Por este motivo, ele clama para uma reaproximação entre a ciência médica e a espiritualidade (OC. XI, § 510): “Já está na hora de o diretor espiritual e o médico se darem as mãos para levar o bom termo esta ingente tarefa espiritual”. Adiante, Jung (OC. XI, § 522) reafirma uma necessidade de reaproximação do eu consciente com sua dimensão espiritual, da busca por uma integridade da personalidade, sob pena de sofrimento através da neurose para o indivíduo que ignore essa exigência:

A neurose é uma cisão interior, uma discórdia íntima. Tudo o que reforça essa discórdia agrava o mal; tudo que a reduz devolve a saúde. Aquilo que provoca a discórdia é o pressentimento ou mesmo o conhecimento de que há dois seres no coração do mesmo sujeito, e que eles se comportam de modo antagônico, algo assim como o que diz Fausto: ‘Duas almas aí – habitam em meu peito’; estes dois seres são o homem sensual e o homem espiritual, o eu e sua sombra. A neurose é uma cisão da personalidade.

Nesse ponto do trabalho, inicia-se um diálogo interdisciplinar entre Jung e outros cientistas que reaproximam os campos da ciência e da espiritualidade. Gradativamente, Jung, em seu entendimento acerca da espiritualidade, retorna como o protagonista até o fim do capítulo.

Embora a ciência das religiões que explora temas como espiritualidade e transcendência tenha se estabelecido de maneira independente somente no século XIX, a

preocupação com a elucidação de assuntos religiosos remonta à épocas remotas. É o caso de Platão (427 a.C.-347 a.C), Aristóteles (384 a.C.-322 a.C.) e Teofrasto (372 a.C.-287 a.C), este apontado como o primeiro grego historiador das religiões. Ecléticos romanos como Cícero (106 a.C-43 a.C), apologistas e heresiarcas cristãos como Eusébio de Cesareia (265-339), judeus na Idade Média como Maimônides (1135-1204), que realizou um estudo comparativo das religiões; deístas ingleses como David Hume (1711-1776) e filósofos iluministas franceses como Voltaire (1694-1778) são exemplos de historiografia religiosa. Contudo, foi Max Müller o criador do termo *ciência das religiões*, no século XIX. Desde então, até os dias atuais, por todo mundo, formaram-se cátedras dedicadas à ciência das religiões nas universidades, favorecendo o surgimento exponencial de publicações e bibliografias sobre o amplo tema (ELIADE, 1992).

Estudos atuais correlacionam biologia, medicina e neurociências com a espiritualidade. O neurologista e neurocientista argentino Facundo Manes (2015) aborda, à luz das neurociências, temas em que a espiritualidade se faz presente, como: o inconsciente, a oração, o amor, a beleza, o livre-arbítrio, a meditação, dentre outros. Manes (2015, p.88) relata a existência de elementos antropológicos que demonstram a existência da universalidade da procura por um ser superior em incontáveis culturas primitivas e não primitivas por todo o globo terrestre e em todos os tempos. O cientista observa que as pesquisas científicas sobre a espiritualidade no campo das neurociências é algo recente, como é o caso da Universidade de Oxford, que possui um centro multidisciplinar para pesquisar como as bases neurobiológicas das crenças religiosas influenciam os pensamentos e os sentimentos das pessoas.

Manes (2015, p.89, 90) observa a importância da religiosidade e da espiritualidade na vida das pessoas, ao passo que indaga se nós criamos Deus ou se Ele nos criou:

Há evidência de que as pessoas que nutrem algum credo vivem mais e melhor. Alguns pesquisadores sugerem que nessa questão poderia haver uma vantagem evolutiva, já que não se trata necessariamente de acreditar em tal ou qual sentido, mas em possuir um cérebro com a capacidade para ter fé. Mas embora os cientistas avancem nessa área, possivelmente nunca resolverão o grande dilema: se nossas conexões no cérebro criam Deus ou se é Deus que cria nossas conexões cerebrais.

Utilizando a arte como exemplo, o neurocientista Vilayanur Subramanian Ramachandran (2011, p.275) aposta no conhecimento neurocientífico daquilo que ocorre em

nosso cérebro ao estar em contato com a mesma, e aponta para a necessidade de um convívio saudável, uma aproximação entre ciência e espiritualidade:

[...] nossa convicção de que a grande arte pode ser divinamente inspirada e ter uma significação espiritual, ou que ela transcende não só o realismo, mas a própria realidade, não deveria nos impedir de procurar aquelas forças elementares no cérebro que governam nossos impulsos estéticos.

Ao diferenciar a compreensão dos hemisférios do cérebro em relação às metáforas visuais, Ramachandran (2011) lança mão de comentários de ordem espiritual sobre um ícone da arte indiana: o *Shiva Dançante*, ou *Nataraja*. A figura de um ente demoníaco chamado *Apasmara*, que corresponde à “ilusão da ignorância” (p.300), aparece sendo esmagada por Shiva. Novamente, Ramachandran (2011, p.303) aproxima ciência e espiritualidade de forma explícita ao apontar ilusões presentes em ambos os campos do saber:

Que ilusão é essa? É a ilusão de que todos nós, sujeitos de mentalidade científica, sofremos, de que o universo nada mais é do que os giros irracionais de átomos e moléculas, de que não há nenhuma realidade mais profunda por trás das aparências. É também o engano de algumas religiões de que cada um de nós tem uma alma privada que contempla o fenômeno da vida de seu ponto de vista especial. É o engano lógico de que após a morte não há nada senão um vazio atemporal. Shiva está nos dizendo que, se destruímos essa ilusão e buscarmos consolo sob seu pé esquerdo levantado (que ele aponta para uma de suas mãos esquerdas), compreenderemos que, por trás das aparências externas (Maya), há uma verdade mais profunda. E depois que nos damos conta disso, vemos que, longe de sermos um expectador distante, aqui para contemplar brevemente o espetáculo até morrermos, somos de fato parte do fluxo e refluxo do cosmo – parte da dança cósmica do próprio Shiva. Não há, a meu ver, melhor representação da ideia abstrata de Deus.

O físico e especialista em psicossomática João Bernardes da Rocha Filho (2007) relaciona a física e a psicologia de Jung. Assim como Jung, ele critica o modelo de ciência exclusivamente materialista e racionalista. Ele atribui a Jung a descoberta de que o entendimento de mundo empreendido pela Física pode elucidar a realidade da psique humana, especialmente em relação ao conceito de *energia psíquica*, opondo-se à visão mecanicista e causalista, voltando-se para uma visão finalística, ou teleológica, além de recomendar a utilização da subjetividade como algo necessário à explicação dos fenômenos da natureza, mais do que um olhar quantitativo que predominava em sua época. Filho (2007, p.121) chama de *informação* aquilo que é associado aos símbolos e que possui a capacidade de agir sobre a psique e também sobre a matéria, e afirma que a informação é mais essencial do que a energia. Ele também afirma que a informação pode ter sido chamada de *O Verbo* no Gênesis. Além disso, a informação controla a energia, embora não a possua, e não está sujeita às leis da

matéria. Assim, para o autor, através das hipóteses junguianas de que as informações são carregadas pelos símbolos gerando efeitos psíquicos e físicos incontestáveis, Jung estabelece uma ponte entre a psicologia e a física. O autor observa que, para Jung, a energia não pode exercer uma função fundamental nos processos da psique, pois o que o faz advém dos símbolos que, ao contrário da energia, não são materiais, e, levanta a hipótese do pensamento junguiano revelar verdades sobre as leis da física:

Os vínculos que Jung construiu entre a Psicologia e as ciências naturais, associados às hipóteses sobre a carga informacional que constituem ou são levados pelos símbolos, e que produzem efeitos físicos e psíquicos indiscutíveis, indica que seria proveitoso empreender uma investigação sobre a natureza da ligação entre a psique e o restante do universo. Uma das hipóteses iniciais dessa investigação deveria envolver o Inconsciente Coletivo, que contém símbolos universais e poderia, talvez, conter Arquétipos primitivos correspondentes às leis físicas fundamentais que ordenam os fenômenos naturais. (FILHO, 2007, p.124)

Filho (2007, p.119) também observa que Jung concebeu que o princípio da física que estuda o equilíbrio termodinâmico em sistemas isolados pode corresponder à ocorrência de um nivelamento entre os opostos da psique:

[...] sistemas físicos isolados que possuem binários intensos (grandes diferenças de potencial) tem correspondentemente maior *inércia*, isto é, resistem mais às tentativas de modificação em sua energia do que se poderia esperar de sistemas menores, semelhante à atitude psicológica decorrente de opostos poderosos que se nivelam formando uma constelação mais extensa, que tende a ser tão mais duradoura quanto maior for a diferença de intensidade original.

O médico e médium Paulo César Frutuoso (2013) narra descobertas a partir de estudos dos fósseis conhecidos mais antigos dos seres humanos. O autor comenta o fato surpreendente de que as reorganizações na posição do osso fênóide desses seres humanos pré-históricos ocorreram simultaneamente em diversas partes isoladas do mundo, certamente na África, Ásia e Europa:

Se qualquer modificação estrutural anatômica no corpo humano decorre de uma alteração genética conhecida como mutação, e se essas mutações, segundo a teoria neodarwiniana, são aleatórias ou fortuitas, como poderiam ocorrer ao mesmo tempo em várias partes do mundo, surgindo em indivíduos separados por distâncias continentais? (p. 259)

Frutuoso (2013) acredita na possibilidade de que esse fenômeno signifique um objetivo evolutivo pré-determinado, parcialmente independente da influência do mundo material que conhecemos. De acordo com o autor, e como observamos no primeiro capítulo

do presente trabalho, a ciência caminha para uma reaproximação com a espiritualidade. Da mesma forma que a simultaneidade de eventos biológicos aponta para a possibilidade de fenômenos de ordem espiritual, na história da espécie humana, também, a coincidência temporal e não-geográfica de fenômenos de ordem psíquica, espalhada por todo o mundo, apresenta evidências empíricas para a possibilidade de uma espiritualidade imanente. Para Nilton Sousa da Silva (2002, p. 31), Jung sustenta a ideia de um inconsciente coletivo, e demonstra que comportamentos psíquicos semelhantes surgem em diferentes povos e culturas, mesmo havendo ausência de quaisquer influências sócio-históricas. Foi a presença do pensamento mítico-religioso que coincide entre os povos por todo o planeta, que justamente permitiu à Jung levar adiante o seu desenvolvimento de conceitos fundamentais como inconsciente coletivo e arquétipo:

A expressão humana que melhor apresenta a ideia do *inconsciente coletivo* de Jung é *pensamento mítico*; ela revela uma estrutura universal que se mantém a mesma durante todo o desdobramento da história da humanidade. A ideia de um *inconsciente coletivo* toma forma, à medida que Jung constata nas culturas humanas, um mesmo padrão de comportamento observado em diferentes povos e em diferentes épocas, sem ocorrer qualquer tipo de influência cultural ou histórica entre eles.

Jung (OC. XI, § 5) comenta o fenômeno descrito acima ao mesmo tempo que legitima o caráter empírico de suas investigações:

O fato é que certas ideias ocorrem quase em toda a parte e em todas as épocas, podendo formar-se de um modo espontâneo, independente da migração e da tradição. Não são criadas pelo indivíduo, mas lhe ocorrem simplesmente, e mesmo irrompem, por assim dizer, na consciência individual. O que acabo de dizer não é filosofia platônica, mas psicologia empírica.

Essas ideias, ou imagens primordiais, são captadas pelos seres humanos graças a uma capacidade hereditária da humanidade de ter a imaginação na forma como ocorria em seus primórdios. As imagens em si não são transmitidas de forma hereditária, somente a capacidade humana de tê-las. Essas imagens são universais e originárias, oriundas de uma porção mais profunda do inconsciente: o inconsciente coletivo. Como descrito anteriormente, Jung chamou a essas imagens de arquétipos. Eles possuem um efeito numinoso, fascinante, comovente, podendo gerar significativa alteração na vida dos seres humanos. Não são apenas vivências distintas e continuamente repetidas, mas também se demonstram empiricamente como uma força que torna propensa a recorrência das mesmas experiências, como demonstrado nos parágrafos anteriores. (JUNG, OC. VII, § 101-110).

O neurologista e pesquisador de tradições espirituais ocidentais e orientais Francisco di Biase (2010, p.87), ao escrever sobre o conceito de sincronicidade, narra que Jung endossa ideias do pensador e precursor da medicina árabe, o persa Avicena (980-1037), que fazem alusão à magia. Nessas ideias, assume-se que quando um sujeito encontra-se tomado por emoções muito intensas como o amor e o ódio, ele assume uma espécie de poder capaz de, de forma mágica, encontrar o momento astrológico oportuno para realizar modificações no mundo ao redor de acordo com a sua vontade. Assim como Jung, Di Biase (2010, p.22) estuda e compreende a consciência humana como um fenômeno além das fronteiras da ciência materialista em uma concepção que leva em conta o caráter filosófico e espiritual inerente às interações entre cérebro e consciência:

Nesta concepção a consciência é considerada a realidade primordial, a essência do universo, e o fundamento de todo o ser. Todas as formas de matéria e todos os seres vivos seriam manifestações involuídas dessa consciência pura, hierarquizados na chamada *Grande Cadeia do Ser*. É uma visão baseada na apreensão da realidade por modos holísticos de percepção e cognição, tais como a intuição, a meditação, e outros estados alterados de consciência.

Di Biase (2010, p.24, 25) recorre às descobertas do físico Werner Heisenberg (1901-1976), de que a consciência humana influencia nos experimentos atômicos ao determinar as singularidades dos fenômenos no decorrer do processo de observação, para endossar suas ideias de uma psique que transcende o cérebro. Ele lembra que, para a teoria quântica, a presença do observador é indispensável para que um fenômeno se apresente em suas propriedades. Assim, a decisão consciente deste observador acerca da forma como ele observará um elétron influencia, ao menos parcialmente, a maneira como o mesmo elétron irá comportar-se. Se o observador elabora uma pergunta acerca de uma partícula desse elétron, o mesmo responderá a respeito da partícula, se a pergunta for direcionada para uma elucidação acerca da onda, o mesmo responderá a respeito da onda. Em outras palavras, de para a teoria quântica, as propriedades objetivas do elétron dependeriam da mente para existirem.

O psiquiatra Stanislav Grof (2000), pesquisador de tradições espirituais como ioga e xamanismo, realizou uma série de estudos acerca do que chamou de *estados holotrópicos de consciência* a partir da utilização de técnicas de respiração, exposições a ritmos musicais, aplicação de substâncias psicotrópicas, dentre outras, para melhor compreender a natureza da consciência e da psique humana. Os estados holotrópicos (*holos* = totalidade e *trepein* = ir em direção a algo) de consciência são assim chamados por transcender as fronteiras do eu

material em direção à identidade total. Nestes, o indivíduo tem a possibilidade de compreender de forma profunda a dinâmica inconsciente de sua psique, já que, além da descoberta de que a auto-percepção é influenciada por memórias reprimidas ou esquecidas da infância e do período pré-natal, ele também vive experiências ricas em *insights*, onde pode identificar-se com outros seres humanos, animais, plantas e seres espirituais.

Ele critica a psiquiatria convencional e a ciência organicista porque, para ele, ambas buscam exclusivamente nos órgãos do corpo humano as raízes de distúrbios mentais como fobias, ansiedade, depressão e muitos outros. Seus estudos constataam que há a existência de um sistema de memórias carregado de emoções, o *COEX*, encontrado inicialmente nas experiências infantis dos sujeitos pesquisados e, posteriormente, nas profundezas de fenômenos de ordem espiritual e transpessoal no sujeito adulto. Grof (2000, p.258) acredita que a forma como os indivíduos pensam um mundo espiritual além-vida exerce grande influência em sua atitude moral e psicológica:

O fato de acreditar, ou não, na sobrevivência da consciência após a morte, na reencarnação e no carma afeta profundamente nosso comportamento. A ideia de que acreditar na imortalidade tem profundas implicações morais já era expressa por Platão, que, em *As leis*, faz Sócrates dizer que a falta de interesse nas consequências dos próprios atos no pós-morte seria 'um obséquio para os depravados'. [...] a negação maciça da morte leva a patologias sociais com perigosa consequências para a humanidade.

Grof (2000, p. 279, 280) elege Jung como o precursor da psicologia transpessoal (aprofundada mais adiante) pelo fato do mesmo ter descrito em sua obra estratégias de vida direcionadas para as dimensões secular e cósmica, integrando a sabedoria pragmática do mundo material com a profundidade do conhecimento oriundo do inconsciente coletivo. O autor reconhece e lança mão de conceitos da psicologia junguiana como arquétipo e inconsciente coletivo para embasar as suas ideias de que a psique humana faz-se presente, também, além do mundo material, além do cérebro:

Uma importante característica dos arquétipos é o fato de eles não se limitarem ao cérebro humano, mas operam em reinos transcendentais e exercem influências sincrônicas tanto sobre as psiques individuais quanto sobre os acontecimentos do mundo físico. (GROF, 2000, p.286)

Adiante, Grof (2000, p. 324) volta a sustentar o mesmo raciocínio:



[...] a consciência não é um produto dos processos fisiológicos do cérebro, mas sim um atributo primário da existência. A natureza mais profunda da humanidade não é animal, mas sim divina. O universo é imbuído de inteligência criativa e a consciência é inextricavelmente entrelaçada em sua textura. Nossa identificação com o ego corpóreo é uma ilusão e nossa verdadeira identidade é a totalidade da existência.

Após apresentar um recorte do trabalho de Grof, focado em exemplificar convergências de seu pensamento com o pensamento junguiano, o texto torna a colocar Jung em evidência, nesse momento em uma comparação entre a espiritualidade oriental e a oriental em sua obra.

Jung enxergava na religiosidade e na espiritualidade, ocidental e oriental, uma condição fundamental e arquetípica da psique na jornada em direção à individuação. A religiosidade seria capaz de provocar uma transformação na consciência do sujeito, a partir da influência da ideia do sagrado e do divino, indagações que transcendem o mundo objetivo. Para a psicologia analítica, o contato com a espiritualidade significaria uma permanente busca pela união com o arquétipo Deus. *A imago Dei* ou o *arquétipo da imagem de Deus* ocupa o ponto central do Si mesmo, atraindo para si os demais arquétipos. Naturalmente, sem a integração deste arquétipo central, o homem permanece incompleto e obtuso (FRANZ, 2008). Jung (OC. XI, § 531) cria que o que é capaz de ajudar o homem em seu sofrimento não é o que ele mesmo é capaz de pensar e imaginar, “[...] mas somente uma verdade sobre-humana e revelada que o arranca de seu estado de sofrimento.”

A sabedoria oriental e seus caminhos espirituais foram abordados no trabalho de Jung (OC. XI), que os articulou com os caminhos espirituais do Ocidente. Na perspectiva ocidental o espírito representa a mentalidade do indivíduo, uma função da psique, condição fundamental para o conhecimento e para a existência do mundo em si. O indivíduo é praticamente irrelevante perante a Deus, que representa a totalidade. Já na perspectiva oriental o espírito é compreendido enquanto um princípio cósmico, sendo ele o próprio Deus, capaz de acudir e libertar a si próprio. No Ocidente cristão, o indivíduo é compreendido como alguém totalmente dependente da salvação de Deus, como um instrumento da vontade divina, ao passo que no Oriente acredita-se na autorredenção, quando o indivíduo é, ele mesmo, integralmente responsável por sua evolução superior (JUNG, OC. XI, §§ 768-770). Jung (OC. XI, § 949) utiliza-se de sua percepção acerca dos mandalas budista e cristão para traçar uma comparação entre ambos os espíritos:

Existe uma diferença muito sutil, mas enorme, entre o mandala cristão e o mandala budista. O cristão jamais dirá em sua contemplação: *Eu* sou Cristo; pelo contrário, confessará como Paulo: “Eu vivo, mas já não sou eu, é Cristo que vive em mim” (Gl 2,20). Mas nosso sūtra afirma: “Saberás que *tu* é que és Buda”. No fundo estas duas confissões são idênticas [...]. O cristão parte justamente do mundo transitório do eu, enquanto o budista de apoia ainda no fundamento eterno da natureza interior cuja união com a divindade ou com a essência universal encontramos também em outras confissões hindus.

A perspectiva ocidental se assemelha a uma atitude de extroversão, enquanto na perspectiva oriental, a atitude dá-se em seu oposto, a introversão, como observa Jung (OC. XI, § 770):

O Oriente baseia-se na realidade psíquica, isto é, na psique, enquanto condição única e fundamental da existência. A impressão que se tem é a de que esse conhecimento é mais uma manifestação psicológica do que o resultado de um pensamento filosófico. Trata-se de um ponto de vista tipicamente introvertido, ao contrário do ponto de vista ocidental que é tipicamente extrovertido. [...] A introversão é, se assim podemos nos exprimir, o estilo do Oriente, ou seja, uma atitude habitual e coletiva, ao passo que a extroversão é o estilo do Ocidente. Neste a introversão é encarada como uma anomalia, um caso patológico ou, de qualquer maneira, inadmissível.

Por haver uma incompatibilidade lógica entre as posições oriental e ocidental, já que o cristão não pode salvar a si mesmo sozinho e o budista não pode adorar a Deus, deve ser admitida a existência de um conflito que só pode ser resolvido de maneira irracional. No Ocidente, a ideia de um eu é imprescindível no necessário processo de conscientização, o que não ocorre no Oriente, já que neste, é possível conceber a existência de uma consciência sem a existência de um eu, que desaparece em um estado espiritual superior. Isso soa estranho para o Ocidente, pois este necessitaria do eu para testemunhar tal estado espiritual, como observa Jung (OC. XI, § 774): “*Não consigo imaginar um estado espiritual que não se ache relacionado com um sujeito, isto é, com um eu*”. E adiante, no mesmo parágrafo, ele conclui:

Entre os doentes mentais podemos observar manifestações de fragmentos do inconsciente pessoal que se desligaram da consciência reflexa do paciente. Mas não temos prova alguma de que os conteúdos inconscientes se achem em relação com um centro inconsciente, análogo ao eu. Antes, pelo contrário, existem bons motivos que nos fazem ver que um tal estado nem sequer é provável. (JUNG, OC. XI, § 774)

Tanto o ponto de vista ocidental quanto o oriental são considerados extremos por Jung, pois ambos adotam uma atitude unilateral, desprendida de uma realidade integral. O exagero da objetividade no Ocidente e o exagero do desprendimento no Oriente fazem com que a vida tenda para um asceticismo. Tanto a tendência extrovertida do Ocidente quanto a

tendência introvertida do Oriente almejam sobrepujar o aspecto natural da vida através do triunfo do espírito sobre a matéria. Ambas as atitudes são tidas por Jung como típicas da juventude da humanidade que, ao entrar em seu entardecer em um futuro distante tenderá a assumir uma postura distinta, onde o espírito não tente mais afirmar-se frente a matéria. (JUNG, OC. XI, § 786-787).

No presente trabalho, o recorte utilizado para o estudo da espiritualidade na psicologia analítica de Jung baseia-se na saga de uma personagem ocidental inserido em questões espirituais da sociedade ocidental: a saga de um cavaleiro templário contada no álbum *Temple of Shadows* (Templo das Sombras) da banda brasileira Angra. Jung (OC. XI, § 876) cria que, embora possa aprender muito com o espírito oriental, o homem ocidental deve trilhar o seu caminho através do espírito ocidental, ou seja, a partir das bases do cristianismo, e não tentar imitar a atitude espiritual oriental, já que esta advém de condições psicológicas essencialmente distintas. Ele utiliza-se do exemplo da difusão da ioga no ocidente para fundamentar sua crítica:

A evolução espiritual do Ocidente seguiu caminhos totalmente diversos dos do Oriente, razão pela qual surgiram condições sumamente desfavoráveis para a aplicação da ioga. A civilização Ocidental tem pouco menos de mil anos de existência; ela deve primeiramente libertar-se de suas unilateralidades bárbaras. Para isto é preciso uma percepção e uma visão mais profundas da natureza do homem. Mas com a repressão e a dominação não se chega a conhecimento algum, e menos ainda com a imitação de métodos que surgiram de condições psicológicas totalmente diversas. Com o perpassar dos séculos o Ocidente irá formando sua própria ioga, e isto se fará sobre a base criada pelo cristianismo.

Nascido no seio de uma família que cultuava a tradição protestante, Jung esteve intimamente envolvido com temas de ordem religiosa durante toda sua juventude e, através de sua obra, narra experiências práticas com a transcendência do seu ser; experiências essas de ordem totalmente pessoal, biográfica e empírica em seu trabalho como psiquiatra e no desenvolvimento da sua vida pessoal até a sua morte em 1961 (SHAMDASANI, 2013; HILLMAN & SHAMDASANI, 2015). Acreditava ele que a experiência religiosa proporciona beleza, sentido e plenitude para a vida dos homens que a vivenciam; uma fonte de paz, capaz de melhorar e até curar casos de neurose. Por este motivo, dedicou atenção especial em seus estudos aos símbolos míticos e religiosos oriundos do inconsciente coletivo (JUNG, OC. XI).

Jung estudou profundamente a maneira pela qual as religiões se formam e quais suas origens. Buscou entender qual a função da alma humana que busca elaborar a religião e as respectivas funções dos deuses percebidos por essa alma e, para tanto, trouxe da própria

experiência de vida a explicação para suas indagações. O fluxo de imagens simbólicas, poderes que determinam a vida dos seres humanos, compõe a base de todas as religiões, já que no inconsciente coletivo encontram-se arquétipos herdados da vivência de nossos antepassados que voltam a ganhar vida através da psique dos vivos (HILLMAN & SHAMDASANI, 2013). Por este motivo, é de suma importância prestar atenção nas imagens oriundas do inconsciente coletivo, como o próprio Jung (OC. VII, § 118) observa:

A camada pessoal termina com as recordações infantis mais remotas; o inconsciente coletivo, porém, contém o tempo pré-infantil, isto é, *os restos da vida dos antepassados*. As imagens das recordações do inconsciente coletivo são imagens não preenchidas, por serem formas não vividas pessoalmente pelo indivíduo. Quando, porém, a regressão da energia psíquica ultrapassa o próprio tempo da primeira infância, penetrando nas pegadas ou na herança da vida ancestral, aí despertam os quadros mitológicos: os arquétipos. Abre-se então um mundo espiritual interior, de cuja existência nem sequer suspeitávamos. [...] É tal a intensidade desses quadros, que nos parece inteiramente compreensível que milhões de pessoas cultas tenham aderido à teosofia ou à antroposofia, pois esses sistemas gnósticos modernos vêm ao encontro da necessidade de exprimir e formular os indizíveis acontecimentos interiores.

Sobre os símbolos religiosos, Jung (OC. VIII, § 805) explana porque os mesmos não podem ser compreendidos sob uma perspectiva exclusivamente racional:

Estes não provêm da cabeça, mas de algum outro lugar, talvez do coração; certamente, de alguma camada profunda da psique, pouco semelhante à consciência que é sempre apenas uma camada superficial. É por isso que os símbolos religiosos têm um pronunciado 'caráter de revelação' e, em geral, são produtos espontâneos da atividade inconsciente da psique. São tudo, menos coisa imaginada. Pelo contrário, eles se desenvolveram progressivamente, à semelhança das plantas, como revelações naturais da psique humana, no decurso dos séculos.

A psicologia analítica encontra na mitologia, ferramentas indispensáveis para a compreensão da psique, já que a mitologia carrega em si conteúdos simbólico-arquetípicos. Os mitos derivam do acervo de conhecimento elaborado e reunido pela humanidade ao longo de sua existência e narram a forma como o mundo e os seres vivos são concebidos e se integram. A mitologia irrompe do inconsciente coletivo e origina consciência coletiva. Durante o curso da história da humanidade, mito e religião propiciaram ao homem, vasto material de conhecimentos e métodos para lidar consigo mesmo e o mundo externo (PENNA, 2013). Toda mitologia narra uma cosmogonia. A cosmogonia encontra-se presente nas tradições orais. Nelas, cada aspecto da vida, cada expressão simbólica hoje experimentada, originou-se em um tempo primordial. Assim, as categorias cognitivas dos povos que se

utilizam da tradição oral, associam-se com suas expressões simbólicas. Dessa forma, o mito é produzido (UNESCO, 2010). Os psicólogos e pesquisadores da psicologia junguiana, Bosco Oliveira e Ingrid Constant Oliveira (2009, p.14,15) explicam que a psicologia de Jung abriu uma possibilidade de aproximação entre a mitologia e a psique ao compreender os deuses como representações arquetípicas oriundas do inconsciente coletivo, podendo o estudo dos mitos permitir uma expansão do entendimento sobre a própria psique, sobre si próprio. Eles exemplificam a relação entre o mito e aquilo que entendemos como a vida concreta, tangível:

Assim, em diversas etapas de nossas vidas, alguns componentes mitológicos ou arquetípicos têm maior influência no nosso mundo psíquico. O mito do herói relatado na Grécia aparece no mundo atual quando surge na necessidade da afirmação do bebê diante do predomínio e da indiferenciação do mundo materno. Esse mito continuará a ter influências em todas as lutas, passagens e conquistas tanto no campo afetivo e familiar como no profissional. A dinâmica com os conceitos de família, profissão, sociedade e tantos outros se reveste de aspectos mitológicos, ou seja, comuns a todos os seres humanos, diferenciando apenas em termos de graus pessoais de investimento de energia. (OLIVEIRA & OLIVEIRA, 2009, p.14,15)

Os mitos originaram-se do material inconsciente, muitas vezes onírico, dos contadores primitivos de histórias. Entusiasmados com as fantasias que lhes ocorriam, estes não buscavam se aprofundar no conhecimento das mesmas. Somente mais adiante na história, os humanos começaram a se perguntar a procedência desse tipo de fantasias. Na Grécia Antiga, acreditava-se que o mito não deveria ser entendido em sua forma literal, pela sua evidente natureza ilógica. Supunha-se que as histórias narradas sobre os deuses eram, na verdade, histórias ampliadas, desmedidas, de antigos reis em suas proezas. Nos dias atuais, a humanidade exerce o mesmo movimento em relação aos sonhos, supondo que os mesmos signifiquem algo diferente daquilo que se apresenta ao sonhador (JUNG, OC. XVIII, §§ 568-569). Ainda no mesmo trecho, Jung diz crer no equívoco desse movimento, e conclui:

O sonho é um fenômeno normal e natural que certamente é apenas aquilo que é e nada mais significa do que isso. Dizemos que seu conteúdo é simbólico não só porque ele evidentemente possui um significado, mas porque aponta para várias direções e deve significar algo que é inconsciente ou que, ao menos, não é consciente em todos os seus aspectos.

O filósofo Ernst Cassirer (2005, p.120) observa que mito e religião são as duas áreas do conhecimento mais avessas a uma análise puramente lógica, e que na Idade Média, uma das preocupações filosóficas mais importantes era a de encontrar a relação entre ambas as

áreas. O autor cita Tomás de Aquino, filósofo e teólogo escolástico, quando refere-se à verdade religiosa como *supranatural* e *supraracional* e não *irracional*. Em outras palavras, a razão pode aperfeiçoar e complementar, mas não é capaz de aprofundar-se por completo nos mistérios da fé. Mais adiante (p.123), o filósofo exalta a importância do mito para a humanidade quando observa que uma interpretação mítica é possível em todos os fenômenos de ordem natural ou humana e, assim como Jung, também relata o fenômeno onde os mesmos pensamentos elementares são encontrados por antropólogos em distintas culturas e regiões geográficas, do mesmo modo que a forma da atividade simbólica religiosa permanece a mesma, independente das incontáveis divergências de conteúdo durante toda a história da humanidade.

A expressão *espiritualidade* é entendida por Jung como algo ligado a uma percepção subjetiva da experiência com o numinoso e, do conceito de espiritualidade, emergem questionamentos acerca da origem e finalidade da humanidade, o sentido de sua existência, da vida em si, bem como o que ou quem ela é no cosmo. A adoção da função transcendente como fundamento e sentido de uma cosmovisão espiritualizada é um aspecto crucial da vida do sujeito. A percepção e a crença de que se está relacionado ao absoluto, ao incomensurável, é determinante em seus intuítos e condutas. Sendo assim, em virtude de suas análises a respeito de indagações e temas espirituais, Jung é apontado como um dos pioneiros da psicologia transpessoal. Assim, o conceito de Si-mesmo alcança, na obra completa de Jung, uma profundidade espiritual que aponta para a totalidade e integridade latentes na psique. No Si-mesmo tem origem integralmente impulsos criativos que, quando em interação com o ego, desencadeiam o processo de individuação ontologicamente estabelecido para um Ser íntegro na vida. (PENNA, 2013)

Os símbolos carregam até a consciência conteúdos psíquicos do inconsciente, trazem consigo a possibilidade de vivências espirituais da psique universal. Quando o sujeito se depara com a energia dos símbolos arquetípicos, ele confronta uma experiência numinosa, já que os símbolos são ricamente dotados de uma energia incomensurável. Para Jung, o símbolo arquetípico da imagem de Deus, *Imago-Dei*, expressa uma relação entre a essência de Deus e a alma humana. Por isso, ampliação da consciência é, para Jung, a principal tarefa a ser cumprida por todos os seres humanos, uma vez que para ele na vida é totalmente possível verificar e integrar psiquicamente o embate dos opostos, para possibilitar a elevação da

consciência individual a um status universal. Portanto, a ampliação da consciência possui um significado cósmico (DORST, 2015).

Se o indivíduo tiver suficiente êxito na integração e na assimilação dos conteúdos arquetípicos, ele consegue expandir as fronteiras de sua consciência, o que trará mudança em sua personalidade. Para que isso ocorra, é necessário que estes conteúdos não sejam compreendidos como meras fantasias, mas como poderosa fonte de numinosidade e estímulo emocional. Desdenhar seu poder significa reprimir sua expressão e, conseqüentemente, correr o risco de retornar aos antigos padrões neuróticos. Jung atribuía ao pensamento reducionista e materialista de sua época a responsabilidade de desencadear neurose nos indivíduos, afastados da percepção do numinoso no arquétipo ao serem estimulados a superestimar a razão (JUNG, OC. XVIII, § 595-597). Como visto no primeiro capítulo, para Jung, a alma detém uma função religiosa natural. Por isso o indivíduo adulto possui como meta psicológica deslocar para a sua consciência, a *Imago-Dei*, uma vez que os valores soberanos residem na própria alma. (JUNG, OC. XII, § 14).

Na literatura do antropólogo Carlos Castaneda (1984), há o protagonista Don Juan: feiticeiro e xamã que demonstra ao próprio Castaneda a importância de ampliar as experiências da consciência em direção à totalidade do ser. Don Juan explana a existência de infinitas faixas de percepção e afirma que o indivíduo deve vivenciar o maior número possível, para aproximar-se da totalidade do seu ser. Para Don Juan, o que os místicos de todos os tempos, em suas visões, acreditavam ser entes de ordem divina ou diabólica, não passavam de meros padrões destituídos de poder dentro das virtualmente infinitas faixas de percepção que os seres humanos são capazes de perceber.

O cientista francês Allan Kardec (1804-1869), fundador do que nomeou de Doutrina Espírita, foi um cientista pesquisador de fenômenos paranormais ligados a fenômenos da natureza como, por exemplo, o eletromagnetismo. Kardec afirma que a vida no mundo terreno possui a função de permitir que as almas experimentem uma ampliação de experiências da consciência, já que essa tarefa não é possível de ser cumprida durante a erraticidade, o período no qual a alma encontra-se desencarnada. Daí, o anseio dos mortos de entrarem em contato com o mundo dos vivos, pois, para Kardec, necessitam de uma edificação moral somente possível através do acúmulo de experiências conscientes vivenciadas em vida. (KARDEC, 1991)

A psicologia transpessoal almeja a investigação do melhor e mais elevado potencial possível da humanidade, e define-se por uma aceitação e apreciação de ideias psicológicas, filosóficas e espirituais cuja gênese se encontra nas tradições religiosas. A consciência é o conceito-chave da psicologia transpessoal, como observa Brigitte Dorst (2015, p. 10):

A consciência transpessoal pode ser circunscrita com conceitos como: presença integral, permeabilidade, amplitude aberta, emocionar-se, sentir-se profundamente tocado por energias numinosas, vivência da unidade universal, experiências místicas de convergência do Si-mesmo individual com o absoluto [...].

Divaldo Franco (1995), autor brasileiro de livros da doutrina espírita que explanam a psicologia transpessoal, ao analisar o conceito junguiano de processo de individuação, explica que a missão do homem no planeta terra se traduz em um árduo esforço pelo aperfeiçoamento moral, o que envolveria a prática da tolerância a si mesmo e ao próximo. Para ele, o sofrimento associado às vaidades do ego (autocompaixão, inveja, queixas, ciúmes e ressentimentos, por exemplo) força o sujeito a reavaliar sua posição perante si mesmo e o mundo. Quando o sujeito finalmente compreende que os imperativos de seu ego são a fonte de seus problemas, e que sua realização depende de forças que transcendem sua consciência, que fogem ao seu controle, cedo ou tarde ele passaria a buscar respostas em algo numinoso, divino. O autor faz alusão à teoria de Jung:

[...] procurando enfeixar nos arquétipos todas as ocorrências da paranormalidade, deixaram espaços para reformulações de conceitos e especulações que se libertam dos modelos e paradigmas acadêmicos, atendendo com mais cuidado, e observações menos ortodoxas, os acontecimentos desprezados, por considerados patológicos ou fraudulentos. (1995, p.15)

Acerca do egoísmo do homem moderno, o próprio Jung (OC. XI, § 524-525) observa que o mesmo pode possuir uma função de favorecer um encontro entre o sujeito e seu lado mais profundo, o que pode fazê-lo despertar para o amor:

Ele está mergulhado na ignorância, mas se comporta como se sua vida individual constituísse a expressão de uma expressão particular divina, que deveria ser cumprida antes e acima de tudo – daí o seu egoísmo, que é um dos defeitos mais perceptíveis do estado neurótico. [...] Por mais miserável que seja este isolamento, ele não deixa de ser útil, porque somente então é que o doente vai poder conhecer-se a si próprio; só então poderá aprender a medir o bem inestimável que reside no amor dos outros homens. Além disso, só no seio do abandono e da mais profunda solidão consigo mesmo, pode-se experimentar os poderes benéficos que cada um traz dentro de si.



Marie von Franz (2008) observa que o processo de individuação depende da atenção consciente do sujeito em relação às suas próprias tendências e impulsos orgulhosos e vaidosos. O reconhecimento da realidade inconsciente de um sujeito requer, portanto, um aperfeiçoamento moral, descrito pela autora como um processo honesto de autocrítica. Questionamentos de ordem cósmica e espiritual tendem a ocorrer quando o sujeito encontra-se em crise na sua relação com o mundo externo. Somente quando o sujeito busca notar seu lado super-humano, infinito, é que ele percebe-se enquanto totalidade (BOFF, 2001). Na psicologia de Carl Rogers (2001, p. 135), a autorreflexão é “um foco interno de avaliação”, que aparece como condição para o encontro do sujeito com aquilo que verdadeiramente expressa a si mesmo.

Através dos conceitos da alquimia medieval, incorporados à sua psicologia, Jung atingiu a essência de seu trabalho. Para ele, a alquimia equivale a um fluido subterrâneo em comparação ao cristianismo que impera à tona, na superfície. Por este motivo, a alquimia procede em relação ao cristianismo da mesma forma em que o sonho procede em relação à consciência, ao compensar os conflitos da mesma. A alquimia preenche as brechas provocadas pela tensão de opostos advinda do dogma cristão, e esclarece o fato de que o inconsciente não atua simplesmente opondo-se à consciência, mas sim agindo como um agente compensatório à mesma. A face do inconsciente reflete a face que a consciência lhe mostra: é ameaçadora quando hostilizada, mas suavizada quando tratada com benevolência. Essa reação autônoma não indica uma reação reflexiva, mas sim a natureza independente do inconsciente em relação à consciência. O inconsciente se assemelha à natureza no que diz respeito à busca em que os opostos se lançam para encontrarem-se, o que ocorre especialmente no arquétipo do Si-mesmo, já a consciência busca, essencialmente, a separação de opostos, condição necessária para sua ampliação (JUNG, OC. XII, § 26).

Jung (1993, p. 194) chega a afirmar que somente com seu livro *Mysterium Coniunctionis* (OC. XIV), que confronta a alquimia com sua psicologia, que sua tarefa foi concluída:

[...] Só com o *Mysterium Coniunctionis* minha psicologia minha psicologia foi definitivamente colocada na realidade e estabelecida em seu conjunto graças aos seus fundamentos históricos. Assim, minha tarefa foi cumprida e minha obra terminada.

Em seus estudos alquímicos, Jung (OC. XIII, § 477) observa que é necessário um esforço por parte do indivíduo para que o inconsciente seja integrado à consciência, salvo em raros casos onde esse fenômeno pode ocorrer de forma espontânea. O inconsciente lança mão do conteúdo arquetípico que é inicialmente vazio, destituído de valor, para que, a partir daí, a consciência possa preenchê-lo através de uma representação análoga, condicionada no tempo e no espaço em que o indivíduo se encontra inserido. Um pouco adiante, Jung (OC. XIII, § 480) explica como o fenômeno descrito acima ocorre dentro da terapia analítica, evidenciando, mais uma vez, a importância dos mitos para a compreensão do material inconsciente:

Assim, quando os símbolos oníricos não são reduzidos a situações, coisas, ou pessoas que o médico acredita conhecer antecipadamente, mas são concebidos como símbolos reais que indicam algo que até então ficara desconhecido, todo o caráter da terapia analítica se transforma: o inconsciente não é mais reduzido ao que é conhecido e consciente, redução esta imprópria para fazer cessar o que é precisamente a dissociação entre a consciência e o inconsciente, mas é reconhecido como efetivamente inconsciente; o símbolo então não é reduzido, mas amplificado mediante o contexto proporcionado pelo sonhador e através da comparação com mitologemas análogos, de modo que fosse possível reconhecer a intenção do inconsciente. Desse modo, ele pode ser integrado e a dissociação superada. A redução, pelo contrário, afasta o inconsciente e reforça a unilateralidade da consciência.

Apoiado na epistemologia e na metodologia junguiana apresentadas no primeiro capítulo, o presente capítulo demonstrou que a religiosidade e a espiritualidade podem ser estudadas dentro de um espírito científico, não metafísico. É o momento de iniciar o terceiro capítulo, que aborda uma relação entre a música, em especial o *rock* e o *metal*, com dimensões espirituais da psique humana.

### 3 ANJOS E DEMÔNIOS NO *ROCK* E NO *METAL*

O atual capítulo pretende demonstrar que: há uma profunda relação entre música e espiritualidade; o *rock* e seu subgênero *metal* encontram-se inseridos nessa relação; o *Rock* surge da cultura negra norte-americana e; o *rock* e o *metal* podem ser associados tanto a aspectos profanos, diabólicos quanto a aspectos sagrados, divinos da vida, dependendo de como e de quem os vivencia.

Embora o principal objetivo do presente trabalho seja realizar, através da visão de espiritualidade em Jung, uma análise do material escrito do álbum *Temple of Shadows* do Angra, faz-se pertinente apresentar pesquisas que sugerem que a música em si possui um caráter numinoso, já que o material musical produzido pelos músicos do Angra associado ao material escrito, caracteriza e dá vida ao álbum. A presença do sagrado e do profano no *rock* é ilustrada ao ser contrastada a visão do estilo musical a partir do já apresentado estudioso da música e da espiritualidade David Tame (1984), com a visão do estilo musical a partir do geógrafo Diogo da Silva Cardoso (2010) que, além de apresentar os *cristãos underground* no Brasil, conduz o leitor ao pastor norte-americano Bob Beeman que, literalmente, trouxe o *rock* e seu subgênero *metal* para dentro de sua igreja. Mas antes, a visão de Jung relativa à música.

O tema da música é encontrado poucas vezes no trabalho de Jung que a relaciona, por exemplo, às propriedades alquímicas do elemento mercúrio (JUNG, OC. XIV, § 37), às sincronicidades astrológicas (JUNG, OC. VIII, § 924) e até mesmo ao abordar a questão do ritmo associado à sexualidade, Jung (OC. V, § 219) torna a citar a música como sendo um vetor de distração para a realização de tarefas. Além disso, o tema da música na Obra de Jung (OC. IX, § 548) também aparece relacionado ao material onírico de uma paciente sua:

Durante a dança, ela e a música se dissolvem num enxame de abelhas zumbindo. Depois, ela se transforma num leopardo, depois num jato de água da fonte e em seguida em um polvo marinho que prende em seus tentáculos um jovem pescador de pérolas. No momento dramático ela reassume, a cada vez, sua forma humana.

Em outro exemplo, ao analisar o material simbólico contido no sonho de um paciente, Jung (OC. VII, § 175) reconhece a música contida neste como um algo de ordem otimista:

A música do fim do sonho parece confirmar que não se trata de um retrocesso, mas de um avanço. Pois o paciente é dotado de grande sentido musical e a solenidade do

órgão o emociona fortemente. A música tem uma conotação muito positiva para ele, logo o fim do sonho é reconciliador [...]

Jung observa com propriedade que a música deveria ser um aspecto fundamental da análise. Em um encontro com a pianista Margaret Tilly (1900-1969), ele declara que: "a música deve ser parte essencial de toda a análise", pois ela tem a extraordinária capacidade de atingir as profundezas do material arquetípico das pessoas. Entretanto, Jung demonstra ressalvas sobre o tema, porque para ele as pessoas que produzem música na atualidade não possuem a devida percepção de que ela, a música, lida e revela um material arquetípico (MCGUIRE, 1982, p. 248). É possível, no mesmo livro (MCGUIRE, 1982, p.227), a partir de uma entrevista que Jung concedeu ao correspondente Frederick Sands do Daily Mail de Londres em 1955, extrair um exemplo do quanto a música moderna e a forma moderna de viver a música incomodavam Jung que, em suas palavras, desabafa com inconformismo e até certa agressividade:

[...] É impossível entrar num hotel ou restaurante e manter uma conversa inteligente em torno de uma refeição ou de chá, porque as palavras são afogadas em música agressiva. [...] O Jazz e todo esse tipo de coisa é de uma mediocridade imbecilizante. Mas pior ainda é quando resolver tocar música erudita em tais lugares. Bach, por exemplo. Bach fala com Deus. Eu sinto-me empolgado por Bach. Mas seria capaz de matar um homem que toque Bach num ambiente banal.

Para a psicóloga clínica Priscila Valente Alonso (2010), a música está associada ao conceito junguiano de arquétipo. A autora relata que emoções como alegria, tristeza, saudades e comoção, são ativadas no indivíduo quando o mesmo está em contato com a música, em quaisquer partes do mundo e em quaisquer contextos históricos. Assim, a reação psicológica à música é universal e, por este motivo, arquetípica. A autora cita uma passagem de Jung, em resposta a Serge Moreaux, editor de uma revista francesa, onde o próprio Jung associa a música ao inconsciente coletivo:

É certo que a música, bem como o drama tem a ver com o inconsciente coletivo; [...] De certa forma, a música expressa o movimento dos sentimentos (ou valores emocionais) que acompanham os processos inconscientes. O que acontece no inconsciente coletivo é por sua natureza arquetípico e os arquétipos têm sempre uma qualidade numinosa que se manifesta na acentuação do emocional. A música expressa em sons o que as fantasias e visões exprimem em imagens visuais. (JUNG, 2002, p.150 apud ALONSO, 2010)

Para Tame (1984), a música exerce uma autêntica influência no caráter das pessoas. Assim, para o autor, o músico deve assumir uma grande responsabilidade e compor somente

músicas capazes de purificar e espiritualizar pessoas e sociedades. De acordo com o autor, na música da era clássica e romântica, é possível identificar uma harmonia de ordem eterna e imutável, portanto de ordem espiritual. Ele usa o exemplo do compositor Johann Sebastian Bach (1685-1750) para ilustrar seu raciocínio (p.143): “[...] Bach é tão significativo e importante para nós, hoje, como sempre o foi, e às obras de um gênio de tamanha envergadura nunca se pode aplicar o adjetivo ‘datado’”. No parágrafo seguinte, critica a música do século XX, ao mesmo tempo em que elogia compositores como o finlandês Johan Julius Christian Sibelius (1865-1957) e russo Sergei Vasilievich Rachmaninoff (1873-1943) que, segundo ele, souberam manter o espírito de períodos anteriores: “Recusando-se a sucumbir aos remoinhos da anarquia à sua roda, produziram [...] música de singular e duradoura grandeza.”.

Para Tame (1984), a noção moderna do que é e do que faz a música, está condicionada pela sua visão de mundo predominantemente materialista e reducionista. De um lado, o autor identifica uma visão tradicionalista da música, que propõe a ideia de que a mesma influencia diretamente o caráter dos indivíduos e conseqüentemente da sociedade, cabendo ao músico comprometer-se com um direcionamento moral e construtivo na elaboração de sua arte. Por outro lado, os materialistas não estariam preocupados em assumir essa responsabilidade. Assim como para a visão de mundo materialista, os pensamentos e as emoções dos seres vivos se reduzem a meros processos bioquímicos em resposta ao mundo externo, também a música é compreendida por seu aspecto mensurável: vibrações no ar, capazes de transmitir experiências subjetivas para quem as ouve, como sensações de prazer decorrentes exclusivamente de substâncias químicas produzidas no próprio cérebro. Nessa compreensão, a música encontra-se essencialmente afastada de sua dimensão espiritual, sendo utilizada para fins meramente lucrativos ao estimular um telespectador a consumir um produto anunciado em um comercial de televisão, ao gerar sensações corporais agradáveis próximas ao orgasmo, dentre muitos outros usos com fins comerciais, propostos por indivíduos apelidados pelo próprio autor de “skinnerianos” (TAME, 1984, p.124), referindo-se ao pioneiro da psicologia experimental Burrhus Frederic Skinner (1904-1990). Tame (1984, p.125) alerta para possíveis conseqüências dessa mentalidade:

Seria extremamente imprudente rejeitar tais desenvolvimentos por impossíveis; a história tende a demonstrar, muito convincentemente, que os homens acabam desenvolvendo quase tudo o que encasquetam na cabeça. O orgasmo humano acusticamente induzido ou qualquer coisa parecida com isso, levaria, decerto, o corajoso mundo behaviorista a dar um salto gigantesco na busca da sua

completação. Poder-se-ia esperar que fosse uma simples questão de tempo encontrarem as empresas industriais algum meio de propiciar, aberta ou sutilmente, o 'estímulo acústico' a operários. À semelhança de ratos numa caixa de Skinner, ligados a fios que estimulam eletricamente o centro de prazer do cérebro todas as vezes que acionam uma alavanca, e que eles acionam repetida e freneticamente até seus corpos já não terem forças para fazê-lo, assim a 'música' especialmente formulada oferecida a operários industriais poderia ser controlada para dar-lhes maior ou menor 'estímulo, de acordo com o nível desejado de produção.

Tame (1984) observa que o corpo humano é influenciado de acordo com o tipo de vibração musical o atinge. As raízes dos nervos auditivos englobam conexões mais prolongadas e espalhadas em comparação a todos os outros nervos. A música intervém nos sistemas digestório, circulatório, nervoso e respiratório. Por exemplo, ocorre queda na pressão sanguínea quando em contato com acordes ininterruptos, ao passo que quando os acordes são tocados de maneira repetitiva, ocorre elevação. Outro exemplo importante é o da laringe, que se contrai quando, no caso, ocorre uma sequência descendente de acordes. A laringe é profundamente acometida pelas emoções e experiências subjetivas das pessoas, indicando, corporalmente, a existência de implicações da música sobre a psique. A música sensibiliza de forma direta o corpo humano ao influenciar suas células e órgãos internos e ao incidir sobre as emoções. Além da influência da música no corpo do ser humano, existe uma série de estudos que exploram a poder da música sobre animais e plantas. Desde ratos de laboratório que, em condições experimentais, optam de forma unânime por estarem em um ambiente onde se toca música Barroca, abandonando um ambiente onde o *rock* é tocado, até experimentos que demonstram que galinhas colocam mais ovos quando estão em contato com a música clássica. No que tange as plantas, a influência da música no reino vegetal é uma das formas mais concisas de demonstrar, cientificamente, a ação da música nos seres vivos, pois, em teoria, não existiria a variável da possível influência da mente, do estado subjetivo. Em um experimento realizado no Canadá, onde mudas de trigo expostas à música selecionada tiveram um crescimento três vezes superior se comparadas às mudas idênticas não expostas. Em outro experimento, foi analisada a influência da música do compositor Johann Sebastian Bach sobre plantas. Verificou-se que, além da planta crescer mais depressa em comparação à que não esteve em contato com a música, houve uma maior capacidade regenerativa da mesma. Na Índia, O Dr. T.C. Singh da Universidade de Annamalia demonstraram que a constante exposição de plantas à música clássica faz com que as mesmas cresçam duas vezes mais rápido do que o normal, como resultado de um aumento na movimentação do protoplasma celular, material elementar das plantas e dos animais. (TAME, 1984)

A música influi na atividade mental e emocional das pessoas e, por isso, tem sido utilizada por milênios, por exemplo, por trabalhadores na pesca e na agricultura, ao cantarem juntos para inspirar-se em suas jornadas de trabalho. Nos dias atuais, um novo uso, pesquisado de forma científica, para a influência da música na mente pode ser observado no rádio e na televisão, com objetivos de venda de produtos ou até mesmo de influência em padrões de comportamento. Ao influenciar mente e emoções, a música acaba por influenciar também o caráter, como observa Tame (1984, p.158):

Quem pode duvidar de que a música afeta nossas emoções? É por certo verdadeiro que só ouvimos música, em primeiro lugar, porque ela nos faz *sentir* alguma coisa. Mas isto agora é deveras interessante, pois se a música nos proporciona sentimentos, podemos dizer que tais sentimentos – de inspiração moral, alegria, energia, melancolia, violência, sensualidade, calma, devoção e assim por diante – são *experiências*. E as experiências que temos na vida constituem um fato vitalmente importante no moldar-nos caráter.

No decorrer dos séculos, a música também foi amplamente utilizada em campos de batalha para inspirar guerreiros e aterrorizar seus oponentes. Durante o período das Cruzadas<sup>5</sup>, guerreiros cristãos ao serem derrotados em batalha pelos sarracenos, acabaram absorvendo o estilo da música marcial árabe tocada em campo de batalha, adotando-o para seus próprios exércitos em futuras batalhas (TAME, 1984).

Ao associar o som à espiritualidade, Tame (1984) comenta que a ideia de que o universo foi criado a partir do Verbo emanado de um ou de vários deuses ocorre em teorias cosmogônicas de diversos continentes em povos como os celtas, hebreus, chineses, egípcios e índios norte-americanos. O autor (1984, p. 225) diz que “[...] no Gênese, a Criação também se manifesta através do som.”, e acrescenta um pouco adiante na mesma página: “Não vemos Deus criando tudo isso somente com pensamentos ou desejos silenciosos; nem dando forma ao universo, das alturas, com mãos pujantes. Não, ele fala, descrevendo o que há de manifestar-se, e o que descreve se manifesta.”.

Para o poeta, pacifista, professor e estudioso da espiritualidade céltica, John Philip Newell (2008, p.94-104), existe uma canção específica no cosmos e no íntimo de cada indivíduo. Essa canção também se encontra no âmago de toda a matéria que existe, presente em todos os átomos. Ela equivale a uma Presença perene que chama a cada indivíduo por seu nome espiritual: é o que o autor traduz como *O Hino do Universo*. Em uma experiência

---

5 Recorte histórico que será trabalhado no próximo capítulo.

mística ocorrida na adolescência, Newell narra que acordou em meio a madrugada e percebeu-se, em meio a total escuridão, consciente de uma presença espiritual que encontrava-se inclinada em sua direção, uma presença Newell afirma ser a de Jesus Cristo. Nessa experiência, Newell compreendeu que na medida em que o indivíduo se desloca para o centro da Criação e da alma humana, ele é capaz de se aproximar da Presença perene. Ele também compreendeu que a presença espiritual de Jesus Cristo carrega consigo um tom, uma afinação, que conduz os indivíduos ao mais profundo som do Hino do Universo.

Como exemplificado nos parágrafos acima, pesquisas por todo o mundo abordam a relação da música com a religião e a espiritualidade. O mesmo ocorre no Brasil. Por exemplo, a mestre em Educação Bárbara Casaletti (2013) reconhece a afinidade da música com a espiritualidade. Para esta autora, ambas as categorias consistem em formas de experimentar a vida e a comunhão com os outros seres humanos de maneira sincera e apaixonada. Tanto a música quanto a espiritualidade podem fascinar e conduzir a pessoa para uma esfera além de si de mesma, para um universo mais amplo, que transcende o mundo profano, material.

Ao pesquisar o campo religioso da comunidade quilombola de Olaria, na cidade de Irará, Bahia, a mestre em Estudos Étnicos e Africanos Jucéia Santos (2009) observa que durante a prática religiosa dessa comunidade, a música cantada e tocada através dos atabaques expressa vivências espirituais. Para a autora, a música não deve ser apenas percebida como uma mera estrutura sonora, já que ela recria um estado mental especial que transcende a música em si, uma vez que repertório musical quilombola aborda, por exemplo, aspectos éticos de separação entre o bem e o mal para estabelecer uma integração com a natureza, com a vida em si.

A professora e doutora em Ciência Social Deise Montardo (2002) ao apresentar sua pesquisa acerca dos rituais xamânicos do povo Guarani, também demonstra que para este povo a música possui uma função de acesso aos seus deuses. E, a pesquisadora reproduziu para os participantes do estudo, músicas de outros povos de diversos continentes, e relata apreciação e surpresa por parte dos participantes de sua pesquisa ao constatarem a existência de aspectos semelhantes à sua própria música.

Para o professor e doutor em música Joêzer Mendonça (2010), além da música tocada e cantada com fins de aproximação com o sagrado, a música secular também pode expressar conteúdos de crenças e práticas religiosas em suas letras, como ocorre na música popular brasileira, a MPB. Mendonça explica que a teomusicologia é uma musicologia que realiza



uma leitura teológica dos aspectos religiosos contidos no conteúdo da música cantada e observa a importância da tolerância e do intercâmbio de conhecimentos entre a teomusicologia e outras áreas do saber. A teomusicologia estuda a sacralidade presente nas músicas sacra e secular:

A teomusicologia, sem renunciar ao empréstimo dos conhecimentos dos estudos culturais e da sociologia da religião, é um campo musicológico teologicamente informado. As análises da teomusicologia visam averiguar as interpretações que se descobrem no estudo das canções religiosas. (MENDONÇA, 2010, p. 591)

Nesse momento do trabalho a música *rock* ganha foco em dois aspectos específicos: em suas raízes na cultura negra norte-americana e em sua relação com o sagrado e o profano, o divino e o diabólico.

Na sua origem musical, o *rock* era tido por muitos religiosos como essencialmente um estilo musical destrutivo. Ele surge na década de 1940 nos Estados Unidos como gênero musical advindo da cultura negra norte-americana, através, principalmente do *blues*: cujas letras refletem adversidades e conflitos da vida cotidiana da época, e do *gospel*: estilo musical inspirado nos cantos africanos. Músicos como Chuck Berry (1926-2017) e Little Richard (nascido em 1932) corroboraram para a identidade negra do *rock*. Na década de 1950, por estar associado à cultura negra, o *rock* passa a ser perseguido por líderes religiosos e órgãos oficiais, que desejavam que o estilo perdesse sua popularidade e seu poder de integração racial, como observa a mestre em História Aline Rochedo (2013, p. 72):

Nos anos 1950, principalmente por sua origem negra, uma forte pressão foi exercida contra o Rock por líderes religiosos, órgãos oficiais e interesses de gravadoras junto à indústria fonográfica. A campanha desenvolvida por meio de uma parcela da sociedade como pais, pastores, professores, ressoava a antipatia ao gênero, no qual os artistas eram caracterizados delinquentes juvenis, preguiçosos e indolentes. As gravadoras, por sua vez, tinham grandes interesses na queda do Rock and roll e do 'doowop' (um estilo de música vocal), pois nestes estilos elas tinham pouco poder de ação. Durante praticamente os anos de 1953-1955, essa prática teve o efeito de obscurecer as versões negras originais. Devido a pressão em recusar o Rock, houve uma espécie de enfraquecimento, como se o gênero perdesse a popularidade e a força, principalmente por não aceitarem a integração racial.

Para o professor e historiador Marcos Sorrilha Pinheiro e o historiador Fred Maciel (2011, p.6,7) o *blues* caracteriza-se por estar associado a formação de uma cultura de resistência intimamente conectada aos escravos negros. Durante o período de escravidão, os mesmos utilizavam os instrumentos de seus senhores, já que os instrumentos africanos eram

proibidos. De maneira singular, por exemplo, através do uso de escalas pentatônicas para subverter a lógica de seus dominadores, os escravos negros acabaram criando um estilo próprio que culminou no *blues*. Perante uma sociedade segregada, o *blues* ajudou o negro norte-americano a diferenciar-se do branco norte-americano, através da manifestação e da valorização de seus aspectos sociais desde os anos 1940 até os dias de hoje:

[...] o blues foi e pode ser utilizado como um produto de resistência e manifestação dos negros nos EUA. Ainda que sob novos moldes e muito mais globalizado do que no início do século XX, ele faz parte de uma importante parcela da cultura estadunidense, representando um grupo social mais do que crucial na construção e formação do país. (PINHEIRO & MACIEL, 2011, p.17)

Jung (OC. X, § 95) reconhece que a cultura negra foi a principal influência da música e da dança norte-americanas: “A música americana tirou sua inspiração principal do negro, como aconteceu também com a dança”. Mais adiante, Jung (OC. X, § 965) ao continuar abordando o tema da influência da cultura negra no território norte-americano, volta a falar da contribuição do negro na música daquele país:

É fácil verificar que o homem de cor influenciou o ‘comportamento’ americano com seus movimentos primitivos, com sua emotividade transparente, com seu lado criança à flor da pele, com seu senso de música e ritmo, com sua linguagem divertida e pitoresca.

Ainda na década de 1950, liderado por Elvis Presley (1935-1977), surge um movimento *rock* de músicos brancos com suas raízes no *Country Music*. Esse movimento levou o estilo musical a um êxito comercial. Nos anos 1960, o *rock'n'roll* chega à Europa, mais especificamente na Inglaterra com *Os Beatles*. O grupo foi influenciado tanto por Elvis Presley (1935-1977), branco, como por Chucky Berry, negro. Logo em seguida, o grupo *Rolling Stones*, também inglês, protagoniza o que foi chamado de *invasão britânica* no cenário do *rock* norte-americano (ROCHEDO, 2013). Dessa forma, a influência da cultura negra norte-americana continuou a permear o *rock*, inclusive na Europa como, por exemplo, nos *Beatles* que “[...] aparecem com bases rítmicas do blues, entrecruzadas com a batida métrica e regular ocidental euro-americana.” (SILVA, 2008, p.26)

No maior portal eletrônico de *rock* do Brasil, o *Whiplash.net*, encontra-se uma matéria<sup>6</sup> do autor Carlos Alberto de Oliveira, com o título “Rosetta Tharpe: Poucos sabem mas ela é a verdadeira mãe do Rock and Roll”. Nessa matéria, a cantora e compositora negra

---

6 OLIVEIRA, 2016.

Rosetta Tharpe (1915-1973), filha de uma pastora evangélica, é reconhecida por ser a criadora do *rock*, com a música *Strange Things Happening Every Day*, inspirando diretamente ícones do estilo como Elvis Presley, B.B.King (1925-2015), Bob Dylan, Johnny Cash (1932-2003) e Little Richard. Outras músicas de grande sucesso de Tharpe são: *Rock Me*, *The Lonesome Road*, *Tall Skinny Papa*, dentre outras. Mesmo reconhecendo Tharpe como a criadora do *rock*, a matéria lamenta o fato de que esse reconhecimento não é devidamente difundido ao público. A matéria é inspirada em uma campanha de uma cervejaria norte-americana que almeja dar o devido reconhecimento à Tharpe como a criadora do *rock*. Trata-se de uma homenagem que trata Tharpe como a mãe do estilo musical. Em um vídeo<sup>7</sup> disponível na *internet*, a mãe do *rock* aparece no palco tocando sua música *Didn't it Rain* frente ao público que acompanha o ritmo da canção com palmas.

Fotografia 1 – Rosetta Tharpe, a mãe do *rock*



Fonte: OLIVEIRA, 2016.

No portal eletrônico do maior museu norte-americano dedicado à música *rock*, o Rock & Roll Hall of Fame, Rosetta Tharpe é reconhecida como aquela que mais merece ser homenageada pelo museu. Em sua biografia contida no portal, o visitante descobre que a canção *Strange Things Happening Every Day* levou Tharpe, em 1945, ao segundo lugar das músicas mais ouvidas nos Estados Unidos, tornando-se um modelo para o surgimento do *rock*. Além disso, em 1947, Tharpe leva aos palcos Little Richard, fazendo com que o mesmo decidisse seguir sua carreira como o fez. Em 1951, em um estádio de *baseball* da capital norte-americana, Washington D.C, ela tocou para um público de vinte e cinco mil pessoas que foram ao estádio para vê-la e ouvi-la. Na década de 1960, alguns anos antes de sua morte,

---

7 BUDWEISER, 2016.

Tharpe se muda para a Inglaterra para seguir sua carreira tocando *blues* aos jovens amantes do estilo em Londres e Liverpool<sup>8</sup>.

Pudemos constatar nos parágrafos anteriores a presença de uma intolerância racial, cultural e religiosa presente na história do *rock*. Nesse momento, serão contrastadas duas visões distintas e conflituosas acerca da natureza religiosa e espiritual do *rock*.

Para Tame (1984, p.202), assim como “[...] a própria natureza humana, a música não pode, de maneira alguma, ser neutra em sua direção espiritual”. O autor acredita que o *rock* conduz as pessoas a uma direção espiritual inferior. Ele aponta estudos que relacionam o contato de plantas com o *rock* e a destrutividade, como os estudos patenteados de Dorothy Retallack (apud TAME, 1984, p.154, 155) com feijões, abóboras e outros alimentos de origem vegetal em contato com o estilo musical, cresciam menos e morriam mais rápido do que os mesmos alimentos quando expostos ao silêncio. Sem revelar a procedência, ele comenta sobre experimentos que corroboram sua visão de que o *rock* promove efeitos negativos tanto no corpo quanto no espírito dos indivíduos:

Revelou a pesquisa que a música de *rock* faz mal à digestão; é igualmente perigosa enquanto a pessoa está dirigindo automóvel. Além disso, uma vez que o *rock* eleva a pressão do sangue, é nocivo em caso de hipertensão preexistente. E já que as pulsações cardíacas, por sua vez, afetam o estado de espírito e as emoções da pessoa, estes também sofrem a influência dos ritmos do *rock*, aumentando-se a tensão e a desarmonia do espírito. O ritmo, com efeito, nos atinge não só o corpo, a mente e as emoções, mas até o subconsciente. (TAME, 1984, p.148)

Um pouco mais adiante, Tame (1984, p.222) conclui quais são, para ele, as consequências espirituais do *rock* para aqueles que o vivenciam:

O seu efeito sobre a alma consiste em tornar quase impossível o verdadeiro silêncio interior e a paz necessária à contemplação das verdades eternas. Os seus ‘fãs’ são viciados, embora não tenham noção disso, nos efeitos para-hipnóticos, intensificadores da egocentricidade, do ‘gostoso’, do seu bater incessante.

E, de forma impassível, praticamente declara guerra ao *rock*:

Creio inflexivelmente que o *rock* e todas as suas formas são um problema crítico que a nossa civilização precisa enfrentar de alguma forma genuinamente eficaz, e sem demora, se quiser sobreviver por algum tempo. (TAME, 1984, p.222)

---

8 ROCK & ROLL HALL OF FAME, 2018.

Por outro lado, outros estudos demonstram que o *rock* pode ser vivido enquanto uma força construtiva, espiritualmente elevada. O geógrafo e professor Diogo da Silva Cardoso (2010) apresenta uma expressão estético-religiosa que cultua o *rock* e seu subgênero *metal*, representada por jovens cristãos espalhados pelo Brasil e o mundo: os *cristãos underground*. O *underground* cristão tem início nos anos 1980, originando-se em um conjunto de igrejas alternativas que surgiram na época sob influência de movimentos cristãos norte-americanos, como por exemplo, o Jesus Movement (Movimento de Jesus) e o Jesus Music (Música de Jesus). Foi a Calvary Chapel (Capela do Calvário) que, opondo-se ao dogmatismo puritano da época, buscou estabelecer relações com jovens da contracultura da época, como os hippies, aproximados através do Movimento de Jesus. A Calvary Chapel chegou a possuir cerca de dez mil membros na década de 1970. O pastor Chuck Smith (1927-2013), fundador da Calvary Chapel em 1965, inseriu músicas com melodias contemporâneas no lugar das tradicionais, além de aceitar, sem pré-requisitos, qualquer jovem que quisesse fazer parte de sua igreja (CARDOSO, 2010, p.2,3). O fenômeno favorecido por Chuck Smith, logo ganhou proporções gigantescas:

E a efervescência política, cultural e religiosa não ficou parada no Movimento de Jesus. Com a consolidação do rock na cultura popular massiva e na indústria fonográfica e do entretenimento, diversos subgêneros do rock foram se constituindo, seja para repelir a cooptação do rock n'roll pelo 'Sistema', como para manifestar as novas tendências musicais, tecnológicas, instrumentais e os estilos de vida que continuavam a germinar nas grandes cidades. (CARDOSO, ANO, p.3)

Além de outros subgêneros do *rock*, o *metal* (estilo predominante da banda Angra) também foi absorvido pela comunidade cristã. Cardoso (2010, p.3) narra que, na década de 1980, o pastor norte-americano Bob Beeman funda uma igreja orientada para metaleiros, pessoas que aderem ao estilo musical *metal* como um estilo de vida: a Sanctuary Church. No portal eletrônico oficial da Sanctuary Church<sup>9</sup>, o visitante é informado de que a igreja de Beeman é a família *metal* cristã mais antiga e a que mais cresce em todo o mundo. A partir do mesmo portal, é possível acessar uma estação de rádio *online* constituída exclusivamente da música *metal*, além de informações sobre como ajudar o grupo liderado por Beeman a continuar provendo comida, roupas e assistência básica a pessoas necessitadas, em Nashville, estado do Tennessee, Estados Unidos. Ainda no portal eletrônico supracitado, o visitante tem acesso ao documento intitulado Sanctuary Doctrinal Statement, uma espécie de guia doutrinal

---

9 SANCTUARY INTERNATIONAL, 2018.

de setenta e seis páginas que explica as diretrizes da igreja de Beeman, que ostenta, em inglês, ao topo da primeira página, a passagem bíblica: “A fé vem por ouvir a mensagem, e a mensagem é ouvida mediante a palavra de Cristo (Romanos 10:17)” (Tradução do autor). Nesse documento, é possível conhecer a visão da Sanctuary Church sobre assuntos como a Bíblia, Deus, o Homem, a Fé, a Salvação, o Céu e o Inferno, a Igreja, a vida de Cristo, dentre outros.

A igreja de Beeman influenciou outras igrejas do mesmo gênero por todo o mundo, inclusive no Brasil, como é o caso do Ministério Santuário, fundado em 1992 na cidade de Belo Horizonte pelo missionário Fábio de Carvalho que, ao lado de outros protagonistas como o pastor Luciano Manga, Cláudio Tiberius, Cassio Colombo, Enok Galvão, dentre outros, alavancou o *underground* cristão (CARDOSO, 2010, p.6).

Cardoso (2010, p.6) deixa claro que, para os *cristsãos underground*, o *rock* pode favorecer uma reaproximação aos símbolos e aos valores divinos, sagrados:

Não obstante a “luta” dos cristãos *undergrounds* contra o cristianismo reacionário (evangélicos, católicos e outras correntes conservadoras), sua missão primaz é levar a Palavra de Deus a todas as tribos urbanas. Sua luta, encabeçada por cristãos da cena *Metal*, consiste na *ressacralização* de símbolos e valores sagrados que foram ontologicamente dessacralizados pelas culturas juvenis seculares, sobretudo pelos grupos góticos, *darks*, *black metals* e outros extremos da cena *underground* do *Metal*.

Ao falar sobre a presença do *rock e do metal* na organização brasileira paraeclesialística Tribal Generation, o autor reafirma a possibilidade dos estilos musicais tornarem-se agentes favorecedores de um relacionamento entre as pessoas e o sagrado, o divino:

O *rock underground*, e os diversos subgêneros do Metal, tornaram-se símbolos apropriados e manipulados pela entidade supracitada. Essa escolha, ao que parece, deu-se porque o *rock* e o *underground*, conjuntamente, são fontes viáveis para a criação/reabilitação de uma identidade cristã ‘alternativa’ capaz de lidar com as necessidades afetivas e de lazer da juventude contemporânea, além de apresentar uma boa representação simbólica e estética para impactar o meio secular e o evangelicalismo, oferecendo outra forma de relacionamento com o Pai e com a Igreja. (CARDOSO, 2010, p.7)

Para o teólogo Samuele Bacchiocchi (1938-2008) o *rock* possui um potencial para inebriar a percepção do indivíduo cristão: “A natureza pluralista e eclética da música rock pode ser muito enganosa aos cristãos, porque algumas canções de rock soam como cristãs enquanto outras como satânicas. [...]”. Por este motivo, Bacchiocchi (2000, p.119) acredita

que o *rock* possibilita e dá suporte a múltiplas experiências religiosas, incluindo a adoração a Cristo e até mesmo a Satanás: “Sem dúvida, a maior parte dos fãs do rock admitirá que não estão conscientemente adorando a Satanás. Mas se Satanás é adorado de forma consciente ou inconsciente, o resultado final é o mesmo: ele recebe a adoração que é devida somente a Deus”.

Para Robert McParland, autor do livro *Myth and magic in Heavy Metal music* (2018)<sup>10</sup> o *metal* pode parecer ameaçador pois tem o poder de impulsionar o indivíduo a expressar sua sombra pessoal e cultural. Recorrendo à teoria de Jung, ele explica que esse fenômeno corresponde, na verdade, a uma necessária integração da sombra à consciência. McParland (2018), mostra que o *metal* é permeado por uma grande riqueza arquetípica que vai além da dicotomia bem e mal.

É relevante que o leitor observe alguns exemplos de conteúdos de temas míticos, religiosos e espirituais no *metal*, para que possa ter um vislumbre desse fenômeno antes do próximo capítulo. Embora esse universo mágico do *metal* se expresse de muitas maneiras diferentes como, por exemplo; o uso de fantasias durante apresentação ao palco, ou em figuras e imagens em encartes de álbuns; os exemplos a seguir são de letras de música, já que é através desse tipo de expressão artística que a análise do álbum *Temple of Shadows* proposta na presente pesquisa acontece.

Um exemplo de conteúdo de ordem mítica encontra-se na letra da música *The gods made heavy metal* (Os deuses fizeram o heavy metal) da banda norte-americana Manowar. Esta narra uma cosmogonia onde a criação do mundo é associada à criação do próprio *metal* pelos deuses:

No começo havia silêncio e escuridão por toda a Terra  
Então veio o vento e um buraco no céu  
Trovão e relâmpago continuavam a chocar-se com a Terra e a rachar o chão  
Fogo queimando alto ao céu [...]  
Os deuses fizeram o heavy metal e então viram que era bom  
Disseram para tocá-lo mais alto que o Inferno, nós prometemos que iríamos  
Quando os perdedores disserem que está acabado  
Sabemos que é uma mentira  
Os deuses fizeram o heavy metal e este nunca irá morrer<sup>11</sup>

---

10 Mito e magia na música *heavy metal* (tradução nossa).

11 THE GODS, 2018.

O *black metal* é um subgênero do *metal*, que alimenta ideais satânicos e pagãos, como o documentário *Until The Light Takes Us*<sup>12</sup> expõe. Um repúdio à ideais cristãos está presente na temática da banda norueguesa Ancient. A letra da música *Lilith's Embrace* (O Abraçar de Lilith), por exemplo, traz o personagem bíblico Caim proferindo à São Miguel palavras de repúdio ao Reino de Deus ao mesmo tempo em que recusa-se à salvação espiritual ofertada pelo santo: “*Não pela sua graça, mas por mim mesmo, eu escolho viver com orgulho, seu deus piedoso me enjoa em seu reino infestado de mentiras.*”<sup>13</sup> A banda norueguesa Satyricon com a música *Mother North* (Mãe Norte) narra em sua letra um desejo de união entre homem e natureza, como a seguinte passagem expõe:

Covardes seres de carne e osso  
 Continuam fechando os olhos para os perigos que ameaçam a nós mesmos e  
 à nossa natureza  
 E é por isso que todos eles me irritam  
 Às vezes na calada da noite eu posso hipnotizar minha alma  
 Sinais e visões proféticas e terror  
 Todos vêm juntos  
 Mãe Norte, nós permaneceremos unidos (juntos caminhamos)  
 Espírito do norte, estarei lá quando caçá-los<sup>14</sup>

O Helloween, banda de *metal melódico* (outro subgênero do *metal* caracterizado por um ritmo mais veloz e o uso acentuado de melodias musicais), em sua música *Hey Lord* (Ei, Senhor) aborda a complementaridade entre os opostos, superando uma forma dicotômica, unilateral de pensar, como o trecho a seguir demonstra:

Prazer ou dor  
 Frio ou fogo  
 Amor contra desprezo  
 Esperança ou desespero  
 Verdadeiro ou falso  
 Normal ou insano [...]

Bom ou profano  
 Par ou ímpar  
 Tudo está frente a frente  
 Pecador e santo  
 Serve um ao outro  
 Viver é como esse lugar é chamado

---

12 UNTIL, 2012.

13 LILITH'S, 2018.

14 MOTHER, 2018.



A banda inglesa Iron Maiden em sua música *Infinite Dreams* (Sonhos Infinitos), traz o tema espiritual da reencarnação, como a seguinte passagem ilustra:

Gosto de pensar que quando morrer  
Eu terei uma outra chance, um outro tempo  
E retornar e viver novamente  
Reencarnar, jogar o jogo  
Novamente, novamente e novamente<sup>15</sup>

O Slayer, banda norte-americana do subgênero *trash metal*, compôs uma música chamada *Black Magic* (Magia Negra), cujo título já anuncia o assunto que pode ser compreendido no seguinte recorte da letra:

Amaldiçoada  
Noite de magia negra  
Nós fomos derrubados  
Neste Inferno  
Feitiços me cercam dia e noite  
Acometidos pela força da luz maligna  
A força da luz maligna<sup>16</sup>

Com os exemplos acima, pode-se ilustrar ao leitor a potencialidade do estilo musical em relação ao assunto espiritualidade antes de iniciar o próximo capítulo.

Por fim, um trecho da letra da música *Crusader* (Cruzado) de outra banda de *metal*, o Saxon<sup>17</sup>, aclimatiza o leitor para o próximo capítulo ao ilustrar como se afigurava a intolerância que permeava a mente e os ânimos de muitos indivíduos durante esse recorte histórico:

Estamos marchando, estamos marchando, para uma terra longe de casa  
Ninguém pode dizer quem voltará  
Pelo amor da Cristandade, nós teremos nossa revanche  
Sobre os pagãos para além do oriente  
Nós Cristãos estamos chegando, com espadas erguidas ao alto  
Unidos pela fê e pela causa  
Os sarracenos e o mal logo provarão nosso aço  
Nossos emblemas serão erguidos por toda a terra<sup>18</sup>

---

15 INFINITE, 2018.

16 BLACK, 2018.

17 SAXON, 2018.

18 CRUSADER, 2018.

## 4 UM DIÁLOGO ENTRE O CAÇADOR DAS SOMBRAS E C. G. JUNG

### 4.1 A banda Angra e seu álbum Temple of Shadows

Formada em 1991, a banda Angra é um conjunto brasileiro de *metal* que incorpora no seu estilo musical ritmos regionais do nosso país. Seu primeiro álbum oficial, o Angels Cry, de 1993, alcançou na votação da revista Rock Brigade a liderança nos quesitos: Melhor Álbum, Melhor Banda Nova, Melhor Vocalista, Melhor Tecladista, e Melhor Capa de Disco. Em 1994 o Angels Cry foi comercializado no continente europeu, alcançando imediato sucesso. Ainda no mesmo ano, a banda Angra fez parte do primeiro festival Monsters of Rock ao lado de bandas consagradas como o KISS, o Black Sabbath e o Slayer. No ano seguinte, em 1995, realizou uma longa turnê por todo o Brasil e também na Europa<sup>19</sup>.

Com ritmos brasileiros, corais e arranjos de orquestra, em 1996, a banda Angra lançou o álbum Holy Land, que superou em vendas o álbum anterior. Em 1998, foram lançados pela banda o EP Lisbon e o álbum Fireworks, mais focados no estilo *metal*. No mesmo ano, a banda aumentou seu prestígio no mundo inteiro, ao realizar uma longa turnê mundial. Em 2001, foi lançado o álbum Rebirth, que vendeu mais de um milhão de cópias no mundo inteiro. Já consagrada, a banda lança em 2004 o álbum Temple of Shadows, seguido dos lançamentos dos álbuns Aurora Consurgens em 2006, Aqua em 2010, e Secret Garden em 2014, todos eles sucesso de vendas e de críticas. Em 2018, a banda Angra lança seu mais atual álbum, o OMNI:

[...] um álbum conceitual, um conjunto de contos de ficção científica que acontecem em vários lugares no tempo, simultaneamente. A espinha dorsal da trama se baseia na ideia de que em 2046 seria criado um sistema de Inteligência artificial que mudaria a percepção e cognição humana, pois este sistema permitiria a comunicação consciente entre os seres humanos do presente com os do futuro. Viajantes do tempo, homens da caverna, guerreiros, entre outros personagens, ajudam a contar esta estória<sup>20</sup>.

Em sua formação atual, a banda conta com o vocalista Fabio Lione, o baixista Felipe Andreoli, os guitarristas Marcelo Barbosa e Rafael Bittencourt, e o baterista Bruno Valverde. Além disso, em 2018 a banda gravou uma canção, Black Widow's Web, com a cantora

---

19 ANGRA, 2018.

20 Ibid.

brasileira Sandy<sup>21</sup>. Outros nomes consagrados, que já não fazem mais parte da banda, protagonizaram sua história, como o guitarrista Kiko Loureiro (atualmente membro da banda norte-americana Megadeth<sup>22</sup>), e os vocalistas Andre Matos da banda Shaman e Edu Falashi do Almah<sup>23</sup>.

Imagem 1 – Capa do álbum Temple of Shadows da banda Angra



Fonte: ANGRA, 2018.

O álbum *Temple of Shadows*, cujo material literário é objeto de análise, foi lançado no dia 6 de setembro de 2004. Desde então, ganhou premiações como o Prêmio Claro da Música<sup>24</sup> na categoria Melhor Álbum de *Heavy Metal* de 2014, em uma votação *on-line* que reuniu mais de 30 mil pessoas, além de outros, não somente dedicados ao *Temple of Shadows*, mas que também destacam a qualidade individual de integrantes da banda<sup>25</sup>. O álbum traz publicado, acompanhando sua música, um material escrito onde cada faixa musical é apresentada com um trecho da história da personagem Caçador das Sombras. O material

21 Ibid.

22 MEGADETH, 2018.

23 ALMAH, 2016.

24 CLÁSSICOS, 2017.

25 MELHORES, 2004.

escrito apresenta uma série de acentuadas indagações de ordem religiosa e existencial por parte desse cavaleiro como revela o portal eletrônico oficial da banda Angra<sup>26</sup>:

O fato é que, por trás de todos os prêmios e críticas absolutamente positivas do álbum, ele possui uma história que não é lá tão fácil de ser contada e que possui muitas nuances. A história conta não apenas com um contexto histórico bastante sólido, mas também com uma série de reflexões, trazendo questionamentos existenciais e até mesmo religiosos bastante profundos.

A formação da banda Angra nesse álbum conta com Edu Falashi (vocal), Rafael Bittencourt e Kiko Loureiro (guitarras), Felipe Andreoli (baixo) e Aquiles Priester (bateria). Músicos de grande expressão também fizeram parte da história da banda em participações especiais, como ocorre no *Temple of Shadows*: o vocalista da banda alemã Gamma Ray e ex-vocalista da também banda alemã Helloween, Kai Hansen, participa da faixa *Temple of Hate*, o vocalista Hansi Kursch da banda alemã Blind Guardian participa da faixa *Winds of Destination*, e o cantor e compositor brasileiro Milton Nascimento participa da faixa *Late Redemption*<sup>27</sup>.

O álbum *Temple of Shadows* é conceitual. A narrativa presente em cada faixa musical, em conjunto com a letra da música, revela a personalidade de um cavaleiro cruzado do século XII, o Caçador das Sombras, que em meio às questões de seu drama, se envolve com temas de ordem espiritual e religiosa, apaixona-se, casa-se e tem filhos com uma mulher muçulmana antes de cumprir uma profecia realizada por um velho rabino e uma prostituta cigana. A aventura do Caçador das Sombras foi idealizada e escrita pelo guitarrista Rafael Bittencourt, e é contada ao longo de treze faixas (na ordem em que se apresentam no álbum): 1. *Deus Le Volt*; 2. *Spread Your Fire*; 3. *Angels and Demons*; 4. *Waiting Silence*; 5. *Wishing Well*; 6. *The Temple of Hate*; 7. *The Shadow Hunter*; 8. *No Pain for the Dead*; 9. *Winds of Destination*; 10. *Sprouts of Time*; 11. *Morning Star*; 12. *Late Redemption*; e 13. *Gate XIII*<sup>28</sup>.

#### **4.2 Análise do álbum *Temple of Shadows* à luz da psicologia analítica de Jung**

A presente análise lança uma luz junguiana às questões psicológicas, espirituais, religiosas e existenciais com as quais o Caçador das Sombras, protagonista da saga narrada no

---

26 ANGRA, 2014.

27 RESENHA, 2004.

28 ANGRA, 2004.

álbum, tem que lidar em sua jornada. A análise do material literário, que explica um contexto histórico e a forma como o protagonista pensa, sente e age perante as demandas de seu mundo externo e interno, dá-se a partir de uma leitura fenomenológica e hermenêutica, como explicado no primeiro capítulo. Pede-se que leitor retenha em sua mente o conteúdo dos capítulos anteriores, redigidos para fornecer a base teórica deste.

Como observa o colunista Luiz Felipe Lima do portal eletrônico *Whiplash.net* em sua matéria “10 anos de Temple of Shadows: A saga do Caçador das Sombras”<sup>29</sup>, o conteúdo literário do álbum pode ser compreendido sob múltiplos pontos de vista diferentes. Além disso, a história contada em suas faixas não se encontra em ordem cronológica. Isso pode ser facilmente constatado quando, na ordem das faixas apresentada no encarte do álbum, o autor casa-se antes de conhecer sua esposa. Por este motivo, as faixas serão dispostas na ordem em que Luiz Felipe Lima propõe ser a mais adequada em termos cronológicos. Cada faixa começa com um trecho de narrativa da saga apresentado em um ou mais parágrafos, seguido da letra da música, dividida em estrofes. Todo o conteúdo literário provém do encarte do álbum oficial<sup>30</sup>. A tradução é do próprio autor e o conteúdo literário original em inglês encontra-se no Anexo A.

#### 4.2.1 Deus le Volt! - Deus quer Assim!

Este álbum descreve - em poucas palavras - a saga de um cavaleiro cruzado conhecido como Caçador das Sombras, que se junta ao exército do Papa no final do século XI. Durante sua saga, sua mente fica frequentemente perplexa com o antagonismo da Guerra Santa e afligida por visões que conflituam com a sua devoção à Igreja.

O começo do segundo milênio tem muito em comum com nossos tempos. O mundo estava rapidamente mudando. A soberania do Império Romano estava sucumbindo ao poder crescente dos muçulmanos, judeus, cristãos e conquistadores pagãos. Enquanto o domínio romano estava caindo aos pedaços, as guerras locais eram frequentes e o domínio dos territórios mudou em quase todas as décadas. Por diferentes razões, essas insurreições queriam governar Jerusalém (a chamada Terra Santa para as três principais nações religiosas e um muito importante centro comercial).

As cidades da Europa e da Ásia Menor tornaram-se muito povoadas; empregos eram difíceis de encontrar; e as pessoas ficaram desempregadas e inativas. Esse cenário tornou-se muito favorável para o Papa Urbano II levantar um exército de cruzados europeus para conquistar a terra onde Jesus foi crucificado. Perdidos e confusos - devido aos tempos turbulentos - eles foram facilmente guiados pelos ideais da salvação proposto pela Igreja. No entanto, a massa de soldados ignorantes e

---

29 ANGRA, 2014.

30 ANGRA, 2004.

fanáticos saíram de controle, em total anarquia aplicaram métodos impiedosos de devastação. O instinto inato do povo cristianizado recentemente trouxe o ódio e o medo de viver esse período. Depois de mil anos a religião de Cristo tornou-se um paradoxo, matando e torturando homens para infligir os ideais de fraternidade. Foi absorvida, misturada e adaptada à cultura e interesses imperialistas romanos.

...E da multidão, um grito é ouvido, “Deus quer Assim”.

A primeira faixa, *Deus le Volt!* (Deus quer Assim!) é introdutória e não possui letra cantada. O início da saga do Caçador das Sombras narra um período da história da humanidade em que imperava o caos e a desordem social associados a uma sangrenta e impiedosa guerra. Da mesma maneira, caos, desordem, morte e impiedade também reinaram nas duas guerras mundiais durante as quais Jung (MCGUIRE, 1982; JUNG, 1993) viveu muito próximo, tratou pacientes marcados psicologicamente por elas, escreveu e falou sobre. Sobre os problemas psicológicos que acometeram os alemães após a Segunda Guerra Mundial, Jung (MCGUIRE, 1982, p.145) comenta que somente foi capaz de tratar àqueles que primeiramente admitiram sua participação na sombra coletiva que assolou o período:

[...] estou recebendo muitas solicitações de alemães que querem ser tratados por mim. Se elas vêm daqueles ‘alemães decentes’ que querem impingir a culpa a um par de homens da Gestapo, considero o caso perdido. [...] Só quando um paciente vê e admite sua própria responsabilidade o tratamento individual pode ser considerado.

Em uma entrevista<sup>31</sup> ao programa *Face to Face* da Rede BBC<sup>32</sup> em 1959, Jung é perguntado pelo apresentador John Freeman (1915-2014) se acredita na possibilidade de uma terceira guerra mundial. Em resposta, Jung diz não possuir indícios que possam lhe aproximar de uma resposta a tal pergunta, mas acrescenta que existe, com certeza, a iminência de uma grande mudança na atitude psicológica dos indivíduos, por que para ele, nós seres humanos

[...] precisamos de mais, precisamos de mais psicologia. Precisamos de mais entendimento sobre a natureza humana, pois o único perigo real existente é o próprio homem. Ele é o grande perigo e lamentavelmente não temos consciência disso. Não sabemos nada sobre o homem, é muito pouco. Sua psique deveria ser estudada, pois somos a origem de todo o mal vindouro.

É justamente uma grande mudança em sua atitude psicológica que o Caçador das Sombras irá experimentar. Em seu percurso, ele dar-se-á conta de que o bem e o mal, o certo

---

31 CARL, 1983.

32 A BBC, sigla para British Broadcasting Corporation, é uma emissora britânica pública de rádio e televisão. Foi fundada em 1922.

e o errado, os anjos e os demônios encontram-se, na verdade, em sua psique, e que esta precisa ser melhor compreendida para que ele possa lidar com os conflitos que se apresentam de forma cada vez mais intensa e regular em sua vida. Assim como os pacientes alemães tratados por Jung, como exposto no penúltimo parágrafo, o cavaleiro também terá que lidar com o seu sofrimento psicológico e a sua parcela de responsabilidade na sombra coletiva da época.

Logo no primeiro parágrafo da narrativa é revelado um conflito psicológico em que o cavaleiro encontra-se. A razão desse embate reside no fato de que, ao viver os horrores da Guerra Santa durante sua saga, o Caçador das Sombras torna-se consciente de que sua religião, o cristianismo, que se baseia em ensinamentos de amor emanado ao próximo e a si mesmo e que supostamente deveria praticar os mesmos valores, ao invés disso, também dissemina guerra e conseqüente sofrimento às pessoas. Sua própria maneira de experimentar o numinoso a partir do cristianismo é confrontada por sua percepção acerca de valores e atitudes que o cristianismo da época, enquanto instituição social, praticava. Isso o atormenta. Jung (OC. XI, §9,10) difere a experiência religiosa originária, que ocorre na subjetividade do indivíduo frente ao numinoso, daquilo que chamou de *confissão*, onde tal experiência é codificada e dogmatizada. No caso do Caçador das Sombras, sua experiência religiosa originária cristã choca-se com o cristianismo enquanto *confissão*.

Para Jung (OC. XI, § 516), as verdades religiosas são relativas e, dessa maneira, nenhuma religião deveria ditar aquilo que é certo ou o aquilo que é errado: “Por que Buda não teria tanta razão quanto Cristo?” Jung percebia como algo negativo a presunção dos credos religiosos em impor suas verdades, muitas vezes de forma brutal. Ele explica que as guerras são conseqüências dessa presunção e que somente o reconhecimento e a integração do conteúdo da própria sombra podem imunizar os indivíduos de infiltrações de ordem moral e redirecionar o rumo da humanidade para épocas de mais fraternidade e tolerância (JUNG, OC. XVIII, § 562):

Aos poucos nos convencemos de que as armas nucleares são uma solução desesperadora e indesejável, porque são uma espada de dois gumes. Compreendemos que os recursos morais e espirituais poderiam ser mais eficazes uma vez que podem imunizar-nos psiquicamente contra a infecção que se alastra sempre mais. Mas todos esses esforços são e serão inúteis enquanto tentarmos convencer a nós mesmos e o mundo de que eles, os nossos adversários, estão completamente errados do ponto de vista moral e filosófico. Esperamos que se arrependam e reconheçam seus erros, em vez de fazermos um sério esforço de reconhecer nossas sombras e suas maquinações traiçoeiras. Pudéssemos ver nossas

sombras, estaríamos imunizados contra qualquer infecção e qualquer infiltração moral e religiosa.

Ao longo do capítulo dois, viu-se que o conflito entre os imperativos da razão e a voz do inconsciente, uma voz interior, ocorre a partir da necessidade que o Si-mesmo tem de que ambas as instâncias psicológicas se conciliem. É um processo natural e necessário que o indivíduo se defronta no decorrer de sua individuação. Por este prisma, o Caçador das Sombras experimenta algo comum a todos os indivíduos da espécie humana, incluindo Jung. Em suas memórias, Jung (1993, p.152), aludindo aos sentimentos de insegurança na condução de seu trabalho que lhe assaltaram após a ruptura com Freud, relata um exemplo de como isso se dá em sua própria vivência: “Depois da ruptura com Freud, começou para mim um período de incerteza interior, e mais que isso, de desorientação. Eu me sentia flutuando pois ainda não encontrara minha própria posição.”. Após buscar nos próprios pensamentos uma orientação temporária para o problema, ele encontra uma luz que logo se perde:

Vivi, nesse momento, um instante de excepcional lucidez: diante de meus olhos desenrolou-se o caminho que até então percorrera. Pensei: ‘Possuo agora a chave para a mitologia, e poderei abrir todas as portas da psique humana inconsciente’. Ouvi, então, uma voz murmurar dentro de mim: ‘Por que abrir todas as portas?’ E logo emergiu a interrogação sobre o que já havia realizado.

Além de estar consciente das contradições de uma guerra fomentada por aqueles seres humanos que dizem ser porta-vozes de uma dimensão espiritual divina, uma Guerra Santa, outro acontecimento potencializa sua aflição: o cavaleiro também é surpreendido por visões, ou seja, por percepções de algo que se revelará, mais adiante, numinoso. Assim, o cavaleiro aproxima-se de um entendimento acerca do embate entre aquilo que irrompe à sua consciência, ou seja, o conteúdo arquetípico que se mostra presente em seu interior, e os paradigmas de ordem social, moral, religiosa, etc., que lhes foram ensinados em seu meio externo. Jung acredita que quando um indivíduo efetua uma gradual aproximação de si mesmo ao que emana das camadas inconscientes de sua psique, ao mesmo tempo em que se desidentifica dos paradigmas que provém de seu meio externo, este caminha em seu processo de individuação (FRANZ, 2008). Além disso, Jung afirma que somente quando a consciência elabora os símbolos oriundos do inconsciente, ou seja, integra-os à consciência, é que o indivíduo pode obter o autoconhecimento necessário para favorecer o seu processo de individuação. (PENNA, 2013).



Durante sua saga, o Cavaleiro das Sombras em meio a revelações, afetos e desgraças, além de guerrear no mundo exterior, também lutará consigo mesmo para tentar integrar o conteúdo de sua sombra e de seu inconsciente (suas visões), e assim ampliar sua consciência e diferenciar-se das ilusões e falsidades do paradigma vigente, que impregnam suas ações e de seus semelhantes, para tentar dar cabo ao seu processo de individuação.

#### 4.2.2 Spread your Fire – Espalhe seu fogo

O cruzado conhece um rabino judeu; um velho oráculo cego com olhares assustadores que reconhece que o viajante foi escolhido por Deus para trazer luz aos olhos daquelas pessoas que não podem ver. Ele entrega ao cruzado um livro de páginas em branco gritando avidamente: “Espalhe seu fogo! Queime os templos!” A voz do oráculo ressoou em seus ouvidos de forma lunática e sem sentido por anos.

Acordei para a vida não muito tempo atrás  
 Você acha que sua mente está no controle?  
 Deus vai levá-la de volta algum dia

Não é tão difícil de entender  
 Eles dizem que o mundo tem o bom e o mau  
 O Pai Universo traz amor e ódio

Glorioso - você vai liderar o caminho  
 Para libertar o mundo dessas correntes  
 Glorioso - sua história começa agora, Oh!  
 Fogo!

Libere o Anjo da Luz  
 Agradeça a ele por nos trazer para a vida  
 Lúcifer é apenas um nome!

Nós somos os únicos culpados  
 Basta olhar em volta, eu não estou insano!  
 Satanás é um filho do nosso Deus

Sagrado altar, sagrado sacrifício  
 Espalhe seu fogo  
 Da Glória ao sofrimento  
 Espalhe seu fogo  
 Pelo qual a vida traz a morte  
 Espalhe seu fogo  
 E pela morte retorne a vida

Nesse ponto da saga, a vida do protagonista ganha um novo rumo com a revelação do rabino: o Caçador das Sombras deve espalhar seu fogo, queimando templos e iluminando a vida das pessoas ao seu redor. Os símbolos religiosos, de acordo com Jung (OC. XVIII, § 567), almejam e possuem a função de proporcionar sentido à vida das pessoas. Ele usa como exemplo os índios pueblo que, ao considerarem-se filhos do pai Sol, superam uma perspectiva

de existência finita e particular em prol de uma percepção de mundo e de si mesmos mais ampla e transcendente. No mesmo parágrafo, ele reforça a mesma ideia, de que a vida ganha sentido quando o indivíduo nutre ideias espiritualizadas, dessa vez valendo-se da personagem da história cristã, Paulo:

Se Paulo estivesse convencido de que não era mais que um fabricante itinerante de tapetes, não teria sido ele mesmo. O que deu realidade e sentido à sua vida foi a certeza de que era um mensageiro de Deus. Poderíamos acusá-lo de megalomania, mas este aspecto esmaece diante do testemunho da História e do consensus omnium (consenso de todos). O mito que se apoderou dele fez de Paulo alguém maior do que um simples artesão.

Como visto, esse momento da saga do Caçador das Sombras é caracterizado pelo recebimento de uma missão divina profetizada pelo velho rabino. Como tarefa, o cavaleiro deverá espalhar o seu fogo, em outras palavras, deverá de algum modo ampliar as fronteiras de seu eu, de sua personalidade. Ao falar da ampliação da personalidade a partir do exercício de uma grande tarefa, Jung (OC. IX, § 215) observa:

A verdadeira ampliação da personalidade é a conscientização de um alargamento que emana de fontes internas. Sem amplitude anímica jamais será possível referir-se à magnitude do objeto. Por isso diz-se com razão que o homem cresce com a grandeza de sua tarefa. Mas ele deve ter dentro de si a capacidade de crescer, senão nem a mais árdua tarefa servir-lhe-á de alguma coisa. No máximo, ela o destruirá.

Para dar início à sua tarefa, o cavaleiro deverá experimentar uma modificação de sua estrutura interior, mas deve atentar-se para não ser dominado por aquilo que Jung (OC. IX, § 220) chamou de *possessão*, que:

[...] consiste no fato de um conteúdo, qualquer pensamento ou parte da personalidade, dominar o indivíduo por algum motivo. Os conteúdos da *possessão* aparecem como convicções singulares, idiosincrasias, planos obstinados, etc. [...] A *possessão* pode ser formulada como uma identificação da personalidade do eu com um complexo.

O Cavaleiro das Sombras enfrentará, por conta do desenrolar de seu encontro com o rabino, o risco de ser possuído por sua própria sombra e sua anima. Jung (OC. IX, § 222) afirma que um “[...] ser humano possuído por sua sombra está postado em sua própria luz, caindo em suas próprias armadilhas.” Já sobre a *possessão* provocada pela anima, Jung (OC. IX, § 223) explica que ao voltar-se para o mundo externo, “[...] a anima é volúvel, desmedida,

caprichosa, descontrolada, emocional, às vezes demoniacamente intuitiva, indelicada, perversa, mentirosa, bruxa e mística”.

Seguindo para a letra da música, na primeira estrofe, o Caçador das Sombras é indagado se acredita que sua mente está no controle, sugerindo, em outras palavras, que sua consciência possui pouca ou nenhuma autoridade real em sua vida. Ao comentar a respeito do poder do inconsciente sobre a vida dos indivíduos, Jung (OC. XVIII, § 560) atribui grande importância à conscientização do material simbólico inconsciente que, ao ser ignorado, pode se manifestar de formas indesejáveis através de sintomas neuróticos, esquecimentos e estados incompreensíveis de humor, por exemplo. Por isso, alerta para o fato de que o arquétipo possui um caráter autônomo que excede a capacidade de controle consciente do indivíduo:

É fácil achar que somos senhores em nossa própria casa, mas enquanto não estivermos em condições de dominar nossos sentimentos e disposições de espírito ou de ter consciência das centenas de caminhos secretos onde se imiscuem pressupostos inconscientes em nossos arranjos e decisões, não somos senhores. Ao contrário, temos tantos motivos de incerteza que faríamos bem em pensar duas vezes antes de agir.

Na estrofe seguinte, o rabino afirma que o “Pai Universo traz amor e ódio” às pessoas na Terra. Jung observava que, assim como ocorre no Oriente, o Pensamento Ocidental possui expectativas imaturas que giram em torno da ideia de um mundo repleto de paz, justiça e verdade. Entretanto, para ele, a existência funda-se em opostos de maneira irredutível, como, por exemplo, amor e ódio, bem-estar e sofrimento, dia e noite, bem e mal etc. A realidade da vida corresponde, necessariamente, a um constante campo de batalha, nunca havendo, portanto, uma situação de equilíbrio perfeito. Por isso, o cristianismo aguarda por um fim do mundo como conhecemos e o budismo sustenta a ideia de rejeição dos assuntos terrenos (JUNG, OC. XVIII, § 563-564). Para demonstrar a interação entre os opostos, Jung (OC. XI, § 503) comenta sobre a conversão ao amor incondicional de Cristo da personagem cristã, Saulo, que precisou passar pelo ódio para se concretizar:

Saulo não deve sua conversão nem ao amor verdadeiro, nem à verdadeira fé, nem a uma verdade qualquer; só o seu ódio aos cristãos o fez por-se a caminho de Damasco e o conduziu àquela experiência que devia tornar-se decisiva para toda a sua vida. Ele viveu o seu maior erro com convicção, e foi isso precisamente que nele determinou a experiência vivida.

Além disso, na mesma entrevista ao programa Face to Face da *BBC* descrita no item acima (4.2.1), ele afirma que o conceito de mal e de pecado, bem como o conceito de

redenção são inerentes à natureza humana, e que invariavelmente existirão enquanto o homem existir<sup>33</sup>:

Bem, eu não acredito que o homem se desviaria alguma vez do padrão original de seu ser. Sempre existirão essas ideias. Por exemplo, se você não acredita diretamente num redentor pessoal como era o caso de Hitler, ou do culto ao herói na Rússia, então terá uma ideia, uma ideia simbólica.

Na quinta estrofe, o rabino atribui um valor ao Diabo ao afirmar que “Satanás é um filho do nosso Deus”. Jung (OC. XI, § 249) observa que cristianismo não se ocupou apropriadamente com a questão do Diabo, e que este pode ser compreendido em um papel correspondente a um filho de Deus dentro da concepção do cosmos trinitário.

A tradição bíblica deixa aqui muita coisa obscura e é muito compreensível que os velhos teólogos não se tenham apressado, com o advento do Iluminismo, no tocante ao problema do domínio do Mal. Num sistema monoteísta tudo o que se opõe a Deus não pode derivar senão do próprio Deus. Isto era pelo menos chocante, e por isso devia ser evitado. Esta é a razão mais profunda pela qual o Diabo, esta instância de sua influência, não tenha encontrado acolhida no cosmos trinitário. Não se pode dizer com certeza que relação ele guarda com a Trindade. Como adversário de Cristo, deveria ocupar uma posição antinômica correspondente e ser também um ‘Filho de Deus’.

O efeito numinoso de seu contato com o inconsciente, uma mudança em sua atitude psicológica, já se faz presente. Então, ele inicia uma busca por sua própria redenção. Frente a uma revelação que pode mudar sua vida, o cavaleiro logo descobrirá, através da visão de uma misteriosa mulher, que o inconsciente coletivo lhe reserva mais surpresas.

#### **4.2.3 The Shadow Hunter – O Caçador das Sombras**

Em um bordel-taberna, uma prostituta cigana vê em seus olhos que ele é o escolhido e lê as cartas em vez de lhe dar prazer carnal. "As palavras do velho não farão sentido até que você encontre a estrela da manhã", diz a prostituta. "Sua missão é importante, mas não se encontra no exército". O viajante está desesperadamente buscando redenção para sua mente e espírito, como um lobo em busca de comida. Ela o enche de dúvidas; dizendo que o amor irá arrastá-lo para fora de seu caminho.

... Durante a conquista da Fortaleza Xerigordon, o Caçador das Sombras é ferido e tem que fugir para escapar das tropas de Kilij Arslan. Perdendo sangue, ele desmaia antes de voltar para Constantinopla. Ele sonha com os pergaminhos perdidos escondidos nas ruínas do Templo de Salomão e dentro de cavernas perdidas pelo Mar Morto.

---

33 CARL, 1983.

Eu lembro do sangue nas mãos dele  
 Tão envergonhado lamentando suas falhas  
 Tão indefeso ele veio da escuridão  
 Nós nos falamos e tivemos uma boa conversa

Chapéu velho escuro me lembra de alguém  
 Acho difícil lembrar  
 Abaixou a cabeça se rendendo à tristeza  
 Veste a face da guerra  
 Desesperado chora:

(Gritos desesperados)  
 Correndo em círculos  
 (Luto em vão)  
 Renunciando ao terror  
 (Uma guerra pecaminosa)  
 Uma guerra pecaminosa  
 (Inocentes morrem)  
 Perdido na fé do meu coração frágil ...  
 ...Do meu coração

Vestindo preto, um arco sem flechas  
 Deus, tenha misericórdia de sua alma  
 Olhos de medo, entrincheirados em horror  
 Minhas devoções se foram!

(Gritos desesperados)  
 Correndo em círculos  
 (Luto em vão)  
 Renunciando ao terror  
 (Uma guerra pecaminosa)  
 Ataque atroz  
 (Ataque atroz)  
 Fé dos meus cruzados  
 Afoga-se em sangue religioso  
 Mas eu vou lutar até o fim  
 Vou encontrar meu Santo Graal

Correndo cego contra a fé  
 Razão escapa  
 As Igrejas caindo como castelos na areia  
 Termina a Guerra Santa  
 Tenha o bem para o mal.

(O que um homem ganha com seu trabalho?  
 Sob o sol, onde ele trabalha

O que é tão bom para um homem na vida?  
 Durante seus dias ele é como uma sombra

Vaidade! Vaidade! Profere o oráculo  
 A perseguir o vento

Sem significado! Buscas sem sentido por sabedoria  
 Tudo é em vão como a sua caça às sombras)

Perdi meu orgulho, lutei em vão  
 Tive que encontrar razões para minha dor - Oh!

Correndo cego contra a fé  
 Correndo cego novamente  
 A Igreja está caindo como castelos na areia  
 Termina a Guerra Santa  
 Jesus foi homem

Com um coração, com uma mente  
 Com um corpo, com uma alma  
 Tão divino quanto você mesmo

Deus não tem mente, não tem coração  
 Não tem corpo, não tem alma e não tem semelhanças com você.

Não!  
 (Como perseguir o vento...)

O encontro do Caçador das Sombras com uma prostituta cigana lhe traz mais revelações: uma sobre um encontro que ele terá com a “estrela da manhã” e outra sobre sua missão, sua grande tarefa, que não se dará no campo militar. A psique da mulher parece ser capaz de ir além dos limites do tempo e do espaço. Jung (OC. VIII, § 813) afirma que a psique é capaz de transcender tempo e espaço já que sua natureza é transtemporal e transespacial. As propriedades da psique em antecipar-se ao futuro relativizando espaço e tempo, os acontecimentos sincronísticos, foram explicadas a partir das observações de Jung (OC. VIII, § 965-970) sobre os experimentos de Rhine e a consequente comprovação científica da existência eventos de ordem teleológica. Penna (2013) comenta que Jung, em seu esforço para a compreensão do material simbólico oriundo do inconsciente, constata que um evento, um acontecimento sincronístico transcende a noção causal do tempo cronológico e o espaço cartesiano, tornando relevante a integração de uma perspectiva final, teleológica, ao campo de investigação da psique.

Ao falar de sua própria experiência de vida e remetendo-se novamente aos experimentos de Rhine, Jung (1993, p.264) considera que a psique é capaz de transpor os limites espaço-temporais, e expõe a incompletude de uma visão de mundo baseada somente na causalidade:

[...] uma parte da psique, pelo menos, escapa as leis do espaço e do tempo. A prova científica foi estabelecida pelas experiências bastante conhecidas de Rhine. Ao lado de inumeráveis casos de premonições espontâneas, de percepções não espaciais e outros fatos análogos, dos quais busquei exemplos em minha vida, essas experiências provam que, por vezes, a psique extrapola a lei da causalidade espaço-temporal.

No segundo parágrafo, a narrativa conta que através de um sonho, a psique do cavaleiro, como a do velho rabino e da prostituta cigana, também transcende o espaço e o tempo e viaja até as ruínas do Templo de Salomão. Para Jung (1993), a numinosidade dos arquétipos, o conteúdo do inconsciente coletivo, revela-se através dos sonhos, pois no momento destes, a consciência, que não é capaz de extrapolar os limites do tempo e do espaço, encontra-se significativamente adormecida.

Na décima terceira e na décima quarta estrofe, a ideia de que Jesus não passou de um homem que é tão divino quanto qualquer outro, afigura-se à psique do cavaleiro. Como explicado com especial foco no primeiro capítulo, Jung não busca realizar afirmações de ordem metafísica em seu trabalho. Portanto, sem entrar no mérito da natureza espiritual de Cristo, faz-se relevante resgatar a observação de Jung de que os indivíduos possuem em si algo potencialmente divino: a possibilidade de experimentar a representação do arquétipo da imagem de Deus. Dorst (2015) explica que para Jung os símbolos oriundos do inconsciente permitem à psique vivenciar o numinoso, em especial o símbolo arquetípico da imagem de Deus, a *Imago-Dei*, que evidencia a existência de uma relação entre a psique humana e a essência divina. Dorst acrescenta que ao integrar à consciência a energia numinosa dos arquétipos, o indivíduo está ampliando sua consciência, o que para Jung teria um significado cósmico. A saga do Caçador das sombras pode ser compreendida como uma busca por significado a partir da integração de conteúdos inconscientes à sua consciência.

Como descrito nesse trecho da narrativa, o cavaleiro está à procura de redenção de mente e espírito assim como um lobo procura por alimento. Em seu próximo passo, ele ouvirá o uivar dos lobos e então, mente e espírito, compreenderão algo que poderá lhe oferecer alguma ordem ao presente caos. Ferido por tropas inimigas o Caçador das Sombras será levado para ser tratado e, graças a isso, estará a caminho de cumprir a visão profetizada pela prostituta cigana. Logo, ele encontrará o amor em meio à guerra.

#### **4.2.4 Morning Star – Estrela da Manhã**

Quando ele acorda, dois homens muçulmanos o estão levando em um tipo de rede pendurada em um longo pedaço de madeira. Fraco e assustado, ele não pode reagir. Logo acima de sua cabeça, enquanto o sol está amanhecendo, a Estrela da Manhã brilha no céu do novo dia. A estrela de seis pontas apresenta uma cruz e o tridente juntos como um só. Ele entende o primeiro sinal enquanto os lobos estão uivando. Naquele exato momento, a primeira profecia é cumprida. Ele descobrirá depois que

os dois homens são irmãos. Eles decidiram levá-lo para sua casa desde que o encontraram deitado manchado de sangue no chão.

...Na casa da família muçulmana, sua adorável irmã Laura cuidará das feridas do cruzado.

Hora de amanhecer  
Ilumina um novo começo  
Nas sombras dos seus olhos  
Dói por dentro  
Coração ferido está curando  
Afinal você vai sobreviver

Todo o tempo eu estava perdido no deserto  
Contando o que sobrou das  
Ilusões em minha mente  
Lutas sem esperança  
Pensamentos tolos nós estávamos no céu  
até morrermos, oh!  
A morte nos trará de volta  
para onde nós pertencemos  
Agora você deve decidir antes do  
Amanhecer está iluminando o dia  
Anunciando no céu  
a estrela da manhã

Nada a perder  
Eu estou seguindo meu caminho esta noite  
(No meu caminho e...)  
Gritando para a lua  
Eu estarei perambulando até encontrar a manhã  
Estrela - Oh !!!  
Outra chance que você desperdiça  
Eu sou o dono dos meus dias  
Eu estarei uivando durante a noite até  
O fim dos tempos.

Tenha cuidado!

Todo esse tempo eu estava perdido no deserto  
Tem que fugir!  
Agora devo decidir antes do  
Amanhecer está iluminando o dia  
Anunciando no céu  
a estrela da manhã!

Nada a perder  
Eu estou seguindo meu caminho esta noite  
(No meu caminho e ...)  
Silencioso como a lua  
Eu me pergunto até encontrar a manhã  
Estrela - Oh não !!!  
Outra chance que você desperdiça  
Porque eu estou indo no meu caminho esta noite  
(No meu caminho e ...)  
Gritando para as estrelas  
Eu sou o dono dos meus dias  
Eu estarei uivando durante a noite até



O fim dos tempos. Ah!  
 Fim do tempo!  
 Gritando para as estrelas!

O trecho da narrativa revela que após ser ferido por tropas inimigas, o cavaleiro é piedosamente resgatado por dois irmãos muçulmanos. Em um ato de misericórdia e de amor ao próximo, o Caçador das Sombras é salvo das garras da morte justamente pelo povo que seu próprio exército está dizimando. No item anterior, na faixa *The Shadow Hunter*, a prostituta cigana previu que ele encontraria a “estrela da manhã”, o que de fato ocorre no momento em que ele é carregado pelos irmãos. Di Biase (2010, p.87) remete ao exemplo do pensador árabe Avicena para indicar que, na psicologia junguiana, a sincronicidade é favorecida por emoções intensas como o amor e o ódio, por exemplo. É justamente quando o Caçador das Sombras está acometido por fortes emoções devido ao seu estado de saúde e, coincidentemente, carregado por dois irmãos árabes que ele constatará um acontecimento sincronístico em sua vida.

Uma estrela que simboliza Deus e o demônio, a cruz e o tridente, em um único símbolo aparece nesse trecho da história. A psique do cavaleiro está diante do paradoxo bem e mal, luz e trevas. Jung (OC. XII, § 25) explica que o indivíduo cristão é lançado a esse desafio à semelhança de Cristo, o protagonista do lado bom, o que causa para a maior parte das pessoas, um sofrimento insuportável. No dogma do cristianismo, o bem equivale à imitação de Cristo, ao passo que o mal equivale à sua respectiva entrave. Ele cria uma dualidade, uma cisão, entre opostos, o que não corresponde ao arquétipo psíquico do Si-mesmo que, ao contrário do simbolismo cristão, experimenta a unicidade paradoxal. Nas palavras de Jung (OC. XII, § 25):

Com isto nos aproximamos do arquétipo do si-mesmo, no qual essa oposição aparece unificada; aliás, como já foi dito, contrariamente ao símbolo cristão, que deixa o conflito em aberto. Para esse último, o mundo é trincado por uma ‘cisão’: a luz combate a noite e o superior, o inferior. Estas dualidades não são uma unidade, como no arquétipo psíquico.

O Caçador das Sombras é um indivíduo do século XII, viveu muito antes da modernidade quando se dá início ao uso exagerado da razão. Ainda assim, seus pensamentos o deixam confuso e, como se desenrolará ao longo da saga, o inconsciente, através de premonições, sonhos e sincronicidades, o conduzirá em seu caminho. Na segunda estrofe, antes de aludir ao tema da morte, ele relembra as ilusões que assaltavam sua razão repleta de “pensamentos tolos” que lhe deixaram desorientado. O trabalho de Jung não adentra ao

universo da metafísica e ele, portanto, não faz afirmações acerca daonde os indivíduos vão, se é que vão, após a morte. Entretanto, Jung (1993, p.260-262) realiza uma associação crítica entre um uso excessivo da razão e o afastamento de ideias acerca do que pode existir no território da morte. Para ele, esse fenômeno dá-se pelo fato de que o indivíduo moderno passou a identificar-se com sua consciência em detrimento de um conhecimento mais amplo e profundo de si mesmo, sua psique. A vida de um indivíduo, para Jung, vai muito além daquilo que sua consciência é capaz de apreender: o inconsciente também acompanha os indivíduos ao longo de suas vidas:

O inconsciente nos dá uma oportunidade, pelas comunicações e alusões metafóricas que oferece. É também capaz de comunicar-nos aquilo que, pela lógica, não podemos saber. Pensemos nos fenômenos de sincronicidade, nos sonhos premonitórios e nos pressentimentos! (JUNG, 1993, 262)

Na mesma estrofe, o cavaleiro afirma que ao morrer, o indivíduo retornará ao seu lugar de origem. É uma especulação metafísica que ele só terá alguma chance de descobrir após ele mesmo ter morrido. Entretanto, para Jung (1993, p.262) o indivíduo age corretamente, enriquecendo sua vida psicológica, quando busca edificar concepções acerca do território da morte, mesmo que ele nunca chegue a quaisquer certezas:

O homem deve provar que fez o possível para formar uma concepção ou uma imagem da vida após a morte – ainda que seus esforços sejam confissão de impotência. Quem não o fez, sofreu uma perda. Porque a instância interrogativa que fala nele é uma herança muito antiga da humanidade, um arquétipo, rico de uma vida secreta que desejaria juntar-se à nossa vida para perfazê-la.

Com a intuição de estar alinhado em seu caminho, descrita na terceira estrofe, o Caçador das Sombras conhece uma bela mulher muçulmana: Laura, a irmã dos dois homens que o resgataram cuida de suas feridas e que logo irá conquistar seu coração. Em breve, o amor aparecerá em seu caminho, justamente como previsto pela prostituta cigana.

#### **4.2.5 Wishing Well – Poço dos Desejos**

O louco rabino continua aparecendo em seus sonhos. "Não faz diferença se você joga suas moedas no Poço dos Desejos, ou guarda suas orações dentro de uma maravilhosa igreja preenchida de ouro. Tudo o que importa é a fé dentro de você! Se existe um Deus, Ele não tem lar; Ele está em toda parte".

Feche seus olhos, o que você vê?

Leva um tempo para acreditar  
 Sinta o vento beijando seu queixo  
 Segure seus choros faça seu desejo  
 Sonhe longe, respire...

Por que demorou tanto para entender?  
 Ovelhas negras do rebanho em breve serão banidas  
 Não perca sua esperança, deseje

(Viagem ao solo sagrado da Terra dos Sonhos)  
 Para o interior de um coração eu estarei livre novamente  
 (Visões contando segredos na Terra dos Sonhos)  
 E minha sorte se encerra no Poço dos Desejos

Feche seus olhos, o que você sente?  
 Segure seus choros mantenha-os ainda  
 Onde estou? Por que estou aqui?  
 Razões onde  
 Por quais razões

(Viagem ao solo sagrado da Terra dos Sonhos)  
 Para o interior de um coração eu estarei livre novamente  
 (Visões contando segredos na Terra dos Sonhos)  
 E minha sorte termina no Poço dos Desejos

Oh! Quem conhece a verdade neste mundo?

(Viagem ao solo sagrado da Terra dos Sonhos)  
 Para o interior de um coração eu estarei livre novamente  
 (Visões contando segredos na Terra dos Sonhos)  
 E minha sorte se encerra no Poço dos Desejos  
 Feche seus olhos, o que você vê?  
 Faça seus sonhos se tornarem realidade novamente  
 Onde estou? Por que estou aqui?  
 Sonhar é acreditar, seu poço dos desejos

Nesse trecho da narrativa, quando a consciência do cavaleiro, que se encontra presa no espaço e no tempo (como se verá no próximo item, 4.2.6), está adormecida, emanções do inconsciente chegam até ele. O rabino não é somente outro indivíduo que lhe traz revelações oriundas do inconsciente coletivo num cenário do mundo externo: ele também habita a própria psique do Caçador das Sombras. É algo que vem de dentro, um arquétipo que carrega grande sabedoria até a consciência do cavaleiro. Aqui, faz-se presente na psique do cavaleiro, o arquétipo do Velho Sábio, representado pelo velho rabino que comunica orientações e sabedorias. Além do arquétipo do Velho Sábio, também há o arquétipo do herói, com o qual o cavaleiro identifica-se desde a primeira faixa (ver item 4.2.1) e que lhe acompanhará por toda sua saga. Ambos os arquétipos são amplamente discutidos no trabalho de Jung (2008; OC. IX).

Nesse trecho da saga, o rabino revela ao Caçador das Sombras, em sonho, que se há um Deus, este está em toda parte e não restrito a locais específicos. Para Jung (OC. XII, § 11), uma vez que Deus está em toda a parte, significa dizer que Ele também se encontra presente na alma humana em uma relação, uma conexão, com o interior de cada indivíduo, representado pela *Imago-Dei*:

Seria uma blasfêmia afirmar que Deus pode manifestar-se em toda a parte, menos na alma humana. [...] Seria talvez excessivo falar de uma relação de parentesco; mas, de qualquer modo, deve haver na alma uma possibilidade de relação, isto é, forçosamente ela deve ter em si algo que corresponda ao ser de Deus, pois de outra forma jamais se estabeleceria uma conexão entre ambos. Esta correspondência, formulada psicologicamente, é o *arquétipo da imagem de Deus*.

Outro comentário de Jung (OC. XI, § 519) também converge para a ideia de que Deus está em toda a parte, incluindo o íntimo dos indivíduos:

O homem autenticamente religioso [...] sabe que Deus criou todas as espécies de estranhezas e coisas incompreensíveis, e que procurará atingir o coração humano pelos caminhos mais obscuros possíveis. É por isso que a alma religiosa sente a presença obscura da vontade divina em todas as coisas.

Ainda no trecho da narrativa, o arquétipo do Velho Sábio, representado pelo rabino, sugere que Deus fala a cada indivíduo de maneira particular, já que Ele encontra-se no interior dos mesmos, sendo indiferente realizar um ritual para conectar-se a Deus em um simples poço ou em uma elaborada igreja. Assim, cada indivíduo, mesmo que não esteja necessariamente consciente disso, tem a chance de conectar-se com Deus em um local onde ele mesmo julga ser apropriado. Para Jung (OC. XII, § 20-22) a *Imago-Dei* é interpretada de acordo com a época, o local e a cultura. Cristo representa o preenchimento da *Imago-Dei* no Ocidente, ao passo que no Oriente encontramos Buda, Atman, entre outros. Além disso, o arquétipo Si-mesmo corresponde à totalidade das formas que representam, para os ocidentais, o Cristo, mas não correspondem ao Cristo em si.

A temática de uma relação do Caçador das Sombras com a representação de Cristo ganhará destaque a partir da faixa Sprouts of Time (item 4.2.10) em diante. Nesse ponto, ele estará muito próximo do arquétipo do Si-mesmo, diante da *Imago-Dei*, o que refletirá em seus pensamentos, sentimentos e comportamentos. Ao mesmo tempo, será acusado de ter afirmado que ele mesmo é o próprio Cristo.

O cavaleiro continua acumulando conhecimentos que podem ajudá-lo em suas questões existenciais, como a compreensão de como a presença de Deus dispõe-se no Universo e no íntimo dos indivíduos. Como na visão da cigana, outro poderoso arquétipo está pronto para fisgá-lo e redefinir sua caminhada. Dessa vez, é o arquétipo representado pelo amor, pela paixão e pela beleza, como compreendido no mito de Afrodite (OLIVEIRA & OLIVEIRA, 2009, p.95), que seduz e arrebatava o coração.

#### 4.2.6 Waiting Silence – Silêncio de Espera

O homem se apaixona pela jovem muçulmana e encontra-se dividido entre o calor e o conforto de uma vida humilde e sua fome por sabedoria. Ele escreve seu sonho e suas revelações no livro em branco dado pelo oráculo judeu enquanto seus dois filhos estão crescendo. Quatro anos se passaram e sua felicidade parece ser um presente de Deus, acenando profundamente em seu coração. Nenhum outro sentimento poderia ser mais grandioso do que manter e proteger seus entes queridos. No entanto, ele não está completo. Deveria ele compartilhar seus conhecimentos e revelações? As pessoas se importariam? E, como os grandes significados da vida estão desvelando a seus olhos, o Caçador das Sombras é atormentado por uma extrema ansiedade. O desejo de gritar lembra os momentos anteriores ao ataque das tropas. Um perturbador silêncio de espera, pairando segundos antes dos gritos desesperados.

Preso no espaço e no tempo  
 Como um pássaro numa gaiola  
 Cruelmente confinado  
 Em um estado material transitório

Você de repente percebe  
 Que o errado é o certo  
 Desafiando as leis  
 Pronto para lutar  
 Mas...

O amor vai arrastar seu coração  
 Para um mundo onde os sonhos são feitos  
 Não se pode esconder  
 Quando sua mente desamparada obedece

Juntos nós esperamos em silêncio  
 (Ainda são os gritos)  
 Para sempre o destino está faminto  
 pela sua alma  
 Juntos nós esperamos em silêncio  
 (Ainda são os gritos)  
 Seu tempo vale a pena até que você tenha ido embora

Todos os segredos da vida revelam  
 Aos meus olhos eu não posso esconder  
 E mais uma vez eu voou para longe  
 Para um mundo onde os sonhos são feitos

Juntos nós esperamos em silêncio

(Ainda são os gritos)  
 Para sempre o destino está faminto  
 pela sua alma  
 Juntos nós esperamos em silêncio  
 (Ainda são os gritos)  
 Seu tempo vale a pena até que você tenha ido embora

A vida é muito curta para sofrer de tristeza  
 (Ainda são os gritos)  
 O destino está esperando por sua alma  
 (Segredos por dentro)  
 Viva sua vida como se não houvesse amanhã  
 (Ainda são os gritos)  
 Você vale a pena até ter ido embora

O destino vai tomar a sua alma!

O Caçador das Sombras apaixonou-se por Laura, a bela irmã dos homens que salvaram a sua vida. Apesar de viver em um momento propício ao ódio e às desavenças religiosas, o cavaleiro cruzado cristão está prestes a comprometer-se afetivamente com uma mulher muçulmana. Dominado pelo poder avassalador e autônomo do arquétipo, ele não tem opção a não ser entregar-se ao amor. Em uma entrevista<sup>34</sup>, ao ser indagado sobre o motivo pelo qual homens e mulheres se apaixonam, Jung explica como isso acontece:

São arquétipos de comportamento. O arquétipo é uma força. Possui autonomia e pode, subitamente, apoderar-se de nós. É como um transe, um acesso repentino. Apaixonar-se à primeira vista é um desses casos. O indivíduo tem em si mesmo, sem o saber, uma certa imagem da mulher – de qualquer mulher. Então, vê aquela moça, ou pelo menos, uma boa imitação do seu tipo, e tem instantaneamente o acesso: foi apanhado. Mais tarde, poderá descobrir que foi um terrível equívoco. Um homem é perfeitamente capaz, ou é suficientemente inteligente para ver que a mulher de sua escolha não foi uma escolha. Ele foi capturado! [...]

Ainda na narrativa, conta-se que quatro anos de um casamento realizador já se passaram. A vida do cavaleiro é repleta de sossego e amor. Entretanto, ele é constantemente assaltado por um poderoso sentimento que o impulsiona mundo afora em busca de sua grandiosa tarefa. Mais uma vez o efeito numinoso do arquétipo mostra-se devastador: “[...] o Caçador das Sombras é atormentado por uma extrema ansiedade”. Jung (MCGUIRE, 1982, p.223) ao falar sobre o casamento em uma entrevista para Frederick Sands do Daily Mail de Londres, comenta de forma assumidamente egoísta que papel do homem no matrimônio o impulsiona ao mundo exterior, para além dos limites do lar:

---

34 CARL, 1983.

[...] Sim, eu sei que soa como uma filosofia conveniente para o macho egoísta, quando digo isso. Mas o casamento significa um lar. E o lar é como um ninho... não tem espaço bastante para dois pássaros ao mesmo tempo. Um senta-se dentro, o outro empoleira-se na borda e olha à sua volta, e cuida de tudo o que for preciso fazer do lado de fora.

Na primeira estrofe da letra da música, o cavaleiro encontra-se “Preso no espaço e tempo como um pássaro em uma gaiola”. A questão do transcender do espaço e tempo, recorrente na saga do cavaleiro, reaparece na primeira frase da letra dessa música. Embora o velho rabino e a prostituta cigana, ao reconhecer conteúdos que emanaram de seus inconscientes, tenham sido capazes de vislumbrar o futuro para profetizá-lo ao cavaleiro, o mesmo percebe que sua consciência encontra-se cerceada, restrita, por ambas as grandezas físicas. Para Jung (OC. VIII, § 813), o inconsciente comporta-se de forma distinta à consciência em relação ao espaço e ao tempo, já que o mesmo é capaz de transcendê-los, enquanto que a consciência não:

[...] Parece que a psique inconsciente possui qualidades que projetam uma luz inteiramente singular sobre sua relação com o espaço e o tempo. Refiro-me aos fenômenos telepáticos espaciais e temporais que, como sabemos, é mais fácil ignorar do que explicar [...]. A limitação da consciência no tempo e no espaço é uma realidade tão avassaladora, que qualquer desvio desta verdade fundamental é um acontecimento da mais alta significação teórica, pois provaria que a limitação no tempo e no espaço é uma determinante que pode ser anulada. O fato anulador seria a psique, porque o atributo espaço-tempo se ligaria a ela, conseqüentemente, no máximo como qualidade relativa e condicionada. Em determinadas circunstâncias, contudo, ela poderia romper a barreira do tempo e do espaço, precisamente por causa de uma qualidade que lhe é essencial, ou seja, sua natureza transespacial e transtemporal.

Ainda na primeira estrofe, o cavaleiro, em limitação espaço-temporal, sentindo-se preso, observa a si mesmo num “[...] estado material transitório”. Em suas memórias, ao dissertar sobre o tema da vida após a morte e da possível existência de um “algo além”, Jung (1993, p.260) reafirma o caráter relativo do espaço e do tempo e reconhece observar a si mesmo naquilo que advém do inconsciente, o material mitológico, onde tempo e espaço não reinam:

Nossas noções de espaço e tempo são apenas relativamente válidas; deixam aberto um vasto campo de variações absolutas ou relativas. Levando em conta tais possibilidades, presto viva atenção aos estranhos mitos da alma; observo o que se passa comigo e o que me acontece, estejam em concordância ou não com meus pressupostos teóricos.

Referindo-se ao conceito de sincronicidade, Silva (2002) articula o pensamento junguiano com o do filósofo Ernst Cassirer, apresentado no segundo capítulo, para explorar o fenômeno de transcendência do espaço e do tempo pela psique:

[...] quando o sujeito está consciente de que precisa resolver um determinado problema fica com seu pensamento voltado para ele, sem encontrar através da própria vontade uma solução e esta surge 'aleatoriamente'. É um dado ao qual não se pode atribuir uma relação de causa e efeito. [...] Assim, no acontecer da *sincronicidade*, o problema instantaneamente deixa de sê-lo, de forma concreta unificando o mundo interno e externo do sujeito. Numa única expressão: a resposta se faz presente.

No mundo inconsciente, que emerge nos sonhos, é possível libertar-se da gaiola tempo-espaço. Na terceira estrofe, o cavaleiro percebe que o amor irá conduzir seu coração, seus sentimentos, para o local de onde vem os sonhos, em termos junguianos, o inconsciente coletivo. O Caçador das Sombras então percebe que, neste local, a mente (sua *razão*, em outras palavras) não tem outra escolha a não ser obedecer. Ao obedecer a seu coração, tomado pelo efeito numinoso dos símbolos, o Caçador das Sombras dá um significativo passo no caminho de seu processo de individuação. Para Divaldo Franco (1995), em proposital consonância com o pensamento junguiano, é somente quando o indivíduo percebe que a vontade imperativa de sua consciência não está no controle, mas que sua realização pessoal reside em forças numinosas que transcendem o controle consciente, é que ele estará agindo de forma a favorecer seu processo de individuação. Ao apresentar o conceito de enantiodromia, Jung (OC. VII, § 111) observa que é necessário que o indivíduo não se identifique com sua razão, permitindo que seu lado irracional flua em sua naturalidade, evitando assim sua autodestruição. É o que o Caçador das Sombras faz.

Angustiado, com as emoções à flor da pele, o cavaleiro logo irá testemunhar a interrupção do *Silêncio de Espera* provocada pelo som caótico do atrito do aço e do sofrimento humano.

#### **4.2.7 The Temple of Hate – O Templo do Ódio**

Julho de 1099, Jerusalém foi invadida pelo exército da Santa Igreja Romana; que atrozmente aniquilou cada um dos habitantes. A esposa do pobre homem e seus dois filhos estavam entre os mortos; cruelmente assassinados pelos soldados cristãos insanos. "Toda a população da cidade sagrada foi posta à espada, judeus e muçulmanos, 70.000 homens, mulheres e crianças morreram em um holocausto que assolou por três dias. Nos lugares homens andavam em meio a sangue até seus tornozelos e cavaleiros que foram atingidos enquanto cavalgavam pelas ruas. Chorando, estes devotos conquistadores desceram para rezar no Santo Sepulcro



antes de correrem ansiosamente de volta ao massacre." - Desmond Seward<sup>35</sup>, Os Monges da Guerra.

O Reino de Jerusalém foi fundado sobre os ideais fanáticos, intolerantes e ignorantes do Templo do Ódio, contra a vontade dos que viviam na Terra Santa antes de sua invasão.

Nações batalham no campo através das terras  
Cruelmente - roubando territórios de nossas mãos  
Raiva derrubando as vítimas no chão  
Soldado mais jovens de sangue frio chorando sem som

Revolução derrubando agora mesmo!

Tolos cegos lutando pelo poder de comandar  
Estacas de bandeira que reduzem a liberdade de nossos homens  
Inocência morrendo pela fúria da espada  
Pobres homens caindo antes de dizer suas últimas palavras

Código de revelação XI  
Golpeando sobre nós

Sons de revolução  
Liberdade é proclamada

Sinos anunciando mudanças para melhor  
no templo do ódio  
O Templo do Ódio!  
Satanás espera!

Revolução nós esperamos  
Queimando nossas almas

Sons de revolução  
Liberdade é proclamada  
Sinos anunciando mudanças para melhor  
no templo do ódio  
Satanás espera!  
O Templo do Ódio

Um súbito e mortal ataque do exército da Igreja Romana, ironicamente seu próprio exército, põe um fim ao período de quatro anos onde reinava aparente calma na vida do Caçador das Sombras: sua família foi assassinada junto a milhares de outros inocentes e não é mais possível para o cavaleiro refugiar-se no amor de seus entes queridos. A guerra, para Jung (OC. XI, § 531), resulta da psique dos homens, de seus próprios fantasmas inconscientes:

A abertura do inconsciente significava a explosão de um tremendo sofrimento da alma, pois tudo se passa precisamente como se uma civilização florescente fosse submersa pela súbita invasão de uma horda de bárbaros, ou como se campos férteis fossem abandonados à fúria avassaladora das águas, depois de se terem rompido os

---

35 Desmond Seward é um historiador britânico, autor do livro "Os Monges da Guerra". Fonte: Portal eletrônico [www.desmondsward.com](http://www.desmondsward.com)

diques de proteção. A Primeira Guerra Mundial foi uma dessas explosões – e ela nos mostrou, melhor do que tudo, como é frágil a barreira que separa um mundo aparentemente bem-ordenado do caos sempre pronto a submergi-lo.

O trecho da história narra as façanhas perversas que indivíduos se tornam capazes de realizar quando fazem parte de um grupo violento formado por outros indivíduos, como foi o caso do exército da Santa Igreja Romana. A personalidade do indivíduo se transforma na medida em que ele mesmo se identifica com um propósito coletivo. Jung (OC. IX, § 227) sugere que a realização de rituais de ordem sagrada pode atenuar a destrutividade consequente da identificação do indivíduo com o coletivo:

A inevitável regressão psicológica dentro do grupo é parcialmente suprimida pelo ritual, isto é, pela cerimônia do culto que coloca no centro da atividade grupal a representação solene dos eventos sagrados, impedindo que a multidão caia numa instintividade inconsciente. Ao exigir a atenção e o interesse de cada indivíduo, a cerimônia do culto possibilita que o mesmo tenha uma vivência relativamente individual dentro do grupo, mantendo-se assim mais ou menos consciente. No entanto, se faltar a relação com um centro que expresse o inconsciente através de seu simbolismo, a alma da massa torna-se inevitavelmente o ponto focal de fascínio, atraindo cada um com seu feitiço. Por isso as multidões humanas são sempre incubadoras de epidemias psíquicas, sendo os acontecimentos na Alemanha nazista o evento clássico desse fenômeno.

Jung (OC. XI) evidenciou que a Igreja Romana possui um grande enredo ritualístico e cerimonial capaz de proporcionar a seus seguidores uma experiência grupal de forma consciente, atenuando os efeitos do inconsciente que, conforme visto acima, podem ser devastadores. Por este motivo ele acredita que a psicologia, sob uma perspectiva fenomenológica, deva aprofundar-se na riqueza simbólica da missa:

A missa é um mistério ainda bastante vivo, cujos primórdios remontam aos primeiros tempos do Cristianismo. Seria supérfluo insistir que essa vitalidade se deve a um dinamismo psicológico indubitável, e isso implica que a Psicologia deve estudá-la. É óbvio que tal estudo só pode ser feito de um ponto de vista puramente fenomenológico, pois as realidades da fé ultrapassam o domínio da Psicologia.  
(JUNG, OC. XI, § 296)

Apesar da riqueza simbólica, durante a vida do Caçador das Sombras o potencial ritualístico e cerimonial da Igreja Romana não foi suficiente para amenizar a força dos arquétipos destrutivos que irrompiam do inconsciente dos indivíduos, como a narrativa e a letra da música ilustram. Agora, ao despedir-se de sua família em meio a dor e tristeza, o cavaleiro nutrirá a ideia de que a morte pode significar um alívio.

#### 4.2.8 No Pain for the Dead – Nehuma Dor para Mortos

Enquanto ele está enterrando sua esposa e filhos, o viúvo sabe que terá que carregar essa terrível dor por toda a vida. Todos os grandes momentos que tiveram juntos, desapareceram de uma só vez e se converteram em lembranças tristes apenas. É sempre melhor para quem vai do que para quem fica. Enquanto ele olha para o rosto pálido de seu filho no caixão, ele percebe como é sublime estar livre dos vãos sentimentos mortais. Assim, não haverá dor para os mortos.

De pé perante o caixão  
Os pensamentos se perderam  
A vida é apenas um fardo  
Carregue o seu para longe  
Limpe as lágrimas que caem  
Momentos recordados nos

Olhos da criança  
Veja o mundo passar  
Voando através das estrelas  
Não vai esconder as cicatrizes

Sempre  
Luto chora  
Largado neste mundo  
Eu nunca havia percebido  
Sorrisos na chuva que cai

Lave as lágrimas  
Enfrente o anjo da morte  
Logo seu tempo acabará  
Sua salvação está à frente  
É por isso que eu disse

Não há dor para os mortos  
Morrendo agora  
Ampulheta está virada  
Deixando este mundo  
Seu destino é

Escondendo o tempo de luto  
Enfrente o mundo  
Outro dia passa  
Vivendo nossos minutos em vão  
Limpe as lágrimas

(Triunfo dos mártires da guerra  
Caído pelas causas dos outros ...  
Vale o sacrifício?  
Heróis estão morrendo agora  
Ouvindo suas mães chorarem  
O céu é uma metáfora  
Liberte sua mente e espírito

Mãe Terra, você faz parte da minha  
alma, oh não!  
Água, vento e fogo ...  
Vai levar nossos espíritos

(Vítimas do sacrifício)  
 Enfrente o anjo da morte  
 (Lutando para sobreviver)  
 Logo seu tempo acabará  
 (Revolução continua)  
 Sua salvação está à frente  
 Não é tão triste  
 Não há dor para os mortos  
 (Lutando para sobreviver)  
 Libertação da alma  
 Não é tão triste  
 Não há dor para os mortos, oh!  
 ... Nenhuma Dor Para os Mortos

A saga continua: dor e tristeza dilaceram os sentimentos do Caçador das Sombras. Psicologicamente abalado, ele nada pode fazer além de conceder um último olhar ao cadáver do próprio filho. O efeito produzido pelo arquétipo da morte personificada nessa imagem o faz julgar que com o fim da vida também o sofrimento e a dor podem cessar. Por este motivo, o cavaleiro desejará não mais viver. Jung (OC. IX, § 213) comenta que quando ocorre um choque violento na vida de um indivíduo ao ponto dele perder o interesse por suas próprias aspirações, suas atividades conscientes podem ficar comprometidas:

Não se tem mais nenhum desejo ou coragem de enfrentar as tarefas do dia. A pessoa se sente como chumbo porque nenhuma parte do corpo parece disposta a mover-se, e isso é devido ao fato de não haver mais qualquer energia disponível. [...] O estado de desânimo e paralisação da vontade pode aumentar a ponto de a personalidade desmoronar, por assim dizer, desaparecendo a unidade da consciência; as partes isoladas da personalidade tornam-se autônomas e através disso perde-se o controle da consciência.

Como visto acima, o cavaleiro anseia por um fim de sua desgostosa existência. Jung (1993, p. 262) expõe que para muitos indivíduos que experimentam a vida com amargor, a ideia de um término da existência correspondente ao da vida biológica soa como uma reconfortante hipótese para a questão da possibilidade de uma vida após a morte. Esses indivíduos “[...] tão maltratados pela vida e que experimentam tal desgosto pela própria existência, que um fim absoluto lhes parecerá bem mais agradável do que qualquer forma de continuidade.”.

Na oitava estrofe, o cavaleiro é assaltado por um pensamento que remonta ao paganismo ao associar sua própria alma à “Mãe Terra” e aos elementos naturais água, vento e fogo. Mesmo tendo crescido, muito provavelmente, sob a influência cultural da Igreja Romana, em um momento de profunda comoção quando o conteúdo simbólico do

inconsciente irrompe, o paganismo se afigura vivo na psique do cavaleiro. Jung (OC. XI, § 339) acredita que a disseminação do cristianismo não foi capaz de eliminar o paganismo da vida dos seres humanos, pelo contrário, o simbolismo pagão permaneceu arraigado na psique. No mesmo parágrafo ele afirma que o simbolismo adotado pela Igreja Romana somente possui êxito por estar relacionado ao simbolismo pagão que subsiste no inconsciente dos indivíduos:

Embora a missa seja um fenômeno único na história das religiões comparadas, seu conteúdo simbólico seria alheio e estranho ao homem se não estivesse enraizado em sua alma. Ora, uma vez que assim é, creio que podemos encontrar vinculações simbólicas semelhantes, não só na história do espírito, como no mundo das ideias do paganismo contemporâneo a época cristã.

Alguns parágrafos adiante, ao discorrer sobre o tema da ressurreição de Cristo, Jung (OC. XI, § 343) observa que existem variadas representações recorrentes do mesmo tema nas religiões pagãs que remontam aos séculos iniciais do cristianismo: a morte e ressurreição de um deus:

O paganismo contemporâneo do Cristianismo primitivo e dos primeiros séculos da Igreja estava cheio não só dessas representações, como também de especulações filosóficas a respeito delas, e e sobre esse pano de fundo que se desenvolve o pensamento e a visão da filosofia gnóstica.

Nesse ponto de sua vida, a consciência do cavaleiro já integrou, isto é, apreendeu e compreendeu um significativo leque de símbolos arquetípicos provenientes do inconsciente. Sua consciência está cada vez mais ampliada, favorecendo o desenvolvimento de sua psique. Na medida em que isso ocorre, ele expande seu autoconhecimento e conseqüentemente aproxima-se do Si-mesmo. Dessa maneira, seu processo de individuação avança. A seguir, em uma missão de proteção aos cristãos peregrinos que visitam as ruínas do Templo de Salomão, o Caçador das Sombras retornará ao mesmo local de seu sonho narrado na faixa *The Shadow Hunter* (item 4.2.3).

#### **4.2.9 Winds of Destination – Ventos do Destino**

Em 1123, dois homens nobres da Europa e sete cavaleiros cruzados foram nomeados para guardar as ruínas do Templo de Salomão e proteger os cristãos que vieram visitar os locais sagrados. Eles foram chamados de Templários. Descendo os túneis dos escombros do templo, encontraram relíquias e manuscritos que continham a essência das tradições secretas do judaísmo e do antigo Egito, algumas das quais provavelmente remontavam aos dias de Moisés. A liberdade de pensamento

intelectual e a restauração de uma religião universal eram seu objeto secreto. Aos olhos de Deus, toda manifestação de vida é a mesma. Não existe um caminho especial preparado para nós. Um ser humano não vale mais do que um redemoinho carregando folhas caídas. Estamos todos sendo carregados pelos mesmos Ventos do Destino

Sangue está fluindo no chão  
 Como um rio ramificando linhas vermelhas  
 A angústia está por toda parte  
 Esperança se rendendo ao desespero

A vida é efêmera  
 A qualquer minuto escapa  
 Deus, por favor, olhe para todos nós  
 Você dá a mínima?

Dançando no ar  
 Folhas que giram em círculos dando  
 prazer aos meus olhos  
 Triste meu prazer  
 Quando a alegria acabou, espalhando-se  
 no chão

Ah! O sol vai nascer  
 O começo da criação  
 Ah! Nos céus  
 Nos Ventos do Destino  
 Nos leve embora ...

Arca Secreta de Salomão  
 Escondida nos escombros do templo...  
 para o rei  
 Muitos anos e séculos  
 Até sete cavaleiros da ordem

Abaixo os túneis do passado  
 Aprendendo com o não revelado...  
 todo o caminho!  
 Segurando sonhos em mãos zelosas  
 Todos esses arquivos  
 Perdidos e largados  
 Em algum lugar nos campos de batalha

Adeus ao mundo comum  
 Templários estão assistindo  
 e guardando os pergaminhos  
 Escudos da fé, os cavaleiros contemplam  
 Todos os manuscritos das sagradas  
 leis estão lá

Dançando no ar  
 Folhas que giram em círculos  
 Dando prazer aos meus olhos

...surgir!

Ah! O sol vai nascer  
 O começo da criação

Ah! Nos céus  
 Nos Ventos do Destino  
 Nos leve embora

Folhas velhas cairão  
 Árvores antigas permanecerão  
 Redemoinho leva você embora  
 Para que amanhã seja o mesmo

Diferente do genocídio cometido pela Igreja Romana narrado na faixa *Temple of Hate* (item 4.2.7), onde foram descritas as consequências negativas da identificação do indivíduo com um grupo, esse grupo de cavaleiros que protagonizam o presente trecho da história, não tinham a missão de aniquilar, mas preservar da vida de outros seres humanos. Jung (OC. IX, § 228) observa que a experiência de identificação com um grupo pode, por outro lado, ser positiva:

Contra esta avaliação da psicologia das massas, essencialmente negativa, objetar-se-á que há também experiências positivas, como, por exemplo, um entusiasmo saudável que incentiva o indivíduo a ações nobres, ou um sentimento igualmente positivo de solidariedade humana. Fatos deste tipo não devem ser negados. A comunidade pode conferir ao indivíduo coragem, decisão e dignidade que ele perderia facilmente no isolamento.

A jornada no interior das ruínas do templo repleto de objetos equivale a uma incursão arqueológica. Da mesma forma, ao ter sonhado com objetos no interior do templo, o Caçador das Sombras realizou um mergulho nas profundezas de sua própria psique, onde subsiste o domínio dos arquétipos. Para Jung a psique humana é formada por camadas e, como em um trabalho arqueológico, ele pode encontrar tesouros e perigos em sua psique na medida em que lança luz em suas profundezas. Em um sonho em especial que ocorreu a Jung (1993, p.153), o mesmo narra que sonhara que se encontrava em um local onde havia uma sequência de túmulos enfileirados. Na medida em que ele caminhava pelo local, era possível observar os mortos que jaziam em cada túmulo. O primeiro corpo era de uma personagem do século XIX, que ganhara vida pelo motivo de ser observado por Jung. Em seguida, o mesmo ocorre com um corpo de outra personagem, dessa vez, advindo do século XVIII. O processo continua até chegar a um cavaleiro cruzado do século XII que, ao ser observado por Jung, volta à vida. Assim, ele relaciona a imersão nos domínios da psique com um trabalho arqueológico:

[...] sonhos como esse e a experiência real do inconsciente levaram-me à compreensão de que tais vestígios não são apenas conteúdos mortos, nem formas gastas da vida, mas pertencem à psique viva. Minhas pesquisas posteriores

confirmaram a hipótese, que no decorrer dos anos resultou na minha teoria dos arquétipos. (JUNG, 1993, p.154)

Os Templários encontram manuscritos que discorrem sobre a “liberdade de pensamento intelectual”. Episódios de ríspidas e violentas condenações de ordem moral em forma de acusações mútuas entre cristãos, judeus e muçulmanos foram e serão mencionados na narrativa. Jung (OC. XI, § 519), ao falar de seu trabalho enquanto psicoterapeuta, comenta que a condenação moral: “[...] não liberta; ela oprime e sufoca. A partir do momento em que condeno alguém, não sou seu amigo e não compartilho de seus sofrimentos; sou o seu opressor.” Além disso, Jung (1993, p.167) crê que, com o propósito de libertar-se dos imperativos do inconsciente, o indivíduo deve assumir uma responsabilidade ética diante das imagens que ao seu intelecto chegam.

O conhecimento adquirido a partir dos manuscritos e relíquias encontrados nas ruínas do Templo de Salomão, concretizando a previsão de seu próprio sonho, irá impulsioná-lo em direção ao que lhe parece pré-determinado. É um fenômeno teleológico. O efeito numinoso do conteúdo arquetípico subjugará a razão do cavaleiro, direcionando-o ao seu destino. O Caçador das Sombras tornar-se-á profeta e assumirá uma grande responsabilidade consigo mesmo e com seus semelhantes.

#### **4.2.10 Sprouts of Time – Frutos do Tempo**

O Caçador das Sombras começa uma nova religião, reunindo pessoas ao seu redor para espalhar a verdade para ele revelada. Palavras de paz e amor semeavam como sementes no coração dos sábios; mas inutilmente caiu no solo rochoso dos corações dos cegos. O futuro é uma consequência do que fazemos agora. O presente expõe os Frutos do Tempo.

Eu volto meus olhos ao passado  
Desde o primeiro dia até o último  
Várias coisas que tivemos que aprender  
Inúmeros erros dos tempos de outrora

Agora recomeçamos, recriamos  
Seu presente é seu destino

Não vire as costas para a humanidade!  
Só você mesmo quer salvar  
Ignorância queima como um fogo  
Consumindo pessoas em sua chama

Criaturas companheiras, tão maravilhosas!  
Tão diferentes e tão grandiosas



Frutos do Tempo  
 As raízes evoluindo  
 As sementes para o futuro  
 foram espalhadas ontem  
 O campo da colheita de amanhã nós plantamos  
 hoje  
 Sua coroa sempre durará  
 As altas árvores da vida

(Experiência de vida)  
 Quebre sua concha, alcance a luz!  
 (Mente e alma)  
 Encontre o seu caminho para o céu  
 (Virá ao redor de um som de trovão)  
 Enfurecendo com poder e ira o novo  
 mundo recém-nascido

Frutos do Tempo  
 As raízes evoluindo  
 As sementes do passado  
 ramificando-se  
 Crescendo para sempre

Mãos, coração  
 Abraçam um ao outro  
 As danças, os rostos, os sorrisos  
 Por trás do passado

Novas estações trazem a chance  
 De começar de novo  
 Árvores altas sempre manterão-se  
 Nos círculos da vida

Nesse momento da narrativa, munido de todo conhecimento resultante da ampliação de sua consciência, de toda a compreensão acerca do material inconsciente conquistada até o momento, o Caçador das Sombras assume na prática a grande tarefa prevista pelo oráculo, o velho rabino. Agora, em destaque, ele possui em mãos uma obrigação, uma grande responsabilidade, como introduzido na faixa anterior, *Winds of Destination*: ele inaugura uma nova religião. Por isso, corre o risco de ludibriar-se com o poder que tem em mãos. Jung (1993, p.171) torna a comentar sobre a responsabilidade ética que cabe ao indivíduo ao lidar com o poder, fruto de uma compreensão do material inconsciente, sob pena de destruir e autodestruir-se:

Pois quem não sente a responsabilidade ética que seus conhecimentos comportam, sucumbirá ao princípio do poder. Disso poderão resultar efeitos destruidores não só para os outros como também para a própria pessoa que sabe. As imagens do inconsciente impõem ao homem uma pesada obrigação.

Uma tentativa de favorecer uma reconciliação entre o saber científico e o saber religioso, espiritual, tal qual aludida desde a introdução do presente trabalho, está em evidência nesse trecho da narrativa. Em uma época onde os dogmas religiosos buscavam sobrepor-se à demais sabedorias, o Caçador das Sombras forma uma nova religião baseada em uma liberdade de pensamento intelectual. O contato que o cavaleiro tem com manuscritos encontrados no Templo de Salomão, que versam sobre o tema da liberdade intelectual, ocasiona um grande impacto em sua vida: agora, ele profetiza com base nas mesmas ideias.

A atitude do Caçador de Sombras assemelhasse a de Jesus Cristo no sentido em que ambos reúnem os seus semelhantes com palavras de amor, dando início a uma nova religião. Jung mostra a necessidade de se ter cuidado ao tentar seguir o modelo de vida de Cristo. Para ele, o indivíduo pode seguir todos os passos de Cristo, até a estigmatização, mas no fim das contas, não ter se aproximado de seu real modelo, já que isso não significa simplesmente uma imitação, mas sim tornar o modelo real a partir dos recursos próprios no âmbito da vida individual. Para Jung, o Ocidente se equivoca ao enfatizar o modelo de Cristo exterior, objetal, desprezando a relação desse modelo com o mundo interior do indivíduo. Dessa maneira, os indivíduos passam a se eximir de responsabilidades próprias projetando-as em um Cristo externo, o que contraria a essência da alma cristã. (JUNG, OC. XII, § 7-11)

Para Jung, é necessário que a cristandade retome o seu início antes de dar cabo de sua sagrada missão educativa. Para que isso corra, a religião deve tornar-se um tipo de experiência que existe na dimensão da própria alma do sujeito, em vez de restringir-se à dimensão exterior. O mistério cristão existe por si só, mas também se consolida na alma humana. E, somente através da experiência de vida é possível que o indivíduo se aproxime do conhecimento religioso, que pode ser aprendido sem ter sido vivido na prática (JUNG, OC. XII, § 13).

Agindo como um profeta, o cavaleiro procura levar palavras de amor e compreensão para as pessoas. Entretanto, para muitas delas, ele recebe de volta somente a incompreensão. Jung (OC. XI, § 523) crê que através do amor e do perdão aos inimigos, é que se abre um caminho para a cura da aflição das pessoas. Por outro lado, sobre a tentativa da imitação de Cristo em contraste com a tentativa de conduzir a própria vida no mesmo estado de espírito em que Cristo conduziu a sua, Jung (OC. XI, § 522) escreve:

Devemos compreender a imitação de Cristo no sentido de que se trataria de copiar a sua vida, macaquear de algum modo os seus estigmas, as suas chagas, ou, entendendo-o em seu sentido mais profundo, viver a nossa vida como Ele viveu a

sua, naquilo que Ele tinha de mais próprio e irredutível. Imitar a vida de Cristo não é coisa fácil, mas é indiscutivelmente mais difícil viver a própria vida no espírito em que Cristo viveu a sua. Se alguém se esforçasse por consegui-lo, estaria correndo o risco de se chocar contra os próprios condicionamentos históricos e, mesmo que atendesse às suas exigências, ainda assim seria, ao seu modo, ignorado, desprezado, escarnecido, torturado e pregado numa cruz.

O cultivo de um saber intelectual que o cavaleiro tenta promover ao divulgá-lo para o público, concorre com os interesses daqueles que querem a manutenção de um paradigma baseado em dogmas religiosos. Rapidamente, as atitudes do cavaleiro ecoam até as autoridades religiosas. Como Jung afirma na citação acima, o indivíduo que ousar replicar os passos de Cristo estará suscetível a retaliações de seu meio social. É precisamente o que acontecerá. O Caçador das Sombras está prestes a descobrir que logo irá juntar-se à sua família.

#### 4.2.11 Angels and Demons – Anjos e Demônios

Rumores chegam aos ouvidos dos cardeais e do Papa. "Um cavaleiro da ordem do templo enlouqueceu e afirma ser o novo Jesus! Muitos dos camponeses das aldeias parecem estar seguindo o homem." ... Por ameaçar a hegemonia católica, ele é perseguido, capturado, torturado, mantido na prisão, julgado e condenado à morte. Na frente dos cardeais, o culpado explica humildemente como os anjos e os demônios se disfarçam, então ele pronuncia sua famosa Teoria da Luz baseada no perdão à Satanás, na ausência de Deus, no Amor ateu e na Gnose. "Nenhuma verdade absoluta pode existir em uma mente consciente, porque todo pensamento é submetido a um julgamento individual e arbitrário."

Sonhos - sensações que você prova  
São tirados da natureza  
Você acha que essas emoções são verdadeiras em sua mente

Lute contra o reino do medo  
Mais cedo ou mais tarde eles vão tentar convencer você está errado  
Mas tenho certeza ..  
Nós somos apenas

Anjos Rastejantes e Demônios disfarçados  
Você não conhece a verdade, então tente ter certeza  
Quando seus Anjos e Demônios surgirem  
Enfrente a Verdade: Deus não é amor!  
Sinta-se tão fluido quanto a vida  
O amor é um arco-íris  
Por mais que pareça ser real  
Está tudo em sua mente

Mais cedo ou mais tarde eu vou convencer que  
A Verdade é uma mentira  
Não há juiz quando morremos  
Apenas poeira

Nós somos apenas

Anjos Rastejantes e Demônios disfarçados  
 A verdade você não conhece, então tente ter certeza  
 Quando seus anjos e demônios surgem  
 Mas ainda não temos certeza de qual caminho devemos seguir  
 Quando os Anjos e Demônios se disfarçam  
 Apenas confundindo nossos cérebros com suas mentiras  
 Emoções atraentes  
 Devoções revôltas  
 Os Anjos e Demônios me dizendo mentiras!

A saga do cavaleiro aproxima-se de um fim. Frente ao suplício e munido de humildade, como descreve a narrativa, ele torna a pronunciar-se sobre uma liberdade de pensamento e também discursa sobre um perdão à Satanás, a ausência de Deus e a Gnose. Em uma explanação sobre o papel do Diabo nos cosmos trinitário edificado pelo cristianismo, Jung (OC. XI § 249) justamente alude “a certas concepções gnósticas segundo as quais o Diabo, que chamavam de “Satanael”, era o primeiro filho de Deus e Cristo o segundo.” Como também observado na faixa Spread Your Fire (item 4.2.2), o Diabo aqui é entendido pelo cavaleiro como uma figura que não necessariamente deve ser combatida, mas compreendida. A ideia de um perdão ao Diabo indica que ele está consciente de que a sombra não deve ser vista como uma inimiga a ser eliminada, mas como algo a ser compreendido, integrado. Jung (OC. XI, § 523), ao discursar sobre as neuroses, fala sobre o perdão ao inimigo como análogo ao perdão, à reconciliação, consigo mesmo:

É pela virtude cristã que nos impele a amar e a perdoar o inimigo que os homens curam o estado de sofrimento entre as pessoas. Aquilo que por convicção cristã recomendamos exteriormente, é preciso que o apliquemos internamente no plano da terapia das neuroses. É por isso que os homens modernos não querem mais ouvir falar em culpa ou pecado. Cada um já tem muito o que fazer com a própria consciência já bastante carregada e o que todos desejam saber e aprender é como conseguir *reconciliar-se* com as próprias falhas, como amar o inimigo que se tem dentro do próprio coração e como chamar de "irmão" ao lobo que nos quer devorar.

Por ter tido contato com os manuscritos do templo, é possível o Caçador das Sombras tenha vislumbrado algum conhecimento acerca da natureza dos arquétipos que lhe assenhoravam a revelia de sua vontade consciente. Jung (OC. VII, § 104), utiliza-se de exemplos dos sistemas filosóficos e gnósticos para discorrer sobre a relativa autonomia dos arquétipos, pois para ele, os mesmos possuem

[...] vida própria, independente, mais ou menos como a das *almas parciais*, fáceis de serem encontradas nos sistemas filosóficos ou gnósticos, apoiados nas percepções do inconsciente como forma de conhecimento. A ideia de anjos e arcanjos, dos ‘tronos e potestades’ de Paulo, dos arcontes dos gnósticos, das hierarquias celestiais em *Dionysius Areopagita* etc., derivam da percepção da relativa autonomia dos arquétipos.

A faixa *Angels and Demons* adverte que o indivíduo ao ter sua consciência transformada pelo efeito numinoso causado por um contato com o inconsciente coletivo, corre o risco de ludibriar-se ao atribuir um significado precipitado e enganoso à sua experiência, equivocando-se em suas atitudes. Jung (OC. XVIII, § 577) observa que os indivíduos somente são capazes de encontrar uma explicação razoável sobre o conteúdo simbólico dos sonhos mediante a uma análise lógica e honesta do que foi captado pela intuição e a fantasia. Caso contrário, existe um grande risco de acabar por defender posições fincadas em bases enganosas e possivelmente desastrosas.

Na penúltima estrofe, afirma-se que não há julgamento algum após a morte, apenas poeira. Jung (OC. VIII, § 796) discorre sobre esse tipo de pensamento:

Muitas vezes me tem sido perguntado o que é que eu penso a respeito da morte [...]. A morte nos é conhecida simplesmente como um fim e nada mais. É o ponto-final que se coloca muitas vezes antes mesmo de encerrar-se o período, e depois dela só existem recordações e efeitos subsequentes, nos outros.

E mais adiante, com uma postura cética sobre a ideia de uma vida após a morte, Jung (OC. VIII, § 804), acrescenta:

No momento que talvez se poderia esperar, eu não gostaria de tirar uma fé subitamente de meu bolso e convidar meus leitores a fazer justamente aquilo que ninguém pode fazer, isto é, a acreditar em alguma coisa. Por isto certamente eu não afirmarei agora que é preciso crer que a morte é um segundo nascimento que nos leva a uma sobrevida no além.

Por outro lado, apesar do ceticismo, Jung (OC. VIII, § 807) nutre ideias acerca de uma vida após a morte, ideias que vão além de um tornar-se poeira:

[...] parece-me que considerar a morte como realização plena do sentido da vida e sua verdadeira meta, em vez de uma mera cessão sem sentido, corresponde melhor à psique coletiva da humanidade. Quem professa uma opinião racionalista a este respeito, isolou-se psicologicamente e está em oposição com sua própria natureza humana básica.

Ao falar sobre sua experiência em lidar com pacientes próximo da morte, Jung (OC. VIII, § 809) explica que, frente a ela, o inconsciente produz os mesmos símbolos que indicam mudanças significativas na vida do indivíduo:

Na minha experiência bastante longa fiz uma série de observações com pessoas cuja atividade psíquica inconsciente eu pude seguir até imediatamente antes da morte. Geralmente a aproximação do fim era indicada através daqueles símbolos que, na vida normal, denotavam mudanças no estado psicológico – símbolos de renascimento tais como mudanças de localidade, viagens e semelhantes. [...] Globalmente falando, eu me espantava de ver o pouco caso que a psique inconsciente fazia da morte. Parecia que a morte era alguma coisa relativamente sem importância, ou talvez nossa psique não se preocupasse com o que eventualmente acontecia com o indivíduo. Por isso parece que o inconsciente se interessa tanto mais por saber *como* se morre, ou seja, se a atitude da consciência está em conformidade ou não com o processo de morrer.

E conclui que a alma do indivíduo, referindo-se ao inconsciente, atribui significativa importância ao evento da morte quando se avizinha (JUNG, OC. VIII, § 810):

[...] devo concluir que nossa alma não é indiferente, pelo menos, ao morrer do indivíduo. A tendência compulsiva que os moribundos frequentemente revelam de querer corrigir ainda tudo o que é errado deve apontar na mesma direção.

Também na penúltima estrofe, pode-se detectar um tom nihilista que sugere que o Caçador das Sombras não enxerga um sentido para a existência humana. Apesar disso, levando em consideração o restante de sua saga, antes e depois de seu julgamento, percebe-se que é um fenômeno que não perdura, uma percepção passageira. Por exemplo, na última estrofe da faixa anterior, *Sprouts of Time* (Frutos do Tempo), quando o Caçador das Sombras ainda não tinha sido preso e pregava seus ensinamentos livremente, um sentido para sua vida é relatado quando ele afirma que “Novas estações trazem a chance de começar de novo. Árvores altas sempre manterão-se nos círculos da vida.” Além disso, na próxima faixa, ver-se-á que nos momentos que antecedem sua morte, ele continuará buscando um sentido para a sua existência e para o mundo que o cerca.

A narrativa conta que o protagonista “[...] afirma ser o novo Jesus”. É possível que ele tenha se identificado com uma imagem arquetípica que o remeteu à personagem Jesus. Jung (OC. VII, § 110) alerta sobre a possibilidade da introjeção de imagens arquetípicas. Quando se identifica com as mesmas, atribuindo o conteúdo do inconsciente coletivo a algo que pertence a si mesmo, o indivíduo pode perder-se em excessos. Os arquétipos são destituídos de valores até que o sujeito os empregue mediante sua própria experiência. Assim, faz-se importante observar que, ainda na narrativa, o cavaleiro afirma não existir uma verdade

absoluta para uma mente consciente. Essa visão relativista dos fenômenos religiosos vistos sob o ponto de vista psicológico foi aprofundada na faixa *Wishing Well* (item 4.2.5), onde uma neutralidade do arquétipo foi abordada.

A veracidade do conteúdo onírico é contestada ao longo da letra da música. Uma sensação divina percebida nos sonhos não passaria de uma doce ilusão. Jung (OC. XII, § 11), por outro lado, comenta que, para os cristãos, Deus pode comunicar-se realmente através dos sonhos:

O próprio cristão que tem fé não conhece os caminhos secretos de Deus, e deve permitir que este decida se quer agir sobre ele a partir de fora, ou internamente, através da alma. O fiel não pode contestar o fato de que há ‘somnia a Deo missa’ (sonhos enviados por Deus) e iluminações da alma impossíveis de serem remetidas a causas externas.

O material onírico do *Caçador das Sombras* indicou eventos que se concretizaram no mundo material, como a sua visita ao Templo de Salomão. Na época, o protagonista levou seu sonho em consideração e, por isso, avança em seu processo de individuação. Jung (OC. XII, § 34), ao abordar o movimento em espiral do caminho, inicialmente caótico, que aponta para a meta da totalidade, demonstra a importância da observação do conteúdo onírico para tanto:

Os sonhos, enquanto manifestações dos processos inconscientes, traçam um movimento de rotação ou de circunambulação em torno do centro, dele se aproximando mediante amplificações cada vez mais nítidas e vastas. Devido à diversidade do material simbólico é difícil a princípio reconhecer qualquer tipo de ordem. De fato, nada permite pressupor que as séries de sonhos esteja, sujeitas a um princípio ordenador. A uma observação mais acurada, porém, o processo de desenvolvimento revela-se cíclico ou em espiral.

O protagonista percebe uma necessidade de sua consciência em diferenciar-se dos conteúdos do inconsciente coletivo e seu efeito numinoso que podem facilmente fascinar e comover, provocando devoções e confusões. O *Caçador das Sombras* deve lidar com entidades espirituais, mas sem identificar-se com elas. Para Jung (OC. VII, § 105), entidades divinas e demoníacas residem no inconsciente coletivo, que é a fonte de interminável abundância desse tipo de ideias, que são condições essenciais para que o ser humano seja o que ele é.

Na terceira estrofe da letra, surge a afirmação: “Encare a verdade, Deus não é amor”. Jung (OC. XII, § 23-24) declara que a aproximação da consciência em relação ao arquétipo ocorre na medida em que o inconsciente é explorado. Nesse processo, o indivíduo vê-se frente

à aterradora contradição da natureza humana, a experiência do Cristo, luz e do demônio, trevas. Essa experiência de opostos é absolutamente necessária para a percepção da totalidade, relacionada ao Si-mesmo, onde as imagens sagradas podem ser acessadas: “O bem e o mal se encontram tão próximos no Si-mesmo quanto dois gêmeos monovitelinos!”(JUNG, OC. XII, § 24). A presença de um paradoxo, uma aparente contradição que é a coexistência de opostos como o bem e o mal em Deus, reaparece nesse momento de forma similar ao que foi visto na faixa Morning Star (item 4.2.4).

Na terceira estrofe da letra da música, o protagonista conclui que fenômenos que cativam um entusiasmo psicológico nele mesmo não são reais, pois existem apenas em sua mente. Essa afirmativa pode suscitar duas ponderações. Como visto nos parágrafos anteriores da presente faixa, o indivíduo deva atentar-se para não ludibriar-se com vivências internas de caráter numinoso. Mas, por outro lado, Jung também considera aquilo que acontece no mundo interior como bastante real (SHAMDASANI, 2015). É necessária muita atenção por parte do cavaleiro para que ele dê crédito ao que experimenta dentro de si, sem deixar-se iludir com o impacto que isso provoca nele mesmo.

#### 4.2.12 Late Redemption – Redenção Tardia

Durante os últimos momentos da vida deste cruzado, ele ainda está se questionando: "Eu estava certo? Eu estava errado?" Memórias e pensamentos bagunçam sua mente. O prisioneiro está sendo visitado por anjos. Ou eles são demônios? Quem sabe? Como o mais puro coração pode julgar o mal? O Anjo da Morte estica os braços e oferece um confortável silêncio eterno. O Caçador das Sombras entrega seu corpo e alma, certo de sua Redenção Tardia.

Você desperdiçou todas as suas chances  
Para se encontrar perdido e solitário  
Era tão tolo  
Você era egoísta  
Muito cego para perceber  
Que você estragou sua própria vida

Eu vou contando os dias  
E já, já não tenho medo  
Eu te peço  
Eu lhe imploro  
Quando a minha hora chegar  
Meu descanso, minha paz

Cante uma canção desconhecida  
Envenenando com esperança  
Os corações ao seu redor  
Plante mais lembranças na sua vida  
A morte está chamando você



Agora ou nunca!  
 Nada além do amor é o que parece  
 Por favor, aqueles que você ama  
 Antes de você sentir falta deles  
 Toda a minha dor na minha prece  
 Ganhe minhas chances de volta porque  
 A vida é curta, mas nunca é tarde!

Tempo que passou  
 É hora de encontrar redenção  
 Não vai mais voltar  
 Só o amor desafia a ressurreição  
 Tudo que se foi  
 Marque minhas palavras: Deus abandonou esse mundo!

Eu voltaria a viver?  
 Qual é a nova religião? Sim!  
 E qual será o pão?  
 Realmente eu não dou a mínima!  
 Nunca mais quero viver de novo  
 Nesta emoção vã  
 Acabou para mim!

Cante uma canção de ninar agora eu me lembro  
 Tempo que se foi e não se esquece mais  
 Memórias estão se contorcendo em minha mente  
 Ganhe minhas chances de volta  
 Porque a vida é curta, mas nunca é tarde

Tempo que passou  
 É hora de encontrar redenção  
 Não vai mais voltar  
 Só o amor desafia a ressurreição  
 Tudo que se foi  
 Marque minhas palavras: Deus abandonou esse mundo!  
 Toda a minha "vida"  
 Meu destino acabou  
 Nunca vai voltar  
 E esta esperança acima da sua  
 Compreensão  
 Tempo que se foi  
 É o amor que você tem sonhado por tanto tempo  
 Acabou para mim.  
 Nunca  
 Tudo se acabou

Frente à morte, o cavaleiro volta seu olhar para dentro de si. Jung narra o momento na vida do indivíduo, quando a juventude não está mais presente, em que ocorre um inevitável questionamento dos valores que costumavam dar sentido à sua vida. Torna-se imprescindível um reconhecimento de valores opostos, uma percepção de que as convicções antigas podem não mais fazer sentido. É necessário admitir a existência de inverdades no âmago de verdades que eram tidas como absolutas até então, encontrando a desavença onde antes havia a concórdia, e vice-versa. Caso o indivíduo resolva reprimir sua vida passada em prol daquilo

que lhe afigura como novo, é comum que ele tome decisões radicais, como uma conversão religiosa, por exemplo. Para Jung, seria um erro acreditar que os valores antigos devam ser suprimidos para dar lugar aos valores contrários, já que, na verdade, deve ocorrer um reconhecimento dos valores contrários acompanhado de uma preservação dos antigos valores. Quanto mais tendenciosa, inflexível e incondicional for a argumentação de uma perspectiva adotada durante a vida, mais destrutiva e incompatível se tornará a experiência da chegada de uma nova perspectiva. Por outro lado, se a consciência perceber com certo discernimento e clareza a relatividade das opiniões humanas, a nova percepção contrária também se afigura mais próxima de uma compatibilidade. (JUNG, OC. VII, § 114-120)

Na primeira estrofe, o Caçador das Sombras diz a si mesmo ser um egoísta, cego demais para dar-se conta de seus erros. Com sua atenção consciente voltada para o histórico de sua própria conduta, ele avalia-se. Seu impulso interior pelo autoconhecimento o aproxima do Si mesmo. Um sincero olhar para sua sombra, condição para o fluir do processo de individuação, evidencia que algo nele mesmo é aparentemente indiferente à proximidade de um possível fim para a consciência.

O cavaleiro consegue enxergar seus erros e limitações. Então, ele busca redenção dentro de si, uma vez que na quarta estrofe ele afirma que Deus não se encontra acessível. Como revisto na faixa Wishing Well (item 4.2.5), o centro da personalidade, o Si mesmo, corresponde a imagem de Deus na psique do indivíduo. Assumindo que o Caçador das Sombras, após um longo caminho, alinha-se cada vez mais com o centro de sua personalidade, pode-se afirmar que ele, em realidade, busca sua redenção frente à imagem de Deus na psique, independentemente da existência ou não de um Deus metafísico. A aceitação de si mesmo consiste em um problema fundamental levantado por Jung (OC. XI, § 520), é a chave para o amor próprio:

[...] a aceitação de si mesmo é a essência do problema moral e o centro de toda uma concepção do mundo. Que eu faça um mendigo sentar-se à minha mesa, que eu perdoe àquele que me ofende e me esforce por amar, inclusive o meu inimigo, em nome de Cristo, tudo isso, naturalmente, não deixa de ser uma grande virtude. O que faço ao menor dos meus irmãos é ao próprio Cristo que faço. Mas o que acontecerá, se descobro, porventura, que o menos, o mais miserável de todos, o mais pobre dos mendigos, o mais insolente dos caluniadores, o meu inimigo, reside dentro de mim, sou eu mesmo, e precisa da esmola da minha bondade, e que eu mesmo sou o inimigo que é necessário amar?

Desde o início da saga, o cavaleiro teve sua consciência ocupada por ideias e imagens espontâneas que brotavam de seu inconsciente. Um mensageiro do Papa, como narra a faixa

anterior, conta que o Caçador das Sombras afirmava-se enquanto um novo Jesus. Ao remeter-se a Jesus, Jung (OC. XVIII, § 568) explica que os símbolos do inconsciente que irrompem à luz da consciência, ocorrem de forma espontânea, não sendo simplesmente inventados pelo indivíduo:

O mito se compõe de símbolos que não foram inventados, mas que simplesmente ocorreram. Não foi o homem Jesus que criou o mito do homem-deus. Este já existia há séculos. Ao contrário, ele mesmo foi tomado por esta ideia simbólica que, segundo descreve Marcos, o tirou da oficina de carpinteiro e da limitação espiritual de seu meio ambiente.

Sem respostas definitivas para as suas perguntas, o Caçador das Sombras entrega-se ao seu destino. Não se sabe se o seu processo de individuação chegou ao fim, ou se continua. Jung absteve-se de responder se a psique individual persiste de alguma forma após a morte, se existe uma continuação do processo de individuação em um “mundo além”, mas, nem por isso, deixou de inspirar reflexões sobre possibilidades acerca do assunto.

#### 4.2.13 Gate XIII – Portão XIII

...vidas que consomem vidas para continuar vivendo. Termina para um, continua para todos. A cobra come sua calda. O ciclo se reinicia...

O trecho final da história sugere um recomeço: traz a simbologia da serpente que devora sua própria calda, o *uroboros*. Jung responsabiliza, além da ciência moderna, o próprio cristianismo por levar a humanidade à carregar em si mesma, em seu próprio inconsciente, as forças demoníacas desse mundo, metamorfoseando o indivíduo em *uroboros*. Ele explica como:

O cristianismo e a ciência moderna expurgaram a natureza de demônios, o que significa que o europeu retomou sistematicamente os poderes demoníacos do mundo para si mesmo e passou a carregá-los em seu inconsciente. Esses poderes demoníacos, agora alojados no próprio homem, sublevam-se contra as supostas restrições espirituais do cristianismo. [...] O homem é lentamente transformados num *uroboros*, o ‘comedor da sua própria calda’ que se devora a si mesmo, desde os tempos antigos um símbolo do homem dominado pelo demônio.

Por boa parte de sua vida, o Caçador das Sombras teve sua personalidade influenciada e posta sob conflito pelo paradigma cultural vigente em sua época: nesse caso, faces do cristianismo. Assim, dominado por anjos, mas também por demônios, muitas vezes comportou-se mesmo como um *uroboro*.

Jung (OC. XII, § 34) explica o caráter cíclico da existência, reconhecido pela alquimia medieval, que dita o ritmo da vida, comparando-o com o processo de crescimento das plantas:

O caminho para a meta a princípio é caótico e imprevisível, e só aos poucos vão se multiplicando os sinais de uma direção a seguir. O caminho não segue a linha reta, mas é aparentemente cíclico. Um conhecimento mais exato o define como uma *espiral*: os temas do sonho sempre reaparecem depois de determinados intervalos, sob certas formas que designam à sua maneira o centro. [...] Poderíamos estabelecer um paralelo entre esses processos em espiral e o processo de crescimento das plantas [...].

A ideia de um reinício sugere a possibilidade de um renascimento. O tema do renascimento é abordado por Jung (OC. IX, § 199-205), que elencou algumas de suas formas. Na *metempsicose*, ou transmigração da alma, a vida atravessa o tempo através de sucessivas reencarnações. O budismo, que é centrado nessa doutrina, não garante a continuidade da personalidade ao longo da transmigração da alma, podendo referir-se somente à uma continuidade do karma. Já na *reencarnação*, existe o conceito de continuidade pessoal, onde a personalidade perpetua-se através das encarnações, podendo inclusive possuir a memória do que lhe ocorreu em vidas passadas. Na *ressurreição*, observa-se uma transmutação do ser, ou seja, o indivíduo retorna, ou melhor, ressurgir da morte em um corpo carnal, como sugere o paradigma cristão, ou até mesmo em um corpo sutil em um estado de incorruptibilidade. O *renascimento* sugere a ideia de uma renovação, um aperfeiçoamento durante o decorrer da vida. Ele pode ser compreendido enquanto uma melhora, um fortalecimento ou uma cura de partes da personalidade, como também enquanto um renascimento total dessa personalidade. Finalmente, *a participação no processo de transformação* é um renascimento indireto, presente em ritos cristãos, como a missa, e também em ritos pagãos. Essa forma de renascimento consiste na participação de uma transformação que se dá fora do indivíduo, sem que este necessite passar pela morte e pelo renascimento.

Como sugere o primeiro capítulo deste trabalho, Jung (OC. IX, § 206) delinea o alcance de suas observações acerca de temas de ordem espiritual, como é o caso do tema do renascimento. Mais uma vez, de forma implícita, ele reafirma o caráter fenomenológico em suas investigações:

O renascimento não é um processo de algum modo observável. Não podemos medi-lo, pesar o fotografá-lo; ele escapa totalmente aos nossos sentidos. Lidamos aqui com uma realidade puramente psíquica, que só nos é transmitida indiretamente através de relatos. Falamos de renascimento, professamos o renascimento, estamos

plenos de renascimento – e esta verdade nos basta. Não nos preocupamos aqui com a questão de saber se o renascimento é um processo de algum modo palpável. Devemos contentar-nos com a realidade psíquica.

E, ao avançar no tema, como visto no segundo capítulo, ele recorre ao conceito de arquétipo para explicar suas conclusões (JUNG, OC. IX, § 207):

O ‘renascimento’ é uma das proposições mais originárias da humanidade. Esse tipo de proposição baseia-se no que denomino ‘arquétipo’. Todas as proposições referentes ao sobrenatural, transcendente e metafísico são, em última análise, determinadas pelo arquétipo e por isso não surpreende que encontremos afirmações concordantes sobre o renascimento nos povos mais diversos.

Para Jung (OC. IX, § 234-235), o renascimento é uma transformação natural da personalidade, comumente anunciado pelos sonhos e associado ao processo de individuação:

Os processos naturais de transformação são anunciados principalmente no sonho. Em outra parte apresentei uma série de símbolos oníricos do processo de individuação. Eram sonhos que usavam sem exceção o simbolismo do renascimento. Em todo caso trata-se de um processo demorado de transformação interna e do renascimento em um outro ser. Este ‘outro ser’ é o outro em nós, a personalidade futura mais ampla, com a qual já travamos conhecimento como um amigo interno da alma.

Como visto no início do presente capítulo, o Angra lança em 2001 o álbum Rebirth (Renascimento) que contempla uma música com o mesmo nome. Com um trecho de sua letra<sup>36</sup> (Tradução do autor), a presente análise da saga do Caçador das Sombras chega a um fim:

Viajo pelos ventos de um novo dia  
Na altura onde as montanhas alcançam  
Reencontrei minha esperança e meu orgulho  
Renascimento de um homem

---

36 REBIRTH, 2018.

## CONCLUSÃO

O presente trabalho suscitou uma reflexão sobre a importância e a possibilidade da ciência e da espiritualidade dialogarem. A análise do material literário presente no álbum *Temple of Shadows* da banda Angra, o estudo sobre a espiritualidade associada ao *rock* e ao *metal* e o recorte do tema espiritualidade em diálogo com a ciência dentro da obra do médico psiquiatra e psicólogo Carl Gustav Jung apresentaram um olhar capaz de interagir com outros pontos de vista em diálogo interdisciplinar. Uma análise fenomenológica e hermenêutica acerca do conflito psicológico vivido pelo Caçador das Sombras, em comunicação com a música, a história, a filosofia, a teologia, a mitologia, a psicologia, etc., descreve o processo de individuação da personagem protagonista.

É importante ressaltar que a interlocução proposta somente foi possível mediante flexibilidade e compreensão ao abraçar diferentes perspectivas sobre a multiplicidade de fatores que estão presentes no ato de Ser.

A análise da saga do Caçador das Sombras convidou o leitor a entrar em contato com uma realidade histórica marcada pela inclemência religiosa e cultural em que o poder vigente, concentrado principalmente nas mãos da Igreja Romana da época, utilizou-se de meios brutais para silenciar quaisquer atitudes percebidas como possivelmente ameaçadoras ao seu domínio. As ideias defendidas pelo protagonista em seu julgamento, que já o assaltavam antes que ele entrasse em contato material com os manuscritos do Templo de Salomão, representavam para ele saberes capazes de ajudar a libertar a população das garras do paradigma vigente caso fossem passados adiante e devidamente escutados, o que ocorre com êxito apenas parcial, como a faixa *Sprouts of Time* (item 4.2.10) narra.

O Caçador das Sombras, atormentado pela convivência com o fanatismo, a incompreensão e a intransigência de sua época, demonstra abertura para relacionar-se com um velho rabino judeu, uma prostituta cigana, uma bela mulher muçulmana e com a Igreja Romana, mesmo perante tortura e a proximidade da morte. Provavelmente, o desenrolar de seu processo de individuação teria sido diferente sem essa disposição para absorver novas ideias e interagir com elas.

Em um “desabafo” sobre o atentado terrorista ocorrido em Paris em novembro de 2015, feito através de uma rede social virtual, o criador da saga do Caçador das Sombras, Rafael Bittencourt, lamenta que a intolerância religiosa ainda assole a humanidade. Ele

lembra que o atentado que matou 137 pessoas ocorreu durante uma apresentação de uma banda de *metal* em um local chamado Bataclan, onde ele mesmo já havia se apresentado com a banda Angra em 1997. Ele versa sobre a questão da tentativa de imposição de princípios, ideologias e convicções através do uso da força por parte de grupos repressores. Rafael Bittencourt também aproxima a mesma problemática à realidade atual no Brasil, onde religiões de origem africana são alvo de violência e incompreensão, além de afirmar que apesar do extremismo islâmico, tanto o Al Corão quanto a religião que ele fundamenta são “belíssimos”<sup>37</sup>.

O tema da tolerância permeia toda a extensão da dissertação. No terceiro capítulo, o leitor pôde perceber que, por tratar-se de um fenômeno oriundo do meio cultural e religioso do indivíduo negro, o *rock* foi discriminado e caluniado por líderes religiosos e institucionais que se sentiram ameaçados por um poder revolucionário que o estilo musical trazia consigo, capaz de abalar o *status quo* da cultura branca da época. Com as leituras sobrepostas de Diogo Cardoso (2010) e David Tame (1984), além de outros estudiosos do assunto, também pôde ser vista a intolerância religiosa e espiritual que o mundo do *rock* ainda carrega.

Nos dois primeiros capítulos, abordou-se a importância que Jung e outros estudiosos atribuem à comunicação entre os saberes científico e religioso. Também vimos que Jung discorre sobre uma necessidade do psicólogo evitar julgamentos de ordem moral aos seus pacientes e sobre a necessidade de apreensão e compreensão do material inconsciente pela consciência em um esforço de indulgência e flexibilidade que o indivíduo deve exercer consigo mesmo para avançar em seu processo de individuação, como o Caçador das Sombras faz no quarto capítulo.

Jung viveu durante os séculos XIX e XX, quando predominava o paradigma reducionista e materialista sobre os saberes religiosos e espirituais. A saga do Caçador das Sombras se passa no século XII, quando justamente ocorre o contrário: era o paradigma religioso que dominava os saberes científicos e filosóficos da época. Os conhecimentos científico e cultural acumulados até aquele momento da história deveriam ter Deus como parâmetro. Sob essa perspectiva, tanto Jung quanto o Caçador das Sombras almejam dar voz a campos do saber que se afiguram a eles como desvalorizados e até mesmo dialogar com o espírito humano.

---

37 BITTENCOURT, 2015.

O mergulho que Jung realiza através de seu trabalho nas profundezas do inconsciente coletivo busca trazer, de certa maneira, a psique dos mortos de volta à vida. Isso pode ser ilustrado a partir de um sonho que o próprio Jung teve em 1912 e que foi decisivo para a trajetória de sua psicologia dali em diante. Como visto na análise da faixa *Winds of Destination* (item 4.2.9), Jung (1993, p.153) relata em suas memórias o sonho onde ele mesmo se depara com uma fileira de túmulos que abrigam personagens históricos mortos que voltam à vida na medida em que o próprio Jung se aproxima e os observa. Jung começa por uma personagem do século XVIII, depois do século XVII e assim por diante até finalmente deparar-se com um cavaleiro cruzado do século XII, deitado sobre uma cota de malha, que também volta à vida ao ser observado.

Um sonho decisivo para a estruturação do pensamento junguiano. Até então, Jung partilhava da concepção freudiana de que o inconsciente compreende somente as vivências acumuladas durante a vida do indivíduo. Doravante Jung passa a compreender o material oriundo do inconsciente não somente como resquícios sem vida. Mas, pelo contrário, percebe a presença de uma psique viva e pulsante. Não mais com a primazia da pulsão sexual freudiana: a libido. Nesse enredo, a libido para Jung passa a ser reconhecida e trabalhada como energia psíquica. A partir desse ponto, Jung elabora suas pesquisas até chegar à sua teoria dos arquétipos e conclui que o conhecimento acumulado pelos antepassados da humanidade permanece vivo na psique dos vivos por meio do inconsciente coletivo.

O Caçador das Sombras vivencia isso quando entra em contato, através de um sonho, com manuscritos soterrados no Templo de Salomão antes mesmo de conhecê-los materialmente ou quando se depara com as visões de um velho rabino e de uma prostituta cigana sobre seu próprio futuro. Conhecimentos esquecidos no passado e fatos que ainda iriam ocorrer emergem em sua consciência. São acontecimentos que desafiam as leis conhecidas do tempo e do espaço. Uma nova atitude psicológica permeada por profundas experiências emocionais e uma drástica mudança em sua forma de lidar com o mundo externo e consigo mesmo o capturam: são efeitos do numinoso que se fazem presentes em sua psique.

Frente a um universo de possibilidades transtemporais e transespaciais, compreendido a partir da extraordinária visão acerca da psique humana, na qual Jung imerge seus leitores, é possível imaginar que, de alguma forma, aquele cavaleiro cruzado do século XII, que no sonho de Jung volta à vida quando notado com um atencioso olhar, seja o próprio Caçador das Sombras que habita no interior dos seres humanos.



Por se tratar de uma pesquisa fenomenológica, a espiritualidade aqui estudada se ateuve ao domínio da psique humana. Se a espiritualidade é criação ou criadora da psique, ou ambos; quais e como são os limites da psique; são exemplos de indagações que fogem ao alcance dessa pesquisa. Dentro do espírito científico, pretende-se, com abertura e flexibilidade, ampliar e aprofundar os conhecimentos aqui apresentados junto à comunidade acadêmica em produções científicas, debates, seminários, aulas, etc. Além disso, o álbum *Temple of Shadows* e o material constantemente produzido pelas bandas de *metal* podem ser analisados interdisciplinarmente e ininterruptamente sem que se chegue perto de esgotar as possibilidades de estudo.

Espera-se que o leitor sintase entusiasmado a experimentar o *metal* enquanto um catalisador de poderes arquetípicos e que sua experiência possa ser partilhada, contribuindo para o avanço do conhecimento científico acerca da psique. Que esse mesmo avanço seja acompanhado de avanços na empatia e no entendimento entre as pessoas, e que também preserve o fascínio e a perplexidade do ser humano diante de si mesmo.

## REFERÊNCIAS

ALMAH. **Portal eletrônico da banda Almah**. 2016. Disponível em: <<http://www.almah.com.br/>>. Acesso em: 31 jul. 2018.

ALONSO, Priscila Valente. Música e arquétipo: ouvir música é arquetípico?. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ASSOCIAÇÃO JUNGUIANA DO BRASIL, 18., 2010, Curitiba. **Symbolon Artigos**. Disponível em: <<http://www.symbolon.com.br/artigos2.htm>>. Acesso em: 30 jul. 2018.

ANGRA. **Portal eletrônico da banda Angra**. Disponível em: <<http://www.angra.net>>. Acesso em: 31 jul. 2018.

ANGRA, **Temple of Shadows**. São Paulo: Paradoxx, 2004. 1 CD.

ANGRA: Temple of Shadows, a saga do Caçador da Sombra. **Whiplash.Net**. São Luís, MA, 9 set. 2014. Disponível em: <<https://whiplash.net/materias/biografias/209961-angra.html>>. Acesso em: 1 ago. 2018.

BACCHIOCCHI, Samuele. **O cristão e a música rock**: um estudo dos princípios bíblicos da música. Tradução de: The christian & rock music: a study on biblical principles of music. Michigan, Biblical Perspectives, 2000. Disponível em: <<https://musicaeadoracao.com.br/28269/o-cristao-e-a-musica-rock-indice/>>. Acesso em: 30 jul. 2018.

BITTENCOURT, Rafael. Página oficial do músico Rafael Bittencourt no Facebook. 15 nov. 2015. Disponível em: <<https://www.facebook.com/RBittencourtOn/posts/10153293976207333:0>>. Acesso em: 1 ago. 2018.

BLACK Magic: Slayer. . **Letras**. Belo Horizonte. Tradução de: Black Magic. Disponível em: <<https://www.lettras.mus.br/slayer/36803/>>. Acesso em: 31 jul. 2018.

BOFF, Leonardo. **Espiritualidade**: um caminho de transformação. Rio de Janeiro: Sextante, 2001.

\_\_\_\_\_. **Tempo de transcendência**: o ser humano como um projeto infinito. 3. ed. Rio de Janeiro: Sextante, 2000.

BUDWEISER: a verdadeira mãe do rock. Budweiser Brasil, 2016. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?time\\_continue=2&v=rign\\_7NQqk0](https://www.youtube.com/watch?time_continue=2&v=rign_7NQqk0)>. Acesso em: 31 jul. 2018.

CARDOSO, Diogo da Silva. O rock e o metal a serviço de Deus: o “lugar” e os territórios do movimento *underground* cristão brasileiro. In: SEMANA DE CIÊNCIAS HUMANAS, 6., 2010, Campos dos Goytacazes. **Anais...** Campos dos Goytacazes: IFFluminense, 2010.

CARL Gustav Jung – Questão do coração: a trajetória do fundador da Psicologia Analítica. Direção de Mark Whitney. Produção de Michael Whitney. Estados Unidos, 1983.

CASALETTI, Bárbara Burgardt. Música e espiritualidade: uma aproximação a partir do campo da educação. In: SIMPÓSIO DE ESTÉTICA E FILOSOFIA DA MÚSICA, 1., 2013, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre: UFRGS, 2013. p. 653-656.

CASTANEDA, Carlos. **O fogo interior**. Petrópolis: Vozes, 1984.

CLÁSSICOS: Angra – Temple of Shadows (2004). **Audiorama**. 2017. Disponível em: <<https://blogaudiorama.wordpress.com/2017/04/04/angra-temple-of-shadows/>>. Acesso em: 31 jul. 2018.

CRUSADER: Saxon. **Letras**. Belo Horizonte. Tradução de: Cruzader. Disponível em: <<https://www.lettras.mus.br/saxon/124361/>>. Acesso em: 31 jul. 2018.

DI BIASE, Francisco. **O Homem holístico**: a unidade mente-natureza. Petrópolis: Vozes, 2010.

DORST, Brigitte. **C.G. Jung**: espiritualidade e transcendência. Petrópolis: Vozes, 2015.

FILHO, João Bernardes da Rocha. **Física e psicologia**: as fronteiras do conhecimento científico aproximando a Física e a Psicologia Junguiana. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007.

FRANCO, Divaldo Pereira. **O ser consciente**: pelo espírito de Joanna Ângelis. Salvador: Livr. Espírita Alvorada, 1995.

FRANZ, Marie-Louise von. A ciência e o inconsciente. In: JUNG, Carl Gustav. **O homem e seus símbolos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008. p. 419-429.

FRUCTUOSO, Paulo Cesar. **A face oculta da medicina**. REDB STYLE Produções Gráficas Ltda, 2013.

GIOVANONI, Hermenegildo. **A importância do símbolo para a compreensão da religião e da arte segundo Carl Gustav Jung**. Juiz de Fora, 2009. 116 p. Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião)–Universidade Federal de Juiz de Fora, 2009.

GROF, Stanislav. **Psicologia do futuro**: lições das pesquisas modernas de consciência. Niterói: Heresis, 2000.

HILLMAN, James; SHAMDASANI, Sonu. **Lamento dos mortos**: a psicologia depois de O Livro Vermelho de Jung. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

INFINITE Dreams: Iron Maiden. **Letras**. Belo Horizonte. Tradução de: Infinite Dreams. Disponível em: <<https://www.lettras.mus.br/iron-maiden/69431/>> Acesso em: 31 out. 2018.

JUNG, Carl Gustav. **Memórias, sonhos, reflexões**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

- \_\_\_\_\_. **Símbolos da transformação.** Petrópolis: Vozes, 1986, OC. V.
- \_\_\_\_\_. **Estudos sobre Psicologia Analítica.** Petrópolis: Vozes, 2004, OC. VII.
- \_\_\_\_\_. **A dinâmica do inconsciente.** Petrópolis: Vozes, 2014, OC. VIII.
- \_\_\_\_\_. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo.** Petrópolis: Vozes, 2000, OC. IX.
- \_\_\_\_\_. **Psicologia em transição.** Petrópolis: Vozes, 2013, OC. X.
- \_\_\_\_\_. **Psicologia da religião ocidental e oriental.** Petrópolis: Vozes, 1988, OC. XI.
- \_\_\_\_\_. **Psicologia e alquimia.** Petrópolis: Vozes, 2012, OC. XII.
- \_\_\_\_\_. **Estudos alquímicos.** Petrópolis: Vozes, 2011, OC. XIII.
- \_\_\_\_\_. **Mysterium coniunctionis.** Petrópolis: Vozes, 1985, OC. XIV.
- \_\_\_\_\_. **A vida simbólica.** Petrópolis: Vozes, 2012, OC. XVIII.

KALICHESKI, Daniela. Remédio para a alma: espiritualidade é disciplina na faculdade de Medicina da UFF. **O Globo**, Rio de Janeiro, 30 jun. 2018. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/rio/bairros/remedio-para-alma-espiritualidade-disciplina-na-faculdade-de-medicina-da-uff-22836810>>. Acesso em: 31 jul. 2018.

KARDEC, Allan. **O evangelho segundo o espiritismo:** a explicação das máximas morais do Cristo em concordância com o espiritismo e suas aplicações às diversas circunstâncias da vida. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 1991.

\_\_\_\_\_. **O livro dos espíritos:** princípios da doutrina espírita sobre a imortalidade da alma, a natureza dos espíritos e suas relações com os homens, as leis morais, a vida presente, a vida futura e o porvir da humanidade. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 1999.

KUHN, Thomas S. **A estrutura das revoluções científicas.** São Paulo: Perspectiva, 2001.

LILITH'S Embrace: Ancient. **Letras.** Belo Horizonte. Tradução de: Lilith's Embrace. Disponível em: <<https://www.lettras.mus.br/ancient/155765/>>. Acesso em: 31 out. 2018.

LIMA, Jorge Antônio Monteiro de. Transdisciplinariade na Obra de C.G. Jung e suas influências na atualidade. **Plurais Virtual.** Anápolis, v. 5, n. 1, p. 61-80, jan.-jun. 2015. Disponível em: <<http://www.revista.ueg.br/index.php/revistapluraisvirtual/article/view/5195/3466>>. Acesso em: 1 ago. 2018.

MCGUIRE, William; HULL, Richard Francis Carrington. C.G.Jung. **Entrevistas e encontros.** São Paulo, SP: Cultrix, 1982.

MCPARLAND, Robert. **Myth and magic in Heavy Metal music.** Jefferson, NC: McParland & Company, 2018.

MEGADETH. **Portal eletrônico da banda Megadeth**. 2018. Disponível em: <<https://www.megadeth.com/>>. Acesso em: 31 jul. 2018.

MELHORES de 2004: A escolha dos usuários do Whiplash.Net. **Whiplash.Net**. São Luís, MA, 23 jul. 2005. Disponível em: <<https://whiplash.net/materias/melhores/004569.html>>. Acesso em: 31 jul. 2018.

MENDONÇA, André Luis de Oliveira. O legado de Thomas Kuhn após cinquenta anos. **Sci. stud.**. São Paulo, v. 10, n. 3, 2012.

MENDONÇA, Joêzer de Souza. O sagrado na MPB e na canção sacra: um olhar da teomusicologia. In: SIMPÓSIO BRASILEIRO DE PÓS-GRADUANDOS EM MÚSICA, 1. 2010, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: UNIRIO, 2010, p. 590-597.

MONTARDO, Deise Lucy Oliveira. **Através do “Mbaraka”**: música e xamanismo guarani. São Paulo, 2002. 276 p. Tese (Doutorado em Antropologia Social)–Universidade de São Paulo, 2002.

MORIN, Edgar. **Introdução ao Pensamento Complexo**. Porto Alegre: Editora Meridional/Sulina, 2005.

MOTHER North: Satyricon. **Letras**. Belo Horizonte. Disponível em: <<https://www.lettras.mus.br/satyricon/174798/traducao.html>> Acesso em: 31 out. 2018.

NEWELL, John Philip. **Christ of the Celts: the healing of creation**. San Francisco, CA: Jossey-Bass, 2008.

NICOLESCU, Basarab. **O Manifesto da transdisciplinaridade**. São Paulo: TIROM, 1999.

OLIVEIRA, Bosco; OLIVEIRA, Ingrid Constant. **Mitologia e vivências humanas**. Rio de Janeiro: Wak, 2009.

OLIVEIRA, Carlos Alberto de. Rosetta Tharpe: poucos sabem mas ela é a verdadeira mãe do Rock and Roll. **Whiplash.Net**, São Luís, MA, 13 jul. 2016. Disponível em: <[https://whiplash.net/materias/news\\_789/246296.html](https://whiplash.net/materias/news_789/246296.html)>. Acesso em: 31 jul. 2018.

PINHEIRO, Marcos Sorrilha; MACIEL, Fred. Blues: manifestação e inserção sociocultural do negro no início do século XX. **Outros Tempos**. São Luís-MA, v. 8, n. 12, p. 221-238, 12 dez. 2011.

RAMACHANDRAN, Vilayanur Subramanian. **O que o cérebro tem para contar: desvendando os mistérios da natureza humana**. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

REBIRTH: Angra. **Letras**. Belo Horizonte. Disponível em: <<https://www.lettras.mus.br/angra/1795/>>. Acesso em: 1 ago. 2018.

RESENHA: Temple Of Shadows – Angra. **Whiplash.Net**. São Luís, MA, 27 set. 2004. Disponível em: <<https://whiplash.net/materias/cds/003867-angra.html>>. Acesso em: 1 ago. 2018.

ROCHEDO, Aline. Um olhar sobre o livro, rock and roll: uma história social. **Cadernos do Tempo Presente**. São Cistóvão/SE, n. 13, p. 71-75, jul.-set. 2013.

ROCK & ROLL HALL OF FAME. **Sister Rosetta Tharpe**. Cleveland. Disponível em: <<https://www.rockhall.com/nominee/sister-rosetta-tharpe>>. Acesso em: 31 jul 2018.

ROGERS, Carl Ransom. **Tornar-se pessoa**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

SANCTUARY INTERNATIONAL. **Sanctuary International**. Disponível em: <<http://sanctuaryinternational.com/>>. Acesso em: 31 jul. 2018.

SANTOS, Jucéia Bispo dos. Etnicidade e religiosidade da comunidade quilombola de Olaria, em Irará (BA). **Revista Nures**. São Paulo, n. 13, set.-dez. 2009. Disponível em: <<http://www.pucsp.br/nures/Revista13/santos.pdf>>. Acesso em: 1 ago. 2018.

SAXON. **Portal eletrônico da banda Saxon**. Disponível em: <<http://www.saxon747.com/>>. Acesso em: 31 jul. 2018.

SHAMDASANI, Sonu. **Jung e a construção da psicologia moderna: o sonho de uma ciência**. Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2005.

SHORTO, Russel. **Os ossos de Descartes: a história do esqueleto por trás do conflito entre a fé e a razão**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2013.

SILVA, Maria Regiane da. **Ethnic Beat – o ritmo negro da música pop internacional-globalizada: um estudo de cartografias sonoro-musicais híbridas como memória, agenciamento e performance das identificações afro-americanas em contextos diaspóricos**. Goiânia, 2008. 121 p. Dissertação (Mestrado em Música)–Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2008.

SILVA, Nilton Sousa da. **O mito em Ernst Cassirer e Carl Gustav Jung: uma compreensão do ser do humano**. Rio de Janeiro: Litteris, 2002.

TAME, David. **O poder oculto da música: a transformação do homem pela energia da música**. São Paulo: Cultrix, 1984.

THE GODS Made Heavy Metal: Manowar. **Letras**. Belo Horizonte. Tradução de: The Gods Made Heavy Metal. Disponível em: <<https://www.lettras.mus.br/manowar/24332/>>. Acesso em: 31 out. 2018.

UNESCO. **História geral da África I: metodologia e pré-história da África**. 2010.

UNTIL The Light Takes Us, 2012. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=65TI03SuctE&t=450s>>. Acesso em: 31 out. 2018.

VAZ, Wagner de Menezes. **O eclipse do sagrado**: um estudo sobre a imagem de Deus na contemporaneidade. Seropédica, 2014. 87p. Dissertação (Mestrado em Psicologia)– Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, 2014.

## ANEXO A – Conteúdo literário original do álbum Temple of Shadows (em inglês)

### Deus le Volt!

This record describes - in few words - the saga of a knight crusader known as The Shadow Hunter, who joins the army of the Pope on the late XI century. During his saga, his mind is often perplexed by the antagonism of the Holy War and afflicted by visions that conflict with his devotion to the Church,

The beginning of the second millennium has a lot in common with our times. The world was rapidly changing. The Roman Empire's sovereignty was succumbing to the rising power of Muslims, Jews, Christians and pagan conquerors. As the Roman domain was falling apart, local wars were frequent and the domination of the territories changed on almost every decade. For different reasons, these uprisings groups wanted to rule Jerusalem (so-called Holy Land for the three main religious nations and a very important commercial center).

The cities in Europe and in the Minor Asia have become very populated; jobs were hard to find; and the people became unemployed and inactive. That scenery made very easy for the Pope Urban II to raise an army of European Crusaders to conquer the land where Jesus was once crucified. Lost and confused - due to the turbulent times - they were easily led by the ideals of salvation proposed by the Church. However, the mass of ignorant and fanatic soldiers went out of control, in total anarchy applied brutal and merciless methods of devastation. The atavistic instinct of the recent Christianized people brought up the hatred and the fear of living on that period. After one thousand years the religion of Christ has become a paradox, killing and torturing men to inflict the ideals of fraternity. It was absorbed, mixed and adapted to the roman imperialistic culture and Interests.

...And from the crowd, a shout is heard, "Deus le Volt"

### Spread Your Fire

The crusader meets a Jewish Rabin; an old blind oracle with frightening looks who acknowledges that the voyager has been chosen by God to bring light to the eyes of people who can't see. He hands the crusader a book of blank pages eagerly shouting, "Spread your Fire! burn the temples down!". The oracle's voice resounded in his ears lunatic and senseless for years.

Woke up to life not long ago  
You think your mind is in control?  
God will take it back someday

It's not so hard to understand  
They say the world has good and bad  
Father Universe brings Love and Hate

Glorious - You'll lead the way  
To free the world from these chains  
Glorious - Your story now begins, Oh!  
Fire!  
Unleash the angel of the Light  
Thank him for bringing us to life



Lucifer is just a name!

We are the only ones to blame  
Just look around, I'm not insane!  
Satan is a child of our God

Glorious - Don't be afraid  
To lead the way with thy sword  
Glorious - You are the chosen one. Go!

Spread your fire

Salve ara, salve victima  
Spread your fire  
De passionis gloria  
Spread your fire  
Qua vita mortem pertulit  
Spread your fire  
Et morte vitam reddidit

Glorious - Don't be afraid  
To lead the way with thy sword  
Glorious - You are the chosen one. Go!

Salve ara, salve victima  
Spread your fire  
De passionis gloria  
Spread your fire  
Qua vita mortem pertulit  
Spread your fire  
Et morte vitam reddidit

## **The Shadow Hunter**

On a brothel-tavern, a gypsy prostitute sees in the eyes that he is the chosen one and reads him cards instead of giving him carnal pleasure. "The words of the old man won't have any sense until you find the morning star", says the prostitute. "Your mission is important, but it is not in the army". The voyager is desperately seeking for redemption to his mind and spirit, like a roaming wolf seeks for food. She fills him with doubts; saying that love will drag him out of his path.

...During the conquest of Xerigordon Fortress, The Shadow Hunter is injured and has to run away to escape from the troops of Kilij Arslan. Loosing blood, he collapses before getting back to Constantinople. He dreams about the lost scrolls hidden in the ruins of the Temple of Solomon and inside lost caves by the Dead Sea.

I remember the blood on his hands  
So ashamed regretting his faults  
So defenseless he came from the darkness  
We spoke and had a good talk

Dark old hat reminds me of someone  
I find hard to recall  
Bowed his head surrendering to sorrow  
Wears the face of war  
Desperate cries:

(Desperate cries)  
 Running in circles  
 (Mourning in vain)  
 Resigning to terror  
 (A sinful warfare)  
 A sinful warfare  
 (Innocents die)  
 Lost in the faith from my fragile heart...  
 ...From my heart

Wearing black, a bow without arrows  
 God, have mercy on his soul  
 Eyes of dread, entrenched in horror  
 My devotions are gone!

(Desperate cries)  
 Running in circles  
 (Mourning in vain)  
 Resigning to terror  
 (A sinful warfare)  
 Atrocious attack  
 (Atrocious attack)  
 My crusaders faith  
 Drowns in religious blood  
 But I'll fight till the end  
 Gonna find my Holy Grail

Running blind against the faith  
 Reason slips away  
 Churches falling like castles on the sand  
 Ends the Holy War  
 Have the good for bad.

(What does a man gain from his work?  
 Under the sun where he labors

What is so good for a man in life?  
 During his days he's just like a shadow

Vanitas! Vanitas! Utters the oracle  
 A chasing after the wind

Meaningless! Meaningless searches for wisdom  
 Everything is in vain like your hunting for shadows)

Lost my pride, fought in vain  
 Had to find reasons to my pain - Oh!

Running blind against the faith  
 Running blind again  
 Church is falling like castles on the sand  
 Ends the Holy War  
 Jesus was a man

With a heart, with a mind  
 With a body, with a soul  
 So divine as your own

God has no mind, has no heart  
Has no body, has no soul and no resemblance of you.

No!  
(Like chasing the wind...)

### **Morning Star**

When he wakes up, two Muslims men are carrying him away on a type of hammock hanging on a long piece of wood. Weak and frightened he can't react. Right above his head, while the sun is dawning, the Morning Star shines in the new day's sky. The six-points-shaped star presents a cross and the trident together as one. He understands the first sign as the wolves are howling. At that very moment, the first prophecy is accomplished. He will find out later, that the two men are brothers. They have decided to carry him to their house since they found him lying stained with blood on the ground.

...In the Muslim family house, their lovely sister Laura will take care of the crusader's wounds.

Dawning time  
Lights a new beginning  
On the shadows of your eyes  
Hurts inside  
Wounded heart is healing  
After all you will survive

All the time I was lost in the desert  
Counting what was left from the  
Illusions in my mind  
Hopeless fights  
Foolish thoughts we were in heaven  
till we die, oh!  
Death will bring us back  
where we belong  
Now you must decide before the  
Dawn is brightening up the day  
Announcing in the sky  
the Morning Star

Nothing left to loose  
I am going on my way tonight  
(On my way and...)  
Shouting to the moon  
I'll be roaming till I find the Morning  
Star - Oh!!!  
Another chance you waste  
I'm the owner of my days  
I'll be howling through the night till  
the end of time.

Look out!

All this time I was lost in the desert  
Got to get away!

Now I must decide before the  
 Dawn is brightening up the day  
 Announcing in the sky  
 the Morning Star!

Nothing left to loose  
 I am going on my way tonight  
 (On my way and...)  
 Silent like the moon  
 I will wonder till I find the Morning  
 Star - Oh no!!!  
 Another chance you waste  
 Cause I'm going on my way tonight  
 (On my way and...)  
 Shouting to the stars  
 I'm the owner of my days  
 I'll be howling through the night till  
 the end of time. Oh!  
 End of time!  
 Shouting to the stars!

### **Wishing Well**

The crazy Rabin keeps appearing on his dreams. "It makes no difference if you throw your coins into the Wishing Well, or save your prayers inside a marvelous church filled of gold. All that matters is the faith inside you! If there is a God, He has no home; He is everywhere!"

Close your eyes, what do you see?  
 Takes a while to believe  
 Feel the wind kissing your chin  
 Hold your cries make your wish  
 Dream away, breath...

Why did it take so long to understand?  
 Black sheep of the flock will soon be banned  
 Don't lose your hope, wish away

(Journey to the sacred ground of Dreamland)  
 To one's heart's content I'll be free again  
 (Visions telling secrets on the Dreamland)  
 And my fortune ends in the Wishing Well

Close your eyes what do you feel?  
 Hold your cries keep it still  
 Where am I? Why am I here?  
 Reasons where  
 Reasons why

(Journey to the sacred ground of Dreamland)  
 To one's heart's content I'll be free again  
 (Visions telling secrets on the Dreamland)  
 And my fortune ends in the Wishing Well

Oh! Who knows the truth in this world?

(Journey to the sacred ground of Dreamland)  
 To one's heart's content I'll be free again  
 (Visions telling secrets on the Dreamland)  
 And my fortune ends in the Wishing Well  
 Close your eyes, what do you see?  
 Make your dreams come true again  
 Where am I? Why am I here?  
 Dreaming is believing, your wishing well

### **Waiting Silence**

The man falls in love with the young Muslim lady, and finds himself divided between the warmth and comfort of a humble life and his hunger for wisdom.. He is writing his dream and revelations on the empty book given by the Jewish oracle as his two sons are growing up . Four years have passed and his happiness seems to be a gift from God, waving deep into his heart. No other feeling could be greater than to hold and protect his beloved ones. Yet, he isn't complete. Should he share his knowledge and revelations? Would people care? And, as the great meanings of life are unveiling to his eyes, the Shadow Hunter is tormented by an extreme anxiety. The urge for shouting reminds the moments prior to the troops' attack. A disturbing Waiting Silence, hovering seconds before the desperate screams.

Caught in space and time  
 Like a bird in a cage  
 Cruelly confined  
 In a passing matters state

You suddenly realize  
 That the wrong is the right  
 Daring the laws  
 Ready to put up a fight  
 But...

Love will drag your heart away  
 To a world where dreams are made  
 Can't hide away  
 When your helpless mind obeys

Together we wait in silence  
 (Still are the cries)  
 Forever the fate is hungry  
 for your soul  
 Together we wait in silence  
 (Still are the cries)  
 Worth your while until you're gone

All the secrets of life reveal  
 To my eyes I can't conceal  
 And again I fly away  
 To a world where dreams are made

Together we wait in silence  
 (Still are the cries)  
 Forever the fate is hungry  
 for your soul  
 Together we wait in silence

(Still are the cries)  
Worth your while until you're gone

Life's too short to grieve in sorrow  
(Still are the cries)  
Fate is waiting for your soul  
(Secrets inside)  
Live your life like no tomorrow  
(Still are the cries)  
Worth you're while until gone

Fate's gonna take your soul!

### **The Temple Of Hate**

July of 1099, Jerusalem was stormed by the army of the Holy Roman Church; which atrociously annihilated every single inhabitant. The poor man's wife and two children were among the dead; cruelly killed by the insane Christian soldiers. "The entire population of the Holy city was put to the sword, Jews as well as Moslems, 70,000 men, women and children perished in a holocaust which raged for three days. In places men waded in blood up to their ankles and horsemen were splashed by it as they rode through the streets. Weeping, these devout conquerors went barefoot to pray at the Holy Sepulcher before rushing eagerly back to the slaughter." - Desmond Seward, The Monks of War.

The Reign of Jerusalem was founded upon the fanatic, intolerant and ignorant ideals of The Temple of Hate, against the will of those who lived in the Holy Land before their invasion.

Nations battle on the field across the lands  
Ruthless - stealing territories from our hands  
Anger throwing down the victims to the ground  
Cold blood younger soldiers weeping with no sound

Revolution striking down right now!

Blind fools fighting for the power to command  
Flag poles threading down the freedom of our men  
Innocence dying by the fury of the sword  
Poor men falling before saying their last words

Revelation code XI  
Striking over us

Sounds of revolution  
Freedom is proclaimed

Bells announcing changes for the better  
in the temple of hate  
The Temple of Hate!  
Satan awaits!

Revolution we have waited  
Burning down our souls

Sounds of revolution

Freedom is proclaimed  
 Bells announcing changes for the better  
 in the temple of hate  
 Satan awaits!  
 The Temple of Hate!

### **No Pain For The Dead**

While he is burying his wife and children, the widower knows that he will have to carry that awful pain for life. All the great moments they had together, vanished at once and converted into sad memories only. It is always better for those who leave than for those who stay. As he stares at his son's pale face in the coffin, he realizes how sublime it is to be free from the vain mortal feelings. Thus, there will be No Pain for the Dead.

Standing by his coffin  
 Thoughts have gone astray  
 Life is just a burden  
 Carry yours away  
 Wipe the tears that fall  
 Moments recalled in the

Child's eyes  
 Watch the world go by  
 Flying through the stars  
 Won't hide the scars

Always  
 Mourning cries  
 Wasted in this world  
 I'd never realized  
 Smiles in the falling rain

Wash the tears away  
 Face the angel of death  
 Soon your time will be over  
 Your salvation is ahead  
 That's why I said

There is no pain for the dead  
 Dying now  
 Hourglass counts down  
 Leaving this world  
 Your destination is

Hiding mourning time  
 Face up to the world  
 Another day passes by  
 Living our minutes in vain  
 Wipe the tears away

(Triumph for the martyrs of the war  
 Fallen for the causes of the others...  
 Worth the sacrifice?  
 Heroes are dying now  
 Hearing their mothers cry

Heaven is a metaphor  
Free your mind and spirit)

Mother Earth, do you part take my  
soul, oh no!  
Water, wind and fire...  
Will take our spirits away

(Victims of Sacrifice)  
Face the Angel of Death  
(Struggling to survive)  
Soon your time will be over  
(Revolution remains)  
Your salvation is ahead  
It's not so sad  
There is no pain for the dead  
(Struggling to survive)  
Liberation of soul  
It's not so sad  
There is no pain for the dead, oh!  
...No pain for the dead

### **Winds Of Destination**

In 1123, two noble men from Europe and seven Knights Crusaders were nominated to guard the ruins of the Temple of Solomon and to protect the Christians who came to visit the holy places. They were called Templar. Down the tunnels of the temple wreck they found relics and manuscripts which contained the essence of the secret traditions of Judaism and ancient Egypt, some of which probably went back to the day of Moses. Freedom of intellectual thought and the restoration of one and universal religion was their secret object. To the eyes of God, every life manifestation is the same. There is no special path prepared for us. A human being isn't worth more than a whirlwind carrying fallen leaves. We're all being carried by the same Winds of Destination.

Blood is flowing on the ground  
Like a river branching red lines  
Anguish is all around  
Hope yielding to despair

Life is a circumstance  
Any minute slips away  
God, please look upon us all  
Do you give a damn?

Dancing in the air  
Spinning leaves in circles giving  
pleasure to my eyes  
Sadden my delight  
When the joy is over laying scattered  
on the ground

Oh! The sun will rise  
The beginning of creation  
Oh! Into the skies  
On the Winds of Destination



Carry us away...

Secret ark of Solomon  
Hidden in the temple wreck...  
for the king  
Many years and centuries  
Till seven knights from the order

Down the tunnels of the past  
Learning from the undisclosed...  
all the way!  
Holding dreams on zealous hands  
All those archives  
Lost and wasted  
Somewhere in the battle fields

Farewell to common world  
Templars are watching  
and guarding the scrolls  
Shields of faith the knights behold  
All Manuscripts of the sacred  
laws are there

Dancing in the air  
Spinning leaves in circles  
Giving pleasure to my eyes

...arise!

Oh! The sun will rise  
The beginning of creation  
Oh! Into the skies  
On the Winds of Destination  
Carry us away

Old leaves will be falling  
Old trees will remain  
Whirlwind carries you away  
For tomorrow be the same

## **Sprouts Of Time**

The Shadow Hunter starts a new religion, gathering people around him to spread the truth for him revealed. Words of peace and love sowed like seeds in the hearts of the wise; but fruitlessly dropped on the rocky soil of the hearts of the blind. 2The future is a consequence of what we do now. The present exposes the Sprouts of Time.

I lay my eyes in the past  
From the first day to the last  
Several things we had to learn  
Countless mistakes from times of yore

Now we restart, we recreate  
Your present is your fate

Don't turn your backs on mankind!

Only yourselves you wanna save  
 Ignorance burns just like a fire  
 Consuming people on its flame

Fellow creatures, so wonderful!  
 So different and so grand

Sprouts of time  
 The roots evolving  
 The seeds for the future  
 were scattered yesterday  
 Tomorrow's harvest field we plant  
 today  
 Your crown will ever last  
 The tall trees of life

(Life experience)  
 Break your shell reach the light!  
 (Mind and soul)  
 Find your path to the skies  
 (Will come around on a thunder sound)  
 Raging with power and fury the new  
 born world

Sprouts of time  
 The roots evolving  
 The seeds from the past  
 branching out  
 Growing forever

Hands on heart  
 Embrace each other  
 The dances, the faces, the smiles  
 Behind the past

New seasons bring the chance  
 To start again  
 Tall trees will ever last  
 The circles of life

## **Angels And Demons**

Rumors come to the ears of the cardinals and the Pope. "A knight from the order of the temple has gone crazy and is claiming to be the new Jesus! Many of the peasants from the villages seem to be following the man." ...For threatening the catholic hegemony he is persecuted, captured, tortured, kept in prison, judged and sentenced to death. In front of the cardinals, the culprit humbly explains how Angels and Demons disguise, then he pronounces his famous Theory of Light based on the forgiveness of Satan, the absence of God, the Athiest Love and the Gnosis. "No absolute truth can exist in a conscious mind, because every single thought is submitted to an individual and arbitrary judgement.

Dreams - sensations you prove  
 Are taken from nature  
 You find those emotions are true in your mind

Fight against the kingdom of fear  
 Sooner or later they'll try to convince you are wrong  
 But I'm sure..  
 We're just

Crawling Angels and Demons disguised  
 The truth you don't know so try to be sure  
 When your Angels and Demons arise  
 Face the Truth: God is not love!  
 Feel as fluid as life,  
 Love is a rainbow  
 As much as it seems to be real  
 It's all in your mind

Sooner or later I'm gonna convince that  
 The truth is a lie  
 There's no Judge when we die  
 Only dust  
 We're just  
 Crawling Angels and Demons disguised  
 The truth you don't know so try to be sure  
 When your Angels and Demons arise  
 But we're still not sure which way we should go  
 When the Angels and Demons disguise  
 Just confusing our brains with their lies  
 Enticing emotions  
 Revolting devotions  
 The Angels and Demons telling me lies!

### **Late Redemption**

During the last moments on the life of this crusader, he is still questioning: "Was I right? Was I wrong?" Memories and thoughts twist his mind. The prisoner is being visited by angels. Or are they demons? Who knows? How can the purest heart judge evil? The Angel of Death stretches his arms and offers a comfortable eternal silence. The Shadow Hunter delivers his body and soul, sure of his Late Redemption.

You wasted all your chances  
 To find yourself lost and lonely  
 Were so foolish  
 You were selfish  
 Much too blind to realize  
 You messed up your own life...

I go on counting my days  
 And I'm not afraid anymore  
 I ask you, I beg you  
 When my time comes  
 My rest, my peace

Sing an unknown song  
 Positioning with hope  
 the hearts around you  
 Plant more memories in your life  
 Death is calling you  
 Now or never!

Nothing but love is what it seems  
 Please the ones you love  
 before you miss'em  
 All my pain in my pray  
 Win my chances back cause  
 Life is short but it's never late!

Time that passed  
 It's time to find Redemption  
 Won't come back anymore  
 Only love defies the Resurrection  
 All that is gone  
 Mark my words: God's abandoned this world!

Would I live again?  
 What's the new religion? Yeah!  
 And what shall be the bread?  
 Really I don't give a damn!  
 Never wanna live again  
 In this vain emotion  
 Over for me!

Sing a lullaby now I remember  
 Tempo que se foi e não se esquece mais  
 Time that's gone won't be forgotten  
 Memories are twisting in my mind  
 Win my chances back  
 Cause life is short but it's never late

Time that passed  
 It's time to find Redemption  
 Won't come back anymore  
 Only love defies the resurrection  
 All that is gone  
 Mark my words: God's abandoned this world!  
 All my pain  
 My destiny is over  
 Will never come anymore  
 And this hope above your comprehension  
 Time that's gone  
 Is the love you've been dreaming so long  
 Over for me.  
 Never...  
 ...Everything is over

### **Gate XIII**

...Life consuming lives to keep living. Ends for one, continues for all. The snake eats its tale. The cycle restarts...